

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

RAFAEL VARELA CARDOSO

**A PRÁTICA JORNALÍSTICA: O COTIDIANO E AS CONDIÇÕES DE
PRODUÇÃO DOS REPÓRTERES QUE COBREM POLÍTICA EM
EMISSORAS DE CANAL ABERTO DO RIO GRANDE DO SUL**

SÃO LEOPOLDO

2015

Rafael Varela Cardoso

**A PRÁTICA JORNALÍSTICA: O COTIDIANO E AS CONDIÇÕES DE
PRODUÇÃO DOS REPÓRTERES QUE COBREM POLÍTICA EM
EMISSORAS DE CANAL ABERTO DO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de mestre em
Comunicação, pelo Programa de Pós-
Graduação em Comunicação da Universidade
do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Área de concentração da linha de pesquisa
Linguagem e Práticas Jornalísticas.

Orientadora: Prof^ª Dra Beatriz Alcaraz Marocco

São Leopoldo

2015

C268p

Cardoso, Rafael Varela

A prática jornalística: o cotidiano e as condições de produção dos repórteres que cobrem política em emissoras de canal aberto do Rio Grande do Sul / Rafael Varela Cardoso. – 2015.

96 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2015.

"Orientadora: Prof^a. Dr^a. Beatriz Alcaraz Marocco."

1. Imprensa e política – Rio Grande do Sul. 2. Jornalismo – Aspectos políticos – Rio Grande do Sul. 3. Reportagens e repórteres. I. Título.

CDU 070:32(816.5)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252)

Incluir a Folha de aprovação

AGRADECIMENTOS

Por circunstâncias de ordem particular houve um momento, na metade do curso de pós-graduação, em que cheguei a acreditar que a atitude mais acertada seria desistir. Especialmente depois que estive em vias de mudar de Estado por conta de uma nova proposta de emprego e de me certificar que para onde eu iria, Curitiba, não havia unidade da Unisinos que me permitisse continuar o mestrado. Definitivamente esta não era a atitude mais correta. Continuar na capital gaúcha compensou executar este projeto (um sonho que alimentava desde a graduação) e, no campo profissional, não foi tão mal assim. Às vezes é só uma questão de paciência.

Mas a decisão de continuar esta trajetória está ligada ao olhar sensível e a preocupação de algumas pessoas muito especiais. Entre elas, minha mãe, Maria Josina, que sempre soube empregar aquele discurso que serve para “sacudir” no momento oportuno. Desta vez não foi diferente. Também preciso agradecer à minha irmã Suelem, que me mostrou o quanto é importante colocar-se em primeiro lugar nas batalhas da vida. E, claro, devo agradecer à minha professora e orientadora, a doutora Beatriz Marocco, por todo o aprendizado, especialmente sobre entrevistas, rotina jornalística e saberes que circulam na redação.

À professora e amiga Heloisa Helena, dos tempos de ensino fundamental, meu carinho e agradecimento por ter dedicado mais uma vez seu tempo para revisão ortográfica desta pesquisa, como fez com o meu trabalho de conclusão de curso da graduação.

Meu muito obrigado aos entrevistados, que encontraram uma brecha em suas agendas atribuladas para falar da rotina de reportar política na tevê e nos ajudaram a entender melhor como funciona a editoria de política.

Evidente que não poderia deixar de citar a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que acreditou neste projeto e confiou uma de suas bolsas, tão disputadas entre mestrandos e doutorandos, a mim. Antecipadamente agradeço à banca examinadora de defesa, aos professores Fábio Cruz e Cristiane Finger, que atenderam, mais uma vez, ao convite para participar da avaliação deste trabalho, depois de passar por aperfeiçoamentos.

Aos familiares, de quem abdiquei horas de confraternização, e aos amigos, de forma particular a também mestrandas Liége, à Bruna, Amanda, Lud e Clau, quero agradecer pelo

incentivo e por nunca terem deixado de acreditar neste projeto e no amor que tenho pelo jornalismo, e por saberem, melhor que ninguém, o quanto eu acredito que com exercício jornalístico sério e comprometido podemos ajudar a entender a política e seus meandros.

RESUMO

O presente trabalho pretende mostrar como funciona a prática jornalística pela ótica do repórter que cobre política. As condições de produção dos repórteres que trabalham nesta editoria, em emissoras de televisão sediadas em Porto Alegre, devem nos ajudar a compreender o cotidiano dos profissionais. Buscamos investigar a relação entre o pensar jornalismo político nos bastidores e a notícia veiculada na tevê e entender de que forma as condições de produção podem afetar na construção da notícia. Visando uma melhor compreensão de possíveis dificuldades na elaboração de reportagens e dos tensionamentos na produção da notícia, o respectivo trabalho adota a entrevista semiestruturada como procedimento metodológico para o entendimento da prática e explora a cobertura das manifestações de junho de 2013, realizada por estes profissionais. Na compreensão dos entrevistados, trata-se de um engajamento que se deu mais por motivação das massas do que pelo propósito de mudanças. Além disso, a pesquisa aponta que a tevê apresentou dificuldades de entender as manifestações e mostra o descontentamento da maioria dos entrevistados com a forma como as reportagens foram conduzidas. Mostra, ainda, que o descrédito na política é considerável.

Palavras-chave: Jornalismo político. Emissoras de canal aberto. Rio Grande do Sul. Manifestações de Junho.

ABSTRACT

The purpose of this study is to show how the journalistic practice works from the perspective of the reporter covering policy. The production conditions of the reporters working in this editorial, in television stations based in Porto Alegre, should help us to understand the daily life of these professionals. We seek to investigate the relation between the thinking of political journalism behind the scenes and the news broadcasted in TV and understand how production conditions can affect the construction of the news. For a better comprehension of possible difficulties in the preparation of reports and tensions in news production, this research uses the semi-structured interview as a methodological procedure for understanding the practice and explores the coverage of the events of June 2013, made by these professionals. According to the respondents, it was an engagement that gave more motivation for the masses than the purpose of change. In addition, the results suggest that TV had difficulties to understand the demonstrations and show the discontent of the majority of interviewees regarding how the reports were conducted. It shows that the desperation in politics is considerable.

Keywords: Political journalism. Open channel stations. Rio Grande do Sul. June manifestations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 A Decisão de Explorar o Jornalismo Político	11
1.2 O Problema de Pesquisa.....	12
1.2.1 A Trajetória	12
1.2.2 Readequações da Pesquisa	12
1.2.3 Refinando o Problema e Objetivos	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 As Marcas da Consciência Discursiva	16
3 METODOLOGIA	19
3.1 Entrevista: para entender a prática jornalística e sua importância na pesquisa	19
3.2 O Perfil dos Entrevistados	20
4 ANÁLISE DA PESQUISA.....	21
4.1 A Linha Editorial das Emissoras pela Ótica dos Repórteres que Cobrem Política ...	21
4.1.1 RBS TV	21
4.1.2 TVE	21
4.1.3 BANDEIRANTES	21
4.1.4 SBT	21
4.1.5 RECORD	22
4.2 Semelhanças na Rotina dos Repórteres	22
4.3 Diferenças na Rotina dos Repórteres.....	25
4.4 A Cobertura das Manifestações de junho de 2013.....	29
4.4.1 Pela Ótica da Repórter da TVE	29
4.4.2 Pela Ótica do Repórter do SBT	30
4.4.3 Pela Ótica do Repórter da TV Bandeirantes	31
4.4.4 Pela Ótica da Repórter da RECORD	32
4.4.5 Pela Ótica do Repórter da RBS TV	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE A - AS SEMELHANÇAS NA ROTINA DO REPÓRTERES	39
APÊNDICE B - AS DIFERENÇAS NA ROTINA DOS REPÓRTERES	40
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO 1: ENTREVISTA COM OS REPÓRTERES.....	41
APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO 2: ENTREVISTA COM OS REPÓRTERES/ MANIFESTAÇÕES JUNHO 2013	43

O discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras. Toda a palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz. Jamais deve ser entendida ao pé da letra, numa transparência ingênua, mas como resultado de uma estratégia cujo enunciador nem sempre é soberano.

Patrick Charaudeau

1 INTRODUÇÃO

No capítulo a seguir, vamos falar sobre as motivações de explorar o jornalismo político, os interesses em pesquisar esta editoria do jornalismo e mostrar que esta ideia vem sendo amadurecida desde a época da graduação no curso de comunicação social. Além disso, vamos abordar alguns autores que fazem parte de nosso referencial teórico.

1.1 A Decisão de Explorar o Jornalismo Político

Escrever sobre política, um tema que influencia o cotidiano de todas as pessoas, é complexo e exige fôlego tanto para quem se debruça sobre o tema na condição de mestrando, quanto para o repórter que faz reportagens e vive os bastidores da notícia.

Ao ingressar no Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCC) da Unisinos, uma das certezas que norteavam esta pesquisa era a de trabalhar política e jornalismo, mais precisamente a política institucional (partidária) e o dia a dia dos repórteres que cobrem o tema. O interesse em pesquisar este campo do jornalismo, o jornalismo político, sempre esteve respaldado no descrédito que percebemos nas pessoas quando se fala em política, ancorado em escândalos de corrupção ou desvio de dinheiro público. Desde o começo de 2015, por exemplo, os escândalos de fraudes na Petrobrás¹ monopolizam o noticiário.

A descrença a que nos referimos, evidentemente, faz parte de um universo particular; das pessoas que circulam em nosso meio social (amigos e família). Mas e quem cobre esta área do

¹ Maior estatal do Brasil.

jornalismo também pensa assim? A partir deste questionamento, o problema de pesquisa parecia se desenhar.

Entretanto, somente depois de cursar disciplinas como crítica das práticas jornalísticas e dos primeiros encontros de orientação, foi possível perceber que para entender melhor o tema poderia ser produtivo adotar a perspectiva da prática jornalística e tentar compreender o cotidiano do jornalista que cobre política.

Nos colocamos do outro lado da redação, tomando distanciamento da condição de repórter, função exercida por cinco anos depois de formado, de 2008 a 2013 no jornal Zero Hora e nas tevês Nativa² e Ulbra³.

Na condição de pesquisador-jornalista, pudemos verificar que o repórter que faz matérias de política cobre bastidores em que muitas vezes eclodem escândalos de corrupção, desvio de dinheiro público e suborno. Geralmente, este tipo de notícia está em destaque, na abertura dos telejornais.

A busca por informações confiáveis é um desafio para qualquer repórter, já que o campo do jornalismo político, assim como outros setores, é minado por disputas de poder. Denunciar qualquer deslize exige, no mínimo, muita investigação, fontes confiáveis, além de municiar-se do maior número de informações possível sobre o assunto. Aliás, isto vale para qualquer área do jornalismo. De acordo com Martins (2005, p. 49) “como o jornalista, muitas vezes, não tem um ponto de partida seguro para a apuração, a primeira providência é reunir grande massa de informações que lhe permita aproximar-se dos fatos.”

Garantir que as pessoas se interessem pelo noticiário político levando em consideração o cenário descrito acima não é uma tarefa simples para o jornalista. De acordo com Bourdieu (1997) a própria natureza do meio acaba por banalizar a política e os políticos. Lima (2013) corrobora com esta ideia ao lembrar que a televisão, desde que se tornou “mídia de massa”, contribui no sentido de reforçar a desqualificação não só da política mas, também, dos personagens que fazem parte deste universo.

Não se pode ignorar a construção de uma cultura política que desqualifica sistematicamente as instituições políticas e os próprios políticos. Mais importante:

² Emissora pelotense que foi afiliada à Rede Record até 2011. Atualmente exhibe videoclipes da Top TV.

³ Emissora da Universidade Luterana do Brasil, sediada em Canoas.

não se podem ignorar os riscos potenciais para o regime democrático quando é essa a cultura política que prevalece. (LIMA, 2013, p. 161-162).

O autor lembra, ainda, que a mídia tradicional, quando noticia sob a bandeira do “exclusivamente denunciatório”, colabora para estabelecer na sociedade uma ligação estreita “entre a desmoralização da atual conjuntura e a substância mesma dos regimes democráticos” (LIMA, 2013, p. 163). Ele não exime, entretanto, a classe política de sua responsabilidade com relação a casos de corrupção ou situações do gênero. Inclusive, destaca o esgotamento de instituições tradicionais das democracias representativas. Porém, reforça – isto sim – o papel da mídia como propagadora de notícias que tendem a colocar luz somente nesta temática (corrupção) poupando, assim, outros setores. Comungamos do ponto de vista do autor, porque, em geral, é isto que se observa se depositarmos um olhar mais atento sobre os telejornais das grandes emissoras.

Outro aspecto a se destacar tem a ver com as concessões de televisão no Brasil. “O resultado é que o vínculo entre as comunicações e as elites políticas,⁴ sobretudo regionais e locais, deixou raízes profundas no país – e esta é uma característica que certamente vai existir ainda por muitos anos”. (LIMA, 2001, p. 106-107).

Vale lembrar que as emissoras de rádio e televisão no Brasil são concessões públicas. Fazem parte da mesma categoria dos serviços rodoviários e ferroviários, por exemplo.

Empresário ou políticos que detém tais concessões ditam as regras, obedecidas por todos os setores, inclusive o jornalístico. Levando em consideração situações desta natureza, a presente pesquisa começa na tentativa de identificar quais são os tensionamentos com que o jornalista que cobre política se depara.

Mas, afinal, a tevê mostra ou esconde? A provocação feita por Porcello (2006) nos instiga a refletir sobre o conteúdo exibido por este veículo de comunicação, tomando como base as notícias dos telejornais. O objetivo dos “operadores de TV”⁵, de acordo com o autor, é ganhar a atenção do público evitando, assim, que ele perca o interesse e troque de canal

⁴ Até hoje, dezenas de políticos são donos de rádio e tevês. A Constituição Federal de 1988, no artigo 54, refere-se à proibição da concessão de frequência em rádio e TV. Entre outras coisas, diz a legislação, o parlamentar não pode ser dono de “concessionária de serviço público”.

⁵ O autor refere-se aos profissionais responsáveis pelo material que vai ao ar, como os produtores.

É indiscutível a influência da TV na formação de opinião por parte do público. Mais do que informar, ela forma conceitos e opiniões. E todos querem ter uma opinião formada sobre os assuntos do dia-a-dia. Ninguém, do mais culto ao que tem menos formação, quer passar por desinformado ante os fatos que estão em discussão no cotidiano das pessoas. (PORCELLO, 2006, p. 82).

A tela que mescla luz, imagem e som pode omitir informações ou deturpar, seja através das notícias dos telejornais ou da ficção de uma telenovela. Agora, é fato que no imaginário popular se “deu na tevê, ocorreu, é realidade”. E quando o assunto é jornalismo político, que recorte os repórteres que cobrem esta editoria vem mostrando? Que dificuldades têm encontrado? E como precisam se preparar para proceder às reportagens políticas? É o que veremos nas linhas a seguir.

O comentarista político e ex-ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social do governo Lula, Franklin Martins⁶, em *Jornalismo Político* – uma espécie de manual para os profissionais que cobrem esta área – parte de uma premissa básica: o primeiro passo para cobrir política é gostar da área.

Para Franklin Martins cobrir política é um trabalho que exige entrega do repórter. É necessário ter prazer no que se faz. Ter o hábito de ler jornais, estar atento à internet, trocar informações entre os colegas, ouvir o maior número de pessoas possível. Qualquer informação, por mais simples que seja, pode ser importante. O jornalista também ressalta que é preciso conhecer a biografia dos políticos ou candidatos, especialmente em se tratando de cobertura de campanha eleitoral. “Conhecer o estilo de cada um deles é fundamental para avaliar corretamente o significado de seus gestos no cotidiano”. (MARTINS, 2005, p. 66).

A cobertura política costuma obedecer a um ciclo. Às vezes, o jornalista pode passar meses cobrindo o mesmo assunto e, de repente, o cenário se reconfigura. Um desentendimento entre partidos de uma mesma coligação pode mudar os rumos da disputa eleitoral. Situações como esta exigem do repórter que esteja atento a este movimento.

Prestar atenção aos discursos e saber interpretá-los é outro ponto fundamental para o repórter de política. Políticos defendem interesses, que podem estar relacionados ao seu

⁶ Franklin Martins, 67 anos, começou a trabalhar como jornalista ainda na adolescência, aos 15 anos. Ingressou no jornal *A Última Hora* como estagiário. A política também sempre fez parte de sua vida. Aos 20 anos, foi eleito presidente do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando cursava ciências econômicas. Foi líder estudantil e, mais tarde, guerrilheiro. No período do regime militar teve papel importante nos movimentos que se opunham ao militarismo. Foi um dos mentores do sequestro do embaixador dos Estados Unidos, Charles B. Elbrick.

eleitorado, como demandas de campanha, ou de ordem pessoal. Na cobertura política é importante entender este jogo.

Primeiro, para apreender o que efetivamente está em jogo em cada conflito. Segundo, para dimensionar a margem de manobra de cada um dos atores e avaliar as possibilidades de entendimento entre eles. Terceiro, para captar o momento em que a disputa for resolvida, seja por uma vitória decisiva de um dos lados, seja mediante um acordo entre as partes. (MARTINS, 2005, p. 63).

Até mesmo nos casos de declarações oficiais o repórter deve seguir a máxima jornalística de apurar. O excesso não representa erro. Outro tensionamento que pode se interpor ao jornalista que cobre política é a dificuldade de entender a personalidade dos políticos. É preciso conhecê-la. Pelo menos a dos políticos mais importantes.

Mas estes são apenas alguns apontamentos que podem ajudar a dirimir as dificuldades que o repórter que cobre política enfrenta. O que se pretende com a pesquisa é não somente apresentar situações que representam desafios para o repórter que cobre política – como as que foram elencadas acima – mas ouvir de quem faz a cobertura como se dá a prática jornalística nesse segmento; como estas questões se relacionam com o cotidiano do repórter; que desafios se colocam na cobertura política; como se dá a relação com as chefias; e o que isso nos diz sobre o jornalismo político.

Deste modo pensamos que umas das contribuições acadêmicas quando a proposta é abordar a prática dos repórteres que cobrem política seja revelar os desafios do cotidiano, para que possam ser problematizados e, ao mesmo tempo, entender como estes desafios afetam a produção da notícia. Os repórteres que cobrem política costumam ter um preparo especial para este tipo de pauta? O que eles fazem para evitar cair em armadilhas na hora de apurar a notícia? Que tipo de precauções a chefia de reportagem costuma repassar aos repórteres? Como eles se informam? O repertório/ bagagem do repórter influencia na condução das reportagens? Estes questionamentos representam alguns dos desafios que o trabalho que se descortina tem pela frente e que será acompanhado por profissionais com experiência em acompanhar os bastidores do jornalismo político.

1.2 O Problema de Pesquisa

No capítulo que segue pretendemos mostrar os caminhos que a pesquisa percorreu no primeiro ano de mestrado. Nos aproximamos de autores e bibliografias que contribuem ou se

assemelham ao tema pesquisado. Sempre com os olhos voltados para o trabalho do repórter que cobre política.

1.2.1 A Trajetória

Debruçar-se sobre um tema de pesquisa ou pesquisa empírica, como chamamos, ao mesmo tempo em que exige do pesquisador familiaridade com o assunto, requer distanciamento. Impressões, vícios, cacoetes e preconceitos adquiridos ao longo dos anos de redação precisam ficar de fora para não prejudicar o trabalho e aquilo que se quer descobrir com ele. A tentativa de mostrar-se imparcial, que tanto ouvimos na prática jornalística, deve ser levada ao extremo no trabalho de pesquisa. Uma das preocupações foi saber ouvir o que os repórteres tinham a dizer sobre suas práticas.

No ingresso ao PPGCC da Unisinos, o pré-projeto apresentado sob o título “Tensões no Jornalismo Político: a visão dos profissionais da mídia sobre as questões político-partidárias na tevê” sofreu transformações ao longo do primeiro ano de mestrado, influenciadas especialmente pelas disciplinas cursadas e pelas orientações da professora doutora Beatriz Marocco.

1.2.2 Readequações da Pesquisa

No ingresso ao PPGCC, o que pretendíamos era investigar o que pensam sobre a política institucional (partidária) os repórteres que cobrem esta área; qual a concepção destes profissionais sobre o descrédito das pessoas na política; e no que se baseiam para justificar o desinteresse por parte da população quando matérias políticas são veiculadas. Nosso ponto de partida seriam entrevistas realizadas com profissionais que cobrem o setor em emissoras de canal aberto do Rio Grande do Sul, situadas em Porto Alegre.

Depois de uma pesquisa exploratória, conversamos com repórteres da RBS TV, TV Record, TV Bandeirantes, SBT e TVE, emissoras que cobrem a editoria de política com mais frequência. Chegamos até estes repórteres através de colegas que trabalham nestas emissoras.

A TV Pampa, com sede também em Porto Alegre e afiliada à Rede TV, não foi mencionada pelos repórteres com quem conversamos, o que chamou atenção e fez com que depositássemos um olhar mais criterioso sobre a programação da emissora. Percebemos, então,

que as reportagens de política são pouco exploradas pelo editorial dos telejornais. Por isso, a TV Pampa acabou ficando de fora da pesquisa.

Em um primeiro momento, nossa preocupação era saber se estas emissoras contavam com um repórter designado para fazer a cobertura política. Em seguida, questionaríamos que tipo de preparação este profissional se submete para proceder às entrevistas e, por fim, procuraríamos apreender suas dificuldades e desafios frente à cobertura do jornalismo político.

Porém, no processo de amadurecimento da problematização, foi possível perceber que todos estes questionamentos eram muito abrangentes. Isto é, fazia-se necessário delimitar o problema de pesquisa. As primeiras orientações foram definitivas para identificar que o caminho para compreender concepções e desafios do fazer jornalismo político poderia estar no conhecimento da prática jornalística. A partir daí poderia ser possível captar as principais dificuldades que se apresentam a estes repórteres, bem como que fatores tensionam a veiculação destas reportagens.

Durante três meses (de setembro a dezembro de 2013) passamos a depositar um olhar mais criterioso sobre as reportagens de política veiculadas pelas referidas emissoras, acompanhando os principais telejornais de cada uma delas. Primeiro ficou claro que havia um esquema de rodízio entre os repórteres para realização das pautas de política. Depois, percebemos que a cobertura política era variada – desde reportagens que mostravam a inauguração de um projeto no Palácio Piratini até um protesto contra a derrubada de árvores em frente à orla do Guaíba.

Com a atenção mais voltada para as pautas políticas, percebemos uma certa superficialidade nas reportagens. Em alguns casos, não eram exatamente reportagens, mas pequenas notas ou participações ao vivo do repórter. Esta superficialidade, os bastidores do jornalismo político e as tensões na produção das reportagens serão explicitados adiante.

1.2.3 Refinando o Problema e Objetivos

Este trabalho pretende elucidar as ligações entre o campo da comunicação e da política. Compreender como os repórteres de tevê que cobrem política trabalham frente às condições históricas de produção e como realizam a tarefa de divulgar a notícia política estão entre os propósitos deste trabalho.

Daí derivam os seguintes objetivos:

- a) analisar o cotidiano dos jornalistas que trabalham com pautas políticas nas emissoras de televisão do Rio Grande do Sul, situadas em Porto Alegre;
- b) investigar a relação entre o pensar jornalismo político nos bastidores e a notícia que é veiculada na tevê;
- c) identificar que fatores os repórteres que trabalham com jornalismo político percebem como tensionadores de produção da notícia;
- d) perceber os caminhos apontados pelos repórteres para tornar o jornalismo político mais compreensível.

A relação da comunicação com a política é antiga e faz parte da sociedade. Desde que surgiu, a comunicação mostrou-se a serviço da política.

A comunicação sempre foi percebida e utilizada como mero instrumento do campo político. Nesta perspectiva, tanto os jornais que proliferaram em torno da Revolução Francesa e de suas lideranças, quanto os pasquins políticos do século 19 no Brasil, por exemplo, atuavam como meros amplificadores das opiniões e ideias políticas e não como meios submetidos a alguma lógica oriunda da comunicação, a não ser aquela elementar que garantia a comunicabilidade. (RUBIM, 2000, p. 19).

Quem trabalha em veículos de comunicação sofre determinadas pressões para que alguns conteúdos não se transformem em produto-notícia – configurando o que o repórter do SBT denominou de “ditadura velada”. Ou que durante a edição seja dada outra conotação ao conteúdo, que não aquela que originou o sentido inicial da matéria.

O coronelismo eletrônico muitas vezes ainda impera nas redações. Este termo está associado às imposições de políticos sobre a televisão.

A expressão coronelismo eletrônico refere-se à relação de clientelismo político entre os detentores do Poder Público e os proprietários de canais de televisão, o que configura uma barreira à diversidade representativa que caracterizaria uma televisão onde o interesse público deveria ser priorizado em relação aos interesses particulares. (CAPARELLI; LIMA, 2004, p. 79).

A título de contextualização, vale ressaltar que o fim da censura prévia dos conteúdos permitiu maior liberdade aos canais. Por outro lado, não teve forças para barrar o coronelismo eletrônico. Ainda de acordo com Caparelli e Lima (2004) esta não é uma característica recente

na televisão. Antes de ser inaugurado o primeiro canal de tevê no Brasil (TV Tupi), a distribuição de outorgas de radiodifusão ao chefe do poder Executivo já estava prevista no Decreto 21.111, de 1932. No Brasil, a passagem do poder militar ao civil ocorreu “[...] mediante um relaxamento progressivo dos controles exercidos pelo regime, com uma gradativa redistribuição de poder, impulsionada e monitorada pelo calendário eleitoral”. (MOTTER, 1994, p. 24 *apud* CAPARELLI; LIMA, 2004, p. 80).

Por ora, com relação ao problema de pesquisa, é importante salientar que o conteúdo reproduzido pelos telejornais é sempre respaldado por noções que envolvem poder e reforçam, na sociedade contemporânea, a realidade existente. Entretanto, o que é mostrado em reportagens é um recorte de determinado acontecimento, produto que vai ao ar impregnado pela bagagem cultural e pessoal do jornalista.

O fato é que

[...] o jornalismo se traduz em um lugar de referência, em que o ‘cotidiano’ é organizado dentro das regras e normas do campo jornalístico que funciona como um lugar de mediação entre os acontecimentos e as notícias buscando tornar mais acessível o entorno que nos cerca. (VIZEU, 2009, p. 77).

É por meio do telejornal que o trabalhador, a dona de casa, o executivo e o estudante se informam sobre o que acontece ao seu redor, sobre as notícias da sua cidade, do seu país e do mundo. Para cumprir o papel de informar, o telejornalismo precisa revelar esta “realidade”. Contudo, no processo teórico, o jornalista precisa ficar distante dos fatos; no prático, este profissional é sujeito e objeto em relação ao objeto.

Nas práticas diárias de produção da notícia é esse procedimento que os jornalistas adotam o tempo todo, muitas vezes de forma inconsciente. No ‘contexto teórico’ de elaboração da informação, o repórter e/ou o redator assumem o papel de sujeitos cognoscentes da relação sujeito-objeto que se dá no contexto concreto para, voltando a este, melhor atuar como sujeitos em relação ao objeto. Consideramos que essa relação teoria/prática faz parte do método de apuração de uma matéria, de edição e de apresentação. O método jornalístico tem que ser trabalhado com rigor. (CORNU, 1999 *apud* VIZEU, 2009, p. 79).

Na prática jornalística, a investigação deve ser o ponto central. O que é dito em entrevistas pode ter duplo sentido e as entrelinhas podem dizer mais que o discurso oficial. Sendo o jornalista um sujeito curioso por excelência, não deve abrir mão desta característica na hora de conhecer o objeto da informação.

Se uma das premissas do ato de noticiar é dar a entender as coisas do mundo, o telejornalismo tem o poder de cumprir, também, um papel pedagógico em seu cotidiano.

Essa função pedagógica é trabalhada diariamente pelos jornalistas na redação através de uma operação/ construção que denominamos de didática (Vizeu, 2005), (Vizeu; Correia, 2006). É resultado de uma série de enquadramentos culturais, das práticas sociais, da cultura profissional, dos constrangimentos organizacionais e do campo da linguagem que os jornalistas mobilizam para produzirem notícias. (VIZEU, 2009, p.80).

Desta forma, o telejornalismo acaba contribuindo para estabelecer uma relação entre os campos de conhecimento e o público. Um destes campos é o político. Como se constrói esta relação através da prática jornalística é o que pretendemos descobrir com esta pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A prática jornalística é influenciada por campos como o da política, economia e cultura. São campos que influenciam nosso cotidiano e, por isso mesmo, costumam ser amplamente explorados pela mídia. No que se refere à política, nos bastidores, onde quase tudo que é decidido acontece, se reflete em um dos lugares mais garimpados pelos jornalistas. O boato que se concretiza, o deslize do parlamentar que acarreta em sua “queda”, a informação exclusiva que será dada em primeira mão, por exemplo, geralmente são produtos dos bastidores da política.

Para proceder à elaboração da reportagem, explorar em campo o que se buscou primeiro nos bastidores, o repórter costuma seguir um ritual. Este profissional tem um cotidiano demarcado por modos de produção, que configuram as rotinas. “[...] os modos de organização e funcionamento do jornalismo impõem um ritmo de trabalho baseado ou decorrente de três fatores - espaço, tempo e fontes - que, em última instância, determinam a própria agenda do fazer jornalístico”. (GADINI, 2004, p. 53).

Depois de definida a pauta, uma parte da redação, geralmente composta por editores e chefes de reportagem, pensa que espaço do telejornal será mais pertinente para exibi-la – no primeiro bloco? No segundo? Ou no encerramento, para garantir a audiência? Neste momento, o repórter ainda não foi a campo, mas a equipe já está pensando no tempo que será destinado à reportagem. Se o político exerce influência sobre a emissora ou se o assunto é de interesse do veículo, o tempo destinado à matéria tende a ser maior. E, por fim, quando o repórter já está em vias de elaboração da reportagem, as fontes passam a ser o foco. É preciso saber quem são as pessoas mais indicadas para falar sobre o tema em questão. Aliás,

[...] a relação jornalista-fonte é imprescindível na produção noticiosa. Conhecer fontes é algo essencial no trabalho jornalístico, sem elas não há como se elaborar uma matéria. Além disso, uma maior rede de fontes traz um maior *status* ao jornalista que as possui dentro do campo jornalístico – ‘conocer fuentes trae *status* profesional’. (TUCHMAN, 1983, p. 81 *apud* CARREIRÃO; ROSSO, 2011, p. 10, grifo do autor).

Então é chegada uma nova etapa do processo de produção: o repórter vai a campo em busca das respostas que a reportagem pretende apresentar. Logo após, com o material reunido, e que muitas vezes pode exigir até mais de uma semana de dedicação, se for uma reportagem

especial ou uma série de reportagens, o repórter ingressa na fase de decidir com a equipe o formato que será dado para o que conseguiu garimpar.

É uma das etapas mais cruciais deste processo, onde o repórter procura impor seu ponto de vista, luta para levar ao ar determinada declaração, mas precisa pesar as implicações tanto para garantia de seu emprego quanto para empresa de comunicação. Podem ser questões de ordem político-partidária ou publicitária que determinam o que pode ou não ser exibido em uma reportagem. Por conta deste cenário, algumas vezes o que se veicula acaba não sendo fiel ao recorte que o jornalista pretendia. Neste ponto predominam os interesses do veículo. Para o repórter o momento se mostra, muitas vezes, frustrante, porque o panorama pode mudar do trajeto da pauta para redação. Mesmo que no caminho de volta à emissora se tenha o costume de passar para o papel o que se pensou para a pauta, no ar, o que será exibido, pode não ser o que o repórter esperava.

É que alguns jornalistas, principalmente os de televisão, pensando em otimizar o tempo, costumam chegar na emissora com um roteiro da reportagem, o passo a passo da reportagem, já com definição de espaço para entrevistas, *offs*⁷ e passagem⁸. Mas decisões que partem do topo da hierarquia podem inverter o roteiro ou até mesmo redefinir o esboço da reportagem.

[...] os estudos sobre *newsmaking*, ou sobre ‘a construção da notícia’, têm revelado como a ‘distorção involuntária’ é inerente à produção de notícias, seja pela própria definição dos critérios de noticiabilidade, seja pelos inúmeros fatores relacionados às rotinas produtivas, à seleção das notícias ou à sua edição. (WOLF, 1999, p. 254, grifo do autor).

A rotina produtiva não tem hora para começar nas redações. Algumas equipes iniciam a jornada na madrugada; outras, no começo da manhã; e alguns repórteres começam o turno na parte da tarde ou no começo da noite. Assim que chegam, repórteres e editores costumam repercutir o que foi notícia nos veículos de comunicação no dia anterior e o que deste material pode render reportagem, além de discutir propostas de matérias para o dia seguinte. Quem está escalado para reportagem prepara-se para ir para rua em busca da notícia. Se o primeiro

⁷ Texto da reportagem gravado em locução pelo repórter.

⁸ É o momento em que o repórter aparece na matéria.

telejornal da casa entra no ar ao meio dia, a tensão costuma ficar maior a partir das 10h. É quando começam a chegar os primeiros materiais.

A conversa entre repórter e editor de imagens e de texto precisa ser afinada. Mais do que isso: objetiva. Não basta dizer que o que se pretende é uma nota coberta⁹ ou nota ao vivo¹⁰. É preciso trazer da rua um esboço disso, ou seja, de preferência o repórter deve chegar à redação com um texto que mostre o que ele pretende levar ao ar. Esta prática facilita a dinâmica de trabalho, já que em telejornalismo tempo é fundamental. O tempo de duração de um telejornal varia de emissora para emissora e é necessário conciliar o número de reportagens com as participações ao vivo.

A tensão só diminui depois que o apresentador se despede do público. E é uma despedida parcial, porque o trabalho na redação a esta altura segue em ritmo constante.

Depois que sobem os créditos¹¹ repórteres, editores, chefe de reportagem, editor-chefe, produção e cinegrafistas sentam juntos para uma avaliação do telejornal. É o momento de falar dos erros, acertos e projetar como será a edição seguinte. Muda-se também a escala, outros repórteres iniciam o turno e segue-se a jornada em busca da notícia. O ambiente da redação representa um lugar repleto de significados. As relações que se estabelecem na redação são relativas. O tempo de convívio entre os colegas pode aproximá-los, gerar vínculos, mas também pode colocá-los em lados opostos, em que a representatividade na redação desperta uma disputa de ego que pode desencadear animosidades. A redação se configura na

[...] casa como lugar da pureza, frequentada pela pessoa identificada, onde prevalecem as relações de igualitarismo e afetividade. A rua é o lugar do perigo, onde a lei é aplicada rígida e impessoalmente ao indivíduo anônimo. A esses dois conceitos Ribeiro (1994), acrescenta um terceiro: o de outro mundo [...] que integra a ideia de morte, de submissão a forças superiores, relativizando as leis desse mundo, da casa e da rua. (VIZEU, 2009, p. 58).

⁹ Texto lido pelo apresentador do telejornal. Este texto é coberto com imagens e pode ser gravado ou ao vivo.

¹⁰ Notícia lida pelo apresentador do telejornal, sem o uso de imagem de ilustração.

¹¹ Constituem os nomes da equipe responsável pelo telejornal. São apresentados ao fim do programa.

Compartilhamos da visão do autor. Quem já passou pelo trabalho em redação sabe que por mais que se apresente como uma espécie de extensão da casa do repórter é, também, um espaço desafiador por natureza. Cada um dos profissionais tem em mente uma história pra contar e está ciente da responsabilidade que carrega ao passá-la adiante. São histórias que transformam vidas, sejam por meio da política, economia, cultura ou qualquer outra editoria.

A questão da representatividade, que falávamos anteriormente, pode ser entendida como um espaço de disputa entre os jornalistas. Quando escreveu *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, na metade da década de 1990, Lima Barreto abordou este aspecto. O autor fazia alusão às redações de jornais impressos, porém, as relações valem também para o universo das emissoras de televisão. Para ele

Não há repartição, casa de negócio em que a hierarquia seja mais ferozmente tirânica. O redator despreza o repórter, o repórter, o revisor [...] A separação é a mais nítida possível e o sentimento de superioridade, de uns para os outros, é palpável, perfeitamente palpável. (BARRETO, 1995, p. 90).

Entretanto, é preciso que a equipe se mantenha engajada até a hora do telejornal, para que o produto final não seja prejudicado, já que, segundo Vizeu (2009), em um ambiente como a redação, em que é impossível prever o que vai ocorrer, esta situação afeta o fluxo do trabalho informativo. Alguns anos de experiência, mesmo que não sejam muitos, nos mostram que a melhor alternativa neste caso é focar no produto/notícia e deixar questões de ordem pessoal ou deficiências no produto jornalístico para serem discutidas nas reuniões de pauta.

O ritmo de um telejornal é muito intenso. E uma das razões que explicam isso está associada ao fato de a tevê estar ancorada no espaço/duração do telejornal, que vai do início ao fim do noticiário. Este espaço costuma ser curto, varia de telejornal para telejornal. Mesmo nos telejornais veiculados em rede nacional, a duração não costuma ultrapassar 40 minutos, somando o tempo de *break*¹². Já a edição de um jornal impresso está pautada no espaço que a matéria vai ocupar na lauda – meia página, uma página, página dupla... No impresso é permitido que o destaque da notícia entregue ao leitor seja muito mais amplo.

Assim como no jornal, em que é preciso pensar no leitor e nas ferramentas para manter a fidelidade do mesmo frente ao produto, nos telejornais o desafio é o mesmo: com as

¹² Intervalo comercial entre blocos.

reportagens selecionadas é preciso manter a audiência do início ao fim, tarefa que exige domínio do conteúdo a ser apresentado. Para “segurar a audiência”, como se costuma falar no jargão jornalístico, é necessário estudar qual a melhor maneira de elencar as notícias – que matéria abre a edição? Qual o assunto mais adequado para fechar o telejornal? Que imagem ou tema será abordado para contrabalançar o andamento do programa? Um trabalho que se dá em equipe.

Engana-se quem pensa que esta é uma responsabilidade restrita ao editor-chefe ou ao chefe de reportagem. Espera-se dos repórteres, editores e cinegrafistas não só que estejam atentos ao conteúdo exibido no telejornal, mas que também sugiram pautas que se transformem em reportagens. Aliás, a dupla repórter-cinegrafista geralmente é a que passa mais tempo junto, entrevistando e colhendo informações.

O trabalho nas redações está passando por rápidas transformações, ditadas pelo impacto das novas tecnologias, e mais do que estar a par dos assuntos que possam render reportagem, atualmente se exige do repórter que seja proativo, multicapacitado e *workaholic*¹³

Entretanto, situações desafiadoras e inesperadas sempre farão parte da rotina e elas vêm no bojo de pressões externas. Podem partir de alguma imposição política. Para exemplificar isto, antecipamos parte do depoimento do repórter do SBT. Com 19 anos de jornalismo, ele lembra de um episódio que transformou o que era para ser a cobertura de uma pauta política em batalha editorial. O ano era 1998, campanha acirrada entre os candidatos Olívio Dutra (PT) e Antônio Britto (PMDB) para o governo gaúcho.

Durante a cobertura jornalística, a equipe de reportagem descobriu que funcionários do Centro Administrativo da capital gaúcha estavam recebendo senhas com indicação para votar no então candidato do PMDB. Era a evidência de uso da máquina pública em benefício de um político. Como Britto tinha influência nos meios de comunicação do Rio Grande do Sul, até mesmo por ser um jornalista conhecido, o repórter, que na época trabalhava na TV Bandeirantes, conta que teve dúvidas se faria ou não a denúncia:

“Pensei: a gente está colocando tudo no ar que está errado. Se isto está errado vamos colocar no ar. Aí o chefe de reportagem autorizou, no estúdio, e, na hora

¹³ Trabalhador compulsivo; viciado em trabalho.

de anunciar, estava passando o programa de esportes. O apresentador anunciou, deu esta notícia, que o candidato Antônio Britto usava os funcionários na campanha. Inclusive teria ido ao TRE¹⁴ dar explicações. Logo em seguida que demos a notícia, alguém ligou para o chefe e nós ganhamos um gancho de cinco dias por termos dado esta notícia. Então, é uma experiência que eu vou guardar para sempre, ou seja, campanha política tem isso. Nem tudo pode noticiar. Sempre tem interesse por trás.”

Na década de 1990, mais precisamente no ano em questão, 1998, a internet contabilizava apenas quatro anos de acesso público no Brasil. A maioria das pessoas se informava pela tevê. O acesso à rede mundial de computadores era restrito. Não é possível mensurar quantos telespectadores à época tomaram conhecimento da fraude política anunciada antecipadamente no programa de esportes. Se fosse hoje, provavelmente a denúncia ganharia repercussões que poderiam, inclusive, colocar a campanha do então candidato Antônio Britto em xeque. Mas, mesmo com mudanças nos protocolos midiáticos, algumas regras seguem inalteradas. E não é de se espantar que denúncias sigam engavetadas para evitar conflitos entre políticos e meios de comunicação.

Na opinião do jornalista do SBT situações como esta refletem uma espécie de ditadura velada nos meios de comunicação, o que torna ainda mais desafiadora a composição da reportagem política. Mas, para ele, se for preciso escolher um lado, o repórter deve privilegiar o daquele que espera pela notícia; o lado de quem pode sofrer consequências com uma fraude.

“Eu pensaria como cidadão. Se eu sei que é algo que vai prejudicar, mesmo, a população, eu prefiro dar a notícia.”

Uma decisão como esta suscita perguntas do tipo: até que ponto o jornalista estaria disposto a impor seu posicionamento sobre uma rotina marcada por jogos de poder?

Gomes (2004) lembra que muitos recantos do Brasil ainda nem conseguiram experimentar o que é ter uma imprensa livre. No cotidiano do jornalista que cobre política, as dificuldades para elaborar e veicular uma reportagem podem representar um terreno desafiador.

Sem uma imprensa (totalmente) livre, não é sempre que o repórter consegue dar visibilidade a um escândalo. Por questões de interesse, muitas vezes acoberta-se a situação.

¹⁴ Tribunal Regional Eleitoral.

Thompson (2002) corrobora para esta compreensão. É um autor com o qual também nos identificamos e que, nesta seara, nos ajudará a entender os desdobramentos de um escândalo. Segundo o autor, o escândalo se torna quase onipresente. “Não por conta de uma pretensa redução da qualidade dos líderes políticos, mas por causa das transformações de sua visibilidade pública”. (THOMPSON, 2002, p. 141).

Ainda de acordo com Thompson (2002), podemos pensar em uma taxonomia dos escândalos políticos. Podem ser de ordem sexual, financeira ou de poder. Importante salientar que não é a natureza deles que os caracteriza como escândalos políticos, mas os efeitos que produzem. Em um relacionamento amoroso, uma traição pode ganhar status de escândalo se envolver atores que ocupam ou disputam comando na sociedade. A regra é válida para desvio de verba e corrupção também. Escândalos de poder, por sua vez, envolvem abuso de autoridade por parte de funcionários, o que pode ocorrer em qualquer organização.

Os partidos políticos costumam fazer uma espécie de checagem que o autor denomina de “fator de risco de escândalo”, isto é, examinar a biografia na hora de escolher candidatos a cargos públicos.

Em outra obra, *Ideologia e Cultura Moderna*, Thompson (1995) aborda os limites entre a vida pública e a vida privada. Revela o autor que a visibilidade dada a determinadas notícias pode estar relacionada à forma como o poder político, em nível das instituições de estado, é exercido e também sustentado nas sociedades modernas.

As vidas privadas das pessoas podem ser transformadas em acontecimentos públicos pelo fato de serem veiculadas através dos meios de massa; e acontecimentos públicos podem ser vivenciados em situações privadas, como acontece quando os problemas de estado são vistos ou lidos na privacidade de uma casa. A natureza daquilo que é público e daquilo que é privado e a demarcação entre esses territórios são transformadas de diferentes maneiras devido ao desenvolvimento da comunicação de massa. (THOMPSON, 1995, p. 311).

As manifestações de junho de 2013 e a respectiva cobertura por parte dos repórteres das emissoras de canal aberto do Estado, objeto de estudo desta pesquisa e sobre a qual discorreremos mais adiante, não se configuram em escândalo, mas em acontecimentos que se tornaram públicos, foram veiculados por meios de comunicação e revelaram a omissão do poder público sobre serviços básicos – o que motivou as manifestações. E por terem se tornado acontecimentos públicos se mostra pertinente fazermos tal apontamento nesta fase do trabalho.

A decisão de eleger para análise a cobertura jornalística das manifestações está ancorada, em parte, nos relatos dos entrevistados, uma vez que percebemos que a cobertura das manifestações de junho impactou na rotina jornalística e foi caracterizada pelos mesmos como uma cobertura singular em suas carreiras. Além disso, trata-se de um acontecimento que originou grande repercussão, inspirando uma espécie de “chamamento” à nação. A reunião destes fatores deve nos auxiliar a compreender as marcas que atravessam os discursos e as diferenças na elaboração de uma reportagem política, colocando luz sobre as rotinas do jornalismo político na tevê.

Ao analisarmos as considerações dos repórteres (RBS TV, TV Record, TV Bandeirantes, SBT e TVE) entrevistados sobre as manifestações, perceberemos que a mídia tradicional precisou acompanhar o ritmo das redes sociais para compreender este movimento. Mas, ainda assim, a velha mídia teve contribuição decisiva, até porque não há como ignorar o papel dentro do qual elas ocorrem. Isto porque “[...] a velha mídia, sobretudo a televisão, (ainda) controla e detém o monopólio de ‘tornar as coisas públicas’. Além de dar visibilidade, ela é indispensável para ‘realimentar’ o processo e permitir sua própria continuidade”. (LIMA, 2013, p. 160). Este posicionamento do autor faz parte do artigo escrito no livro *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as Manifestações que tomaram as ruas do Brasil*.

O mesmo autor traz outra importante contribuição para compreendermos por que a mídia tradicional, e em especial a televisão, tornou-se, através de reportagens e intervenções ao vivo dos repórteres, um dos principais canais para dar visibilidade aos manifestantes. Lima (2013) lembra que os manifestantes, em sua maioria jovens, se consideravam “sem voz pública”, isto é, o que reivindicavam não era ouvido publicamente. É importante ressaltar que redes sociais como o *facebook*¹⁵ não garantem que os jovens estejam incluídos no espaço público dos debates, já que o monopólio ainda está concentrado pela mídia tradicional, e com ela a televisão, que cumpriu este papel de dar visibilidade.

Porém, também vale lembrar que a televisão, desde que se transformou em “mídia de massa” “hegemônica, tem colaborado para desqualificar a política e seus atores. E é neste cenário que os organizadores das manifestações estão se formando, ainda que não sejam usuários diretos da programação de tevê e rádio.

¹⁵ Site de relacionamentos.

A proposta deste trabalho é desvendar o jornalismo político televisivo e as dificuldades que se interpõem no cotidiano dos repórteres que cobrem esta editoria. As manifestações de junho de 2013, que analisaremos sob o prisma da cobertura dos cinco repórteres, se configura como cobertura política. De acordo com os entrevistados, as chefias de reportagem de cada uma das emissoras identificou as matérias e inserções ao vivo nos telejornais com a retranca¹⁶ “política”.

Justifica-se como cobertura política, também, porque os temas de centro das manifestações eram essencialmente de ordem política. Como exemplo citamos um dos principais no desencadeamento dos protestos, o aumento da tarifa de ônibus na cidade de São Paulo.

A qualidade da cobertura das manifestações também será explorada neste trabalho, ou seja, o papel cumprido pelas emissoras durante as manifestações. Já que “é indispensável que se reflita sobre o tipo de cobertura política que vem sendo oferecida ao país. Contribuir para o fortalecimento e a consolidação democrática não deveria constituir um objetivo da velha mídia?”. (LIMA, 2013, p.168).

A tevê, por meio de reportagens e participação ao vivo dos repórteres, buscou ouvir os atores deste processo, ainda que tenha percebido a necessidade de ajustar o discurso.

A primeira reação foi de condenação pura e simples. As manifestações deveriam ser reprimidas com rigor ainda maior. À medida, no entanto, que o fenômeno se alastrou, a velha mídia alterou radicalmente sua avaliação inicial. Passou então a cobrir em tempo real os acontecimentos, como se fosse apenas uma observadora imparcial, que nada tivesse a ver com os fatos que desencadearam todo o processo. O que começou com veemente condenação transformou-se, da noite para o dia, não só em tentativa de cooptação, mas também de instigar e pautar as manifestações, introduzindo bandeiras aparentemente alheias à motivação original dos manifestantes. (LIMA, 2013, p. 164-65).

Em outra obra, o mesmo autor nos ajuda a compreender que esta guinada da mídia na forma de retratar as manifestações não foi inconsciente. Lima (2001) lembra que existem estudos que trazem consigo pressupostos que algumas vezes se refletem em equívocos de interpretação e análise. Alguns supõem que a mídia é autônoma e serve ao “interesse, à conveniência e às necessidades do público”. Outros destacam que as emissoras de televisão,

¹⁶ Palavra ou pequena frase usada sobre o título para apresentar o tema da matéria.

por exemplo, estariam sujeitas à mesma legislação reguladora de jornais e revistas e que seu corpo de jornalistas também é detentor de poder editorial na mídia.

Em consequência desses pressupostos, muitos estudos sobre a relação entre mídia e política acabam por descartar a possibilidade de que a mídia, ela própria, com frequência e deliberadamente distorce, omite e promove informação com objetivo político. 'Esse objetivo pode ou não estar alinhado com os interesses do regime, numa determinada circunstância e num determinado momento'. (LIMA, 2001, p. 143).

Mas, na prática, o poder que o jornalista detém é pouco significativo se comparado ao de seu editor-chefe. É preciso entender a importância de evitar deslizes que possam ir de encontro à linha editorial da emissora. Em alguns casos, por determinação do editor-chefe ou mesmo do concessionário de um canal de tevê, o repórter pode receber a orientação de valorizar determinada declaração.

Na prática, o repórter acaba percebendo que a concepção de sua reportagem toma outro curso. Só há dois caminhos: lutar pelo seu ponto de vista, de modo a evitar que outras reportagens tenham o mesmo recorte, ou consentir com o editorial, decisão que não colocaria o emprego em risco. Estas noções ficam mais claras quando nos debruçamos sobre o cotidiano dos jornalistas tentando entender o seu funcionamento. A partir de então a complexidade desse universo começa a se revelar. É que

[...] o estudo do cotidiano pode auxiliar na compreensão dos significados das construções das representações sociais, permitindo uma aproximação dos contextos e possibilitando entender que o cotidiano deste profissional é muito mais controverso do que supõe a representação mitológica – ele é dinâmico tal qual a história, e, conforme a transformação cultural, é moldado por novos hábitos, práticas e relações sociais, influenciando o próprio fazer jornalístico, que se transforma, influenciado pelo âmbito da cultura, da economia e da política. (COSTA, 2013, p. 145).

Ancorado em desafios como os que foram citados no parágrafo anterior e que se estabelecem diariamente no trabalho dos jornalistas, entre outros atributos, o cotidiano destes profissionais também exige que se seja um generalista, isto é, ter capacidade para realizar o trabalho de um colega de outra editoria, para que o objetivo de informar seja cumprido.

Assim como as matrizes, as afiliadas¹⁷ também não contam com setoristas. Dependendo da situação e da escala, o repórter que cobre geral¹⁸ também vai fazer reportagem de esporte ou de política. Não é comum nem mesmo para as emissoras de tevê do eixo Rio-São Paulo contar com setoristas. Menos comum ainda para as afiliadas, onde o número de repórteres é menor. Exatamente por isso é que os repórteres entrevistados para este trabalho não podem ser considerados especialistas no assunto. Eles representam, isto sim, aqueles que cobrem com mais frequência pautas da editoria de política nas respectivas emissoras.

O repórter do SBT, que elucidou o exemplo da fraude em plena campanha na época em que trabalhava na TV Bandeirantes, estava cobrindo política. Atualmente ele desempenha o papel de apresentador de um telejornal e também faz reportagens e entrevistas de política. Lembra que embora a prática jornalística exija dos profissionais que dominem os mais diversos temas abordados, nas diferentes editorias, por outro lado, a dinâmica frenética das redações não possibilita, muitas vezes, que se dedique o tempo necessário à pesquisa de temas como política.

Durante entrevista, o repórter da RBS TV também admitiu ser difícil conseguir aprofundar-se no tema que vai virar notícia.

“Procuramos ler o máximo possível sobre o assunto. O que saiu no rádio, nas outras emissoras de tevê, trocamos figurinha com colegas que já tenham feito cobertura do tema. A rapidez com que é exigido que entreguemos a matéria não permite, no entanto, o tempo de pesquisa que é necessário.”

O repórter, que tem mais de dez anos de experiência, lamenta a falta de tempo para dedicar-se mais ao assunto.

“Se tivéssemos este tempo, certamente ganharia mais o telespectador, o ouvinte e o próprio jornalismo.”

¹⁷ Emissoras afiliadas representam um tipo de exibidora de televisão. Sua grade é dividida entre a programação local e o que exibido pela emissora que elas representam.

¹⁸ A editoria de geral contempla temas/pautas diretamente ligadas à comunidade, como saúde, educação e transporte.

O fator tempo aparece mais uma vez como um demarcador das rotinas jornalísticas. Se antes este termo era destacado para enfatizar a duração do telejornal, agora aparece para demarcar que, na visão dos entrevistados, acaba oprimindo a rotina jornalística.

Os repórteres precisam ser habilidosos, de forma que consigam contar, a partir de uma reportagem de um minuto ou um minuto e meio uma história com coerência e linguagem de fácil compreensão. O telejornal não pode ultrapassar o tempo estabelecido, prejudicando o programa seguinte.

Quando pensamos em elucidar situações que marcaram o cotidiano dos repórteres do SBT e da RBS TV – brevemente apresentadas neste capítulo – a intenção era mostrar como a prática jornalística, e neste particular do jornalismo político, é atravessada por fatores que envolvem disputa de poder, que pode partir da chefia de redação ou de algum político. São exemplos que servem como uma pequena mostra dos tensionamentos vividos pelo profissional que cobre política e cujo trabalho será melhor explorado ao longo da pesquisa.

2.1 As Marcas da Consciência Discursiva

No início do segundo semestre de 2013, cinco repórteres das emissoras de canal aberto do Rio Grande do Sul encontraram uma brecha em suas rotinas profissionais para, temporariamente, ficar do outro lado da cena: na condição de entrevistado. Cada um rememorou seus tempos de academia, mas, sobretudo, as práticas nas emissoras em que se encontram atualmente, para falar de jornalismo político e auxiliar este pesquisador no trabalho que está sendo desenvolvido.

Por meio da palavra, os repórteres expressaram como se dá a prática do jornalismo em busca da notícia política. Trouxeram para as entrevistas elementos que estão em seus inconscientes e refletiram sobre suas rotinas, expressando-as de forma verbal. É o que se denomina de consciência discursiva.

Dois tipos de consciência da prática social abrangem tanto os motivos inconscientes como a monitoração reflexiva desta conduta: a consciência prática, em que os indivíduos conhecem as condições de possibilidade da sua própria ação, mas não se expressam sobre elas; e a consciência discursiva, em que são capazes de expressar verbalmente as condições de sua própria ação – a divisão entre as duas, segundo Giddens, pode ser alterada em função de numerosos aspectos da socialização e das experiências acumuladas de aprendizagem. (MAROCCO, 2012, p. 147-148).

O objetivo dos repórteres com aquilo que revelaram nas entrevistas pode ser o de transformar as práticas jornalísticas em seus ambientes de trabalho ou, talvez por proteção, manter as coisas como estão. Tendemos a ficar com a primeira hipótese. Este exercício também faz parte do que se denomina de consciência prática e, por isso mesmo, não significa que haja, necessariamente, uma reflexão para as respostas que foram dadas. O processo de escuta realizado durante as entrevistas configura-se no que chamamos de “etnografia da prática social”. Etnografia no sentido de revelar os costumes e modos de produção do jornalismo político, muitas vezes transmitidos de repórter para repórter, atravessando gerações e que, por isso mesmo, permitem uma continuidade desta prática, sem menosprezar, entretanto, um olhar crítico sobre a produção da notícia.

Neste solo epistemológico é possível imaginar uma teoria, local e relativa à prática jornalística, tecida em relações de revezamento, e em rede, entre o pesquisador-jornalista e jornalistas profissionais, com base na realização de entrevistas em que os participantes falam por si e estas falas ecoem em uma multiplicidade ou, igualmente, em ações de análise do discurso. (MAROCCO, 2012, p. 148).

Aliás, a entrevista, ferramenta do dia a dia do repórter e que foi utilizada para compreender a prática dos repórteres que cobrem política, lembra Giddens (1998), é o instrumento apropriado para ser utilizado como recurso metodológico e de tratamento de dados. Apresenta-se como um dispositivo de revelação do fazer jornalístico e que, ao mesmo tempo, permite explorar a atividade jornalística e de todo o saber que circula nas redações.

Com base na palavra do jornalista, não há um teórico impermeável à prática que pronuncia verdades àqueles que ainda não a viam e em nome daqueles que não podiam dizê-la, nem representação em forma de teoria, mas ‘ação de teoria’ que aproxima teoria e prática na relação entre profissionais e intelectuais, no caso entre jornalistas e pesquisadores. (DELEUZE, 1993 *apud* MAROCCO, 2012, p. 145).

Com esta concepção, partimos para um roteiro de perguntas com o questionário semiestruturado, que representa o que Marocco (2012) chama de “exercício de escuta.” Isto porque o questionário ajudou a compreender as práticas.

Acompanhou o gravador um bloco de notas em que eram apontadas similaridades e termos que se repetiam no discurso dos entrevistados como, por exemplo, “separar o joio do trigo” – expressão usada por eles para diferenciar o que vale e o que não vale em termos de aproveitamento para uma reportagem política.

Os depoimentos dos entrevistados nos interessam pelos pontos de convergência que eles nos trazem no que diz respeito à prática jornalística e sua historicidade. Foi pensando no conteúdo destes relatos que desde o início deixamos sob responsabilidade de cada um deles, por exemplo, a escolha do local para a realização das entrevistas. Condição básica para que pudessem se sentir à vontade e falar por si mesmos com mais clareza de raciocínio.

Mas o que nos garante que os repórteres não dissimularam sobre seus relatos? Na verdade, não há garantias concretas. Apostamos em um acordo tácito e que prevê confiar e reproduzir relatos das práticas que envolvem o jornalismo político em troca da manutenção sigilosa da identidade dos entrevistados. Não há como considerar que não tenham sido fiéis ao que ocorre em suas rotinas, primeiramente porque foram solícitos ao convite e pareciam orgulhosos em poder colaborar com a pesquisa e repensar as práticas e, em segundo lugar, porque existe “a propensão do jornalista a tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos”. (BOURDIEU, 2006, p. 183).

Esta foi a primeira vez que cada um dos repórteres falou sobre a prática do jornalismo para uma pesquisa científica. De forma descontraída, o repórter da TV Bandeirantes disse que foi uma “entrevista exclusiva”, termo usado no jornalismo para se referir ao ineditismo de uma entrevista.

A repórter da TV Record caracterizou a entrevista como um exercício reflexivo sobre as tarefas de um repórter – “coisa que raramente fazemos”, pontuou.

“Tua entrevista me instigou a pensar mais sobre por que fazemos reportagem política desta forma.”

O repórter da RBS TV enalteceu a oportunidade de poder compartilhar o exercício do jornalismo em sua empresa e contribuir para repensar a maneira de fazer jornalismo político.

O repórter do SBT classificou a entrevista como uma oportunidade ímpar para repensar o jornalismo.

A repórter da TVE, além de mostrar-se satisfeita com a oportunidade de colaborar com a pesquisa, disse que gostaria de se deparar com outras possibilidades como esta, que “faz pensar nosso papel de jornalistas na sociedade”.

Quando nos propomos a entender melhor o funcionamento das redações sabíamos que era necessário explorar o viés epistemológico. Aliás, “[...] a ferramenta central, mais próxima das práticas (em seu desdobramento de gênero jornalístico) e mais apropriada para operar nos níveis epistemológico, metodológico e de tratamento de dados, é a entrevista” (MAROCCO, 2012, p. 240).

Mas, afinal, o que revelaram os depoimentos dos entrevistados?

Comum a todos os argumentos está a necessidade de introduzir mudanças na prática, fazer um jornalismo político diferente. Ou seja, decodificar a informação política para facilitar a compreensão do conteúdo por parte de quem recebe a notícia. Não se trata aqui de identificar-se com partidos de esquerda ou de direita, mas de auxiliar na tomada de posição frente a questões que interessam e influenciam diretamente no cotidiano das pessoas.

Os entrevistados reclamaram de uma linguagem técnica e complexa no jornalismo político, fator que contribui para o distanciamento da população já que, muitas vezes, não compreendem o que está sendo dito.

É urgente, na avaliação dos entrevistados, repensar a fórmula de fazer jornalismo político. O que não envolve só uma linguagem mais simples, direta, mas a conduta dos profissionais em frente às câmeras. Inovar é a palavra. Lançar mão de recursos mais criativos.

A necessidade de elaborar reportagens mais equilibradas também foi apontada. Todos entrevistados compartilham a ideia de que a palavra isenção tenha se adequado mais ao terreno da utopia do que da realidade. É fácil entender por quê. Nós, jornalistas, sabemos que cada reportagem elaborada transporta um pouco de nossas concepções, valores e aprendizados. Porém, isto não anula a necessidade – e a importância – de nos mantermos atentos para não direcionar a reportagem ou entrevista.

Ao mesmo tempo em que a população se mantém de certa forma afastada do mundo político, há uma parcela cada vez mais crescente de pessoas em contato com o mundo virtual e conectada com as mudanças de rumo no terreno político. Esta parcela consegue identificar a reportagem tendenciosa, seus objetivos e interesses.

A reportagem exibida no telejornal do meio dia repercute nas redes sociais em poucos minutos, e como que fazendo às vezes de especialistas, os internautas apontam deficiências e

versões mal explicadas ou pouco satisfatórias, imprimindo juízo de valor ao conteúdo postado, como que uma espécie de *ombudsman*¹⁹ da rede.

Manter-se bem informado. Mesmo que esta seja uma condição que soe como lugar-comum no jornalismo é valiosa para o repórter. O cenário político, por exemplo, muda com frequência.

Dispositivos para que o jornalista se mantenha bem informado não faltam. As plataformas disponíveis na internet estão aí para confirmar isso. Mas neste mesmo viés, os entrevistados alertam para não descuidar das leituras. A sugestão dos repórteres vai desde os clássicos da teoria do jornalismo até os livros de repórteres. São exemplares que permitem ao profissional comparar situações semelhantes, o que poderia ser feito, como se deve proceder em determinada situação e inspiram a prática jornalística. Alguns preferem os com maior vendagem, como os livros escritos pelo jornalista Caco Barcellos, da Rede Globo.

Segundo o jornalista Laurentino Gomes, autor dos livros 1808, 1822 e 1889, que figuram na lista dos mais vendidos, o repórter que tem o hábito de ler se diferencia. Em entrevista para Marocco (2012, p. 116) o autor diz que esses jornalistas

São sempre os mais esforçados, os mais estudiosos, os mais ambiciosos. Mas esses leem os livros de repórter, leem os manuais de redação, eles olham o que está saindo lá fora, eles veem o que a concorrência está fazendo, esses são os transformadores, esses são os que fazem a ruptura, que são justamente os mais curiosos, os mais inconformados, os mais trabalhadores, os mais ambiciosos, muitas vezes na redação parece que são carreiristas. Na verdade, eles são gente com faca nos dentes mesmo. Eles querem ir adiante na profissão e eles usam todo o ferramental que tem à sua disposição.

Estes repórteres com perfil curioso e inconformado são os mesmos que não se contentam com um discurso pronto de político ou candidato. Duvidar sempre é o que ensinam os repórteres mais experientes. Lição levada adiante por nossos entrevistados. Pesquisar, apurar a informação à exaustão, como foi dito pelo repórter da RBS TV.

Seja por parte da assessoria de imprensa, seja por intenção do próprio político, “vender” um discurso faz parte da rotina de quem está neste meio e precisa convencer. Para que não ocorra prejuízo no trabalho cabe ao repórter contestar, confrontar a informação. Às vezes esta

¹⁹ Profissional contratado para receber críticas, sugestões e reclamações de usuários e consumidores. Tem a função de agir de forma imparcial para mediar conflitos.

atitude incomoda. Como lembra a repórter da TV Record, os políticos, geralmente, querem mostrar quem trabalha muito e trabalha certo. Quando o repórter decide tocar em um ponto que não agrada, o político tende a se contrapor.

Nem sempre, no entanto, é possível fugir da “censura velada”. O repórter que conhece os mecanismos da emissora em que trabalha sabe até onde pode ir. Existem controles internos nas redações e eles afetam o trabalho dos repórteres. O jornalista Luiz Cláudio Cunha, também entrevistado por Marocco (2012, p. 99), garante que o controle interno é típico de uma empresa hierarquizada.

Nenhum jornalista volta da rua, escreve e bota no jornal ou no ar o que produziu. Ele passa por um coordenador, um chefe de reportagem, um editor, que repassa ou formata o texto ou informação e lhe destina o espaço devido ou merecido na próxima edição. Essa relação pode ter um bom reflexo, se partir de um profissional experiente que possa agregar ensinamentos e novos recursos ao jornalista iniciante. Todos eles, em grau maior ou menor, podem vetar uma matéria ou parte dela.

É a decisão do editor-chefe que prevalece sobre o formato da reportagem ou condução da entrevista. O repórter tem espaço pra negociar, argumentar a respeito de um outro formato para o produto jornalístico que produziu, mas, no final, acaba cedendo às exigências da chefia.

Os cuidados que costumam tomar antes de levar ao ar determinada reportagem, e até mesmo as expressões citadas para falar de um determinado assunto, ajudam a traçar a concepção sobre a forma que as tevês de canal aberto de Porto Alegre têm de fazer jornalismo político.

Atestar credibilidade através do discurso que nem sempre condiz com a verdade faz parte da missão política. O repórter sabe que o político precisa convencer, mesmo que o que enuncia não seja exatamente o que pensa. Porém, não pode restar dúvidas quanto a fidedignidade do discurso. É o que o Charaudeau (2006) denomina de “efeitos sociais da mentira” no discurso político. Seja no palanque ou em frente às câmeras, a ordem é convencer.

A forma perversa com que se trabalha este discurso, às vezes, é justificada. O que pode ser complexo é identificar tal artifício em meio a uma entrevista ou durante a elaboração de uma reportagem. Alguns profissionais lançam mão de técnicas próprias, como percebemos durante as entrevistas. Entre os exemplos de mentira política estão a

Estratégia de imprecisão consiste em fazer declarações suficientemente gerais, sutis e, às vezes, ambíguas, para que seja difícil surpreendê-lo em erro ou recriminá-lo

por ter mentido conscientemente [...] *Estratégia do silêncio*, da ausência de declarações: entregam-se armas a um país estrangeiro, colocam-se grampos em um ministério, faz-se o barco de uma associação ecológica ir a pique, mas nada é dito nem anunciado [...] *Estratégia de denegação*, quando o político, surpreendida em negócios que são objeto de uma ação de justiça, nega sua implicação ou a de um de seus colaboradores. (CHARAUDEAU, 2006, p. 106-108, grifo do autor).

Fato é que o jornalismo político ainda aparece como um terreno potencializador. Em junho de 2013, por exemplo, os brasileiros experimentaram um momento atípico com manifestações que ganharam as ruas do país. Fugindo às perguntas do questionário, nossos entrevistados lembram deste episódio. Especialistas políticos e jornalistas afirmam que o Brasil não via tantas pessoas nas ruas desde os tempos dos “Caras Pintadas”²⁰.

No dia 17 junho, por imposição de cidadãos de todas as idades, carros e motos deixaram grandes avenidas e cederam espaço para uma massa heterogênea que chegou e levantar o jargão o “gigante acordou”. Ao invés de tinta no rosto, alguns optaram por usar máscaras do *V de vingança*, de Guy Fawkes, um soldado inglês que planejou matar o rei Jaime I em 1605 e entrou para o universo *pop* como um adereço do personagem anarquista da história em quadrinhos, que chegou ao cinema em 2005.

Em um grito uníssono, a conclusão que era chegada a hora de exigir tudo que é de direito e que está previsto na Constituição, redigida em 1988. Exigir com qualidade transporte, saúde, educação, segurança... E mais: o que deveria ser praxe na gestão pública, o exercício da política sem corrupção.

Manifestantes chegaram a subir no Congresso Nacional, em Brasília. No Rio de Janeiro, cem mil pessoas, segundo estimativas da Polícia Militar, se reuniram durante o protesto. A mídia noticiou cada alteração do movimento, em uma cobertura quase que de minuto a minuto, mas assim como a maioria daqueles que queriam entender o que mobilizava o Brasil, parecia não compreender exatamente o que estava acontecendo.

Imerso na tentativa de tentar explicar o acontecimento, há um discurso carregado de poder. Por isso, é preciso pensar nas consequências do que se diz. E quem está do outro lado da tela (os manifestantes) tenta fazer frente ao poder e exige que as promessas do discurso político se tornem realidade.

²⁰ Movimento estudantil realizado em 1992, que pedia o *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Melo.

A opinião correspondente aos grupos militantes está fundada ao mesmo tempo em dois *imaginários*: o *político* e o de *protesto*, que dizem respeito à organização da vida em sociedade, a qual agora é percebida como um ‘agir junto’ pelo qual os cidadãos procuram obter o que os eleitos não lhes deram ou o que tardam a lhes dar. (CHARAUDEAU, 2006, p. 255).

Ainda segundo Charaudeau (2006), as causas políticas já não estão somente no âmbito da nação, mas ganharam *status* de sociedade, para refletir e falar sobre questões sociais. Um dos cartazes dizia: “Porto Alegre é o símbolo: estamos aqui para dizer “Pare! Com a guerra, com a miséria, com a injustiça social [...] com a corrupção”.

Sobre isso, a consciência discursiva dos repórteres nos revelou que há um sentimento de impotência no ar. A classe política aparece desacreditada, enfraquecida, seja pelo acúmulo de escândalos que envolvem bem público, corrupção e que compreendem a justiça e o poder político. Este campo, em particular, costuma ser desbravado pelo jornalismo.

A cobertura da agenda política também pode soar medíocre algumas vezes. E esta mediocridade está enraizada no cotidiano do jornalista por imposição de suas chefias. Mas, como lembra Bourdieu (1997), a culpa não é dos jornalistas. Entretanto, estes profissionais não podem esquecer que são eles mesmos os responsáveis por eleger temas relevantes, que tragam impacto na sociedade.

Uma das evidências das mobilizações é que a população quer mudar o panorama político. Entoou gritos de ordem e levantou cartazes para dizer isto. Entretanto, não soube mostrar ao certo porque estava protestando, de acordo com a repórter da TV Record. Para ela o que ocorreu foi típico de um comportamento que denominou de “cultura do trio elétrico”, fazendo alusão ao carnaval.

E por falar em consciência, os discursos que atravessam as entrevistas mostram que boa parte das pessoas carece de consciência política. Alguns fatores respondem isso. Um deles é que a leitura de temáticas políticas é muito rasa, muito em razão da complexidade com que são tratados alguns temas. Outro é que a mídia ainda carece de uma linguagem adequada para tratar do assunto. Um terceiro está associado ao grande número de partidos políticos.

3 METODOLOGIA

Durante a elaboração do processo metodológico, uma das primeiras preocupações era identificar publicações sobre as práticas do jornalismo político na tevê. Porém, o que constatamos na maioria dos artigos encontrados, foram trabalhos que demarcavam as influências políticas na produção das notícias, a cobertura política no telejornalismo brasileiro e o trabalho do pesquisador jornalista. Nenhum destes artigos foi dispensado, pelo contrário. Em determinado momento estas pesquisas se mostraram de extrema valia para ampliar a compreensão da relação que se estabelece entre o jornalismo e a política. Porém, o que se propõe de diferencial deste trabalho é entender de que forma a prática do repórter influencia as reportagens de jornalismo político.

Para isso algumas bibliografias foram de fundamental importância no processo da pesquisa. Entre elas, a obra *Comunicação e Política*, de Antonio Carlos Rubim, em que o autor nos recorda que a comunicação sempre foi percebida e utilizada como um instrumento do campo político. No Brasil, isso ocorreu nos pasquins²¹ do século 19. A comunicação estava para garantir a comunicabilidade da política.

Em outra obra, *Comunicação e Televisão*, de Sérgio Capparelli e Venício de Lima, os autores corroboram para nossa compreensão sobre a prática do jornalismo quando abordam o coronelismo eletrônico. Uma relação que se estabelece entre os que têm poder público e os donos de canais de televisão. Situação que coloca entrave no processo de comunicação em que o interesse público deveria ser priorizado em detrimento dos interesses particulares.

Mídia: teoria e política, também de Venício Lima, nos ajudou a entender o cenário de representação da política. O autor foi decisivo, ainda, para nos ajudar a compreender as manifestações de junho de 2013 sob a ótica da cobertura dos meios de comunicação, em artigo intitulado *Mídia, rebeldia urbana e crise de representação*, no livro *Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. Outra colaboração vem do entendimento da relação da mídia com a política, tema que ganhou terreno com a experiência de Franklin Martins, em *Jornalismo Político*.

²¹ Pequenos jornais-panfletos de período efêmero que defendiam ideias de liberdade e luta.

Sobre a Televisão, de Pierre Bourdieu, nos auxiliou na compreensão das contradições e tensões do jogo político na televisão e nas relações de poder que se estabelecem neste meio.

Mas foi com *Discurso Político*, de Patrick Charaudeau, que entendemos, de fato, como se compõe o discurso político, suas condições de contrato e estratégias e os efeitos que ele tem na mídia.

Entretanto, quando foi preciso pesquisar sobre outras publicações que explorassem a prática do jornalismo, encontramos dificuldades. As bibliografias sobre este tema são escassas, mesmo em portais especializados, como o *Compolítica*.²² Por isso, os relatos dos entrevistados se mostraram tão importantes e reveladores para começar a explorar o tema.

Depois de realizar um extenso mapeamento em sites de pesquisa bibliográfica como Compós²³, SBPJor²⁴ e no portal da Capes²⁵ de dissertações e teses, e ter nos certificado de que o número de trabalhos que tratam do cotidiano do repórter ainda se mostra bastante reduzido, optamos por apresentar as entrevistas realizadas com repórteres da RBS TV, SBT, Rede Record, Band e TVE.

Estudos nesta linha nos ajudariam a compreender melhor a Teoria da Ação Política. Ou seja, entender a influência da ideologia política nas informações que são repassadas pela imprensa. A teoria em questão aponta que determinadas notícias podem sofrer distorções para favorecer interesses políticos. Tal estudo aponta que na tentativa de negociar espaço para políticos pode haver casos em que alguns veículos de comunicação recebam verbas de partidos, sejam eles de esquerda ou de direita.

Os estudos de jornalismo político estão baseados no que Traquina (2001) chama de Teoria da Ação Política. E quando nos perguntamos por que as notícias são como são o fator econômico tem papel fundamental para esta resposta. O jornalismo, lembra o autor, é também um negócio.

²² Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política.

²³ Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

²⁴ Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.

²⁵ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Na televisão, a publicidade impõe sobretudo a lógica das audiências, seguindo a lógica: mais audiências, mais receitas publicitárias. Assim sendo, o conteúdo noticioso do jornal televisivo pode ser influenciado pela dimensão econômica: são incluídos no noticiário acontecimentos noticiosos que julgam ser do maior interesse para maior número de público. (TRAQUINA, 2001, p. 78).

O fator econômico e sua dimensão demonstram a percepção da notícia como um produto que precisa ser colocado na balança, na relação que existe entre quem produz e o cliente.

Na obra *Manufacturing Consent: the political economy of the mass media*, Herman e Chomsky (1989) revelam que o conteúdo das notícias é determinado pelo nível externo. Isto quer dizer, ao nível macroeconômico. Em última instância é o mesmo que dizer que quem investe nos veículos de comunicação, como os anunciantes e patrocinadores, é quem diz o que deve e o que não deve ser publicado na imprensa.

Os autores estudaram os mídia norte-americanos e o resultado desta pesquisa, que reforça a ideia de que nas organizações jornalísticas o que se faz é manter o poder instituído, revela alguns pontos interessantes. Quem tem experiência de prática jornalística percebe que não há grande diferença em nossas redações. Um dos pontos trata sobre o papel preponderante dos donos de veículos de comunicação e a ligação entre a classe capitalista, as elites e os produtores midiáticos. Um segundo ponto retrata um acordo que se estabelece entre personalidades da classe dominante e produtores da mídia. E, por fim, a total concordância entre o produto jornalístico e os interesses dos donos e das elites.

Outra questão a se considerar é o fato de que nas teorias de ação política os mídia noticiosos são vistos a partir de um aspecto instrumentalista, isto é, servem a determinados interesses políticos

Na versão de esquerda, os mídia noticiosos são vistos como instrumentos que ajudam a manter o sistema capitalista; na versão de direita, servem como instrumentos que põem em causa o capitalismo. Seja de esquerda ou de direita, estas teorias defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem aos interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos, que utilizam as notícias na projeção da sua visão do mundo, da sociedade, etc. (TRAQUINA, 2001, p. 80-81).

Em seu cotidiano, o repórter de televisão sofre pressões internas e externas que interferem diretamente na prática jornalística, seja cobrindo política ou qualquer assunto de outra editoria. São questões de produção históricas que se apresentam a cada nova pauta.

3.1 Entrevista: para entender a prática jornalística e sua importância na pesquisa

O cerne da pesquisa estará calcado na fala dos repórteres que cobrem pautas políticas nas emissoras já citadas (SBT, RBS TV, TV Bandeirantes, TV Record e TVE). A rotina que envolve a produção destas pautas foram exploradas por meio deste instrumento.

O contato com os repórteres entrevistados foi realizado por e-mail. As entrevistas iniciaram em agosto de 2013. Em sondagem feita com colegas de profissão, solicitamos que repassassem nomes de repórteres que cobrem com frequência pautas políticas.

O e-mail enviado aos repórteres seguia um padrão. O primeiro ponto a deixar claro para o provável entrevistado era de que se tratava de um trabalho acadêmico, cujo encaminhamento se encontrava já na fase de coleta de dados. Depois, dizer que o que se pretendia com a entrevista era ouvir repórteres que cobriam pautas políticas para tentar entender, entre outras questões, quais são os desafios que se interpõem neste processo. Após receber a confirmação dos repórteres partimos para o agendamento, o que levou, em média, uma semana entre uma entrevista e outra.

O material colhido por meio das entrevistas, que perpassa o conteúdo, as revelações contidas em cada fala dos repórteres, suas intenções por trás do discurso e o próprio gestual – porque, como sabemos, o corpo também fala (WEIL; TOMPAKOW, 2004) –, nos oferecem um caminho para começarmos a entender a rotina do jornalismo político televisivo e os desafios enfrentados por aqueles repórteres que cobrem esta editoria.

Partimos para a entrevista com o questionário e um gravador, para garantir que não se perdesse nenhum detalhe dos relatos. Elaboramos um questionário com 15 perguntas. Questionamentos que pretendiam entender desde o porquê da escolha do curso de jornalismo, passando pelos desafios de fazer jornalismo político em tevê até os saberes que circulam nas redações e ajudam na produção das pautas.

As perguntas passaram pelo crivo da professora orientadora, a doutora Beatriz Marocco e, depois de sofrer reformulações e ajustes necessários, foram encaminhadas aos repórteres. Serviram como norteadoras para esta etapa do trabalho. Entretanto, percebemos que, às vezes, uma declaração que chega fora de um questionamento pré-elaborado pode trazer elementos de valor para o tema de pesquisa e merece ser esmiuçado.

Nosso objetivo era deixar os colegas o mais à vontade possível. E foi assim que aconteceu. Mesmo ocupando o outro lado, o de entrevistado, os repórteres não se sentiram incomodados com a presença do equipamento que separava o pesquisador do profissional de redação.

É importante salientar também que o questionário serviu como um norteador para as entrevistas, com perguntas que pretendiam dar conta da rotina das redações. Mas ao longo dos relatos, sempre que achávamos pertinente destacar algum ponto levantado pelo entrevistado, não hesitávamos em fazer. Esta decisão nos permitiu, por exemplo, explorar com o repórter do SBT como um dos candidatos tentou burlar o sistema eleitoral usando a máquina pública, nas eleições para o governo do Estado, em 1998.

Por conta de uma agenda atribulada nas redações, as entrevistas foram gravadas na casa dos entrevistados ou na rua, em cafeterias, por exemplo. Com exceção dos repórteres do SBT e RBS TV, que nos receberam na redação. A indicação dos locais partiu dos entrevistados, o que foi fundamental, já que, familiarizados com o ambiente, a possibilidade de contarmos com relatos mais ricos seria maior.

A identidade dos entrevistados será preservada por um princípio ético que visa, primordialmente, evitar problemas para os repórteres nas emissoras em que trabalham, em função do conteúdo revelado. Já a emissora a qual pertencem, obviamente, será identificada, mesmo porque, se não for assim, será impossível contextualizar o pensamento/linha editorial de seus respectivos veículos.

O tipo de entrevista escolhida é a semiestruturada. Para Triviños (2007) essa entrevista permite ao pesquisador ampliar seu leque de questões na medida em que o estudo apresenta novas demandas e também dá margem para que o entrevistador faça questionamentos básicos, sustentado em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que pouco a pouco vão ampliando as interrogações e formam novas hipóteses à medida que se percebem as respostas dos informantes. O que significa que na entrevista semiestruturada há uma valorização do investigador, pois a mesma permite oferecer a liberdade necessária para o entrevistado se sentir à vontade, agir de forma espontânea e, ainda, permite surgir questões inesperadas ao entrevistador, as quais poderão ser de grande utilidade para a pesquisa, enriquecendo a investigação.

O autor lembra também que

[...] *entrevista semiestruturada*, em geral, é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam a pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas [...] desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 2007, p. 146, grifo do autor).

Vale ressaltar que as perguntas que constituem a entrevista não surgiram por acaso, são resultado de um processo teórico que o tempo inteiro fomenta a ação do investigador.

O contato com os repórteres foi mantido ao longo de 2014. No começo do segundo semestre do referido ano, depois da aprovação parcial do trabalho pela banca, fomos novamente ao encontro dos repórteres para buscar novas contribuições e, orientado pela mesma banca, esmiuçar alguns pontos de vista destes profissionais sobre a prática do jornalismo político.

3.2 O Perfil dos Entrevistados

A entrevista com os repórteres começa com uma espécie de convite de apresentação do entrevistado, pedindo que ele fale um pouco sobre sua trajetória no jornalismo. Com a apresentação do repórter é possível conhecer um pouco de seu perfil.

Dos cinco entrevistados, três são homens e duas são mulheres. A apresentação ficou a critério de cada um. A primeira questão é: “Eu gostaria que você falasse seu nome completo, ano de graduação em jornalismo e um pouco da sua experiência profissional”.

As perguntas que compõem o questionário farão parte dos apêndices.

O repórter do SBT tem 49 anos e é formado em jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) desde 1996. Começou a atuar na profissão ainda quando estava na universidade. Além de repórter, o jornalista é âncora de um telejornal que cobre reportagens políticas com frequência.

O repórter da RBS TV tem 38 anos e é formado em jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) desde 1998, quando se mudou para Porto Alegre. A política é uma das editorias com as quais o jornalista mais tem afinidade.

O repórter da TV Bandeirantes tem 35 anos e é formado em jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social (Famecos) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) desde 2001. Começou atuando em rádio, ainda como estudante de graduação. Reportagens de política costumam estar nas pautas do jornalista semanalmente.

A repórter da TVE tem 40 anos e é formada em jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) há sete anos e em publicidade e propaganda há 16, pela mesma instituição. Reportagens e entrevistas políticas fazem parte da rotina da profissional.

A repórter da TV Record tem 26 anos e formou-se em jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel) em 2009. Tem experiência em jornal impresso e foi repórter da TV Nativa, emissora que até 2012 era afiliada da Record na zona sul do Estado. As pautas políticas também fazem parte da rotina da repórter.

4 ANÁLISE DA PESQUISA

O capítulo a seguir vai abordar a linha editorial das cinco emissoras pesquisadas. São elas: RBS TV, SBT, TV Record, TV Bandeirantes e TVE. Será esmiuçado, também, as semelhanças e as diferenças na rotina jornalística, bem como a atuação dos repórteres entrevistados nas manifestações de junho de 2013.

4.1 A Linha Editorial das Emissoras pela Ótica dos Repórteres que Cobrem Política

No capítulo abaixo, os repórteres entrevistados falam sobre a linha editorial das emissoras em que trabalham e explicam se a rotina jornalística é ou não pautada por um guia de ética ou manual de redação. Não são todas as emissoras que contam com este suporte.

4.1.1 RBS TV

Os repórteres da RBS TV se pautam pelo guia de ética e autorregulamentação da emissora²⁶. Em linhas gerais, o guia diz que não é permitido difamar, caluniar e que é preciso ter cuidado ao abordar determinados assuntos. O repórter ressalta, também, que o guia não faz nenhuma distinção entre partidos ou apresenta diretrizes da linha editorial que determinado programa deva seguir referente a políticos ou com vistas a privilegiar alguma legenda.

Ainda de acordo com o entrevistado, a escolha do assunto que merece cobertura da emissora está pautada na relevância. O critério de relevância é o interesse público. A emissora procura manter equilíbrio na exibição das reportagens, explorando temas variados, que passam da editoria de Geral à Cultura. Para o entrevistado, o Grupo preocupa-se em manter, constantemente, o equilíbrio durante as coberturas, dando o mesmo tempo para candidatos de esquerda e de direita.

“Temos noção de que nossa audiência média é muito variável, tem perfil muito diferente. Tem gente da esquerda que nos prestigia, tem gente do centro e tem gente de extrema direita. E esta gama de perfis diferentes está representada em

²⁶

Guia de ética jornalística.

nossa redação. No Grupo RBS se faz jornalismo. Fazer jornalismo é saber fazer cobertura dos fatos que interessam ao grande público, sem distinção de partidos ou ideologia.”

O repórter afirma que, editorialmente, o Grupo RBS, que conta com cerca de dois mil jornalistas e quase seis mil funcionários, não tem orientação partidária.

4.1.2 TVE

A Fundação Cultural Piratini, empresa pública de comunicação do Rio Grande do Sul, da qual a TVE faz parte, ainda não conta com um manual de redação. De acordo com a repórter entrevistada, o diferencial do canal é dar cobertura para fatos que emissoras de comunicação comerciais não costumam priorizar. Como exemplo citou discussões que se propõem durante sessões plenárias e que podem resultar no surgimento de novas leis. Ainda segundo a jornalista, para qualquer tema que tenha como resultado reportagem é fundamental que o profissional ouça todas as partes envolvidas.

A relação que a emissora estabelece com a TV Brasil, emissora cabeça de rede²⁷, é de parceria, porém, de independência e autonomia editorial. O acordo firmado em contrato exige como contrapartida que a TV Pública do Estado elabore determinadas reportagens e as envie para serem exibidas em rede nacional.

No que concerne à comunicação pública, há alguns conceitos que ainda estão sendo construídos. A emissora pensa em elaborar um manual de ética e responsabilidade. Entretanto, a presidência acredita que mesmo a criação de um manual deste tipo não excluiria uma discussão permanente. O que seria, inclusive, vantajoso para comunicação pública, levando em conta que a vocação de uma tevê pública é estar aberta à sociedade e suas manifestações e garantir um espaço de discussão.

A TVE, por ser uma emissora pública, está menos submetida às inflexões e pressões do mercado do noticiário.

²⁷ Emissora responsável pela geração dos sinais de imagem e/ou som que serão retransmitidos pelas afiliadas.

4.1.3 BANDEIRANTES

A TV Bandeirantes conta, a nível nacional, com um manual de jornalismo²⁸ que deve ser seguido por toda a rede. De acordo com o repórter que representa a emissora, o conteúdo é aprendido no exercício da profissão, já que o material não se encontra disponível na redação. Por isso, ele ressalta que o aprendizado é repassado entre os colegas, sobretudo os mais experientes.

Para os repórteres é muito claro o que não deve ser abordado pela emissora. Uma das questões refere-se a valores do crime. Por exemplo, quando se anuncia uma apreensão de drogas. Observa o repórter:

“Vou te dar um exemplo: foram apreendidos dez quilos de cocaína, o que equivale a tantos mil reais. Fala-se da quantidade apreendida, porém, não deve se fazer um comparativo com valores em dinheiro. Com isto evita-se suscitar a impressão de que o mercado do tráfico possa ser lucrativo.”.

Ainda de acordo com o repórter, que já passou por outras emissoras, esta é uma regra comum nos meios de comunicação.

Com o número cada vez mais crescente de conteúdo colaborativo para reportagens, a TV Bandeirantes não abre mão de uma checagem rigorosa das informações. A reportagem da TV Bandeirantes está alinhada com as questões que envolvem política e o editorial jornalístico da emissora identifica-se com o tema. Mas a proporção de matérias políticas na TV Bandeirantes do Rio Grande do Sul é menor se for comparada com a Band/São Paulo e Brasília, de acordo com o repórter.

4.1.4 SBT

De acordo com o repórter do SBT, o editorial jornalístico do Sistema Brasileiro de Televisão baseia-se em uma carta²⁹ escrita pelo proprietário, o apresentador e empresário Senor Abravanel, conhecido como Silvio Santos, em 1988. O material não é intitulado,

²⁸ O manual de jornalismo, citado pelo repórter, não está disponível na internet.

²⁹ A carta com os 14 ensinamentos que guiam o jornalismo do SBT está disponível no site Bastidores da TV.

necessariamente, como manual de redação. O texto enfatiza “a missão de informar bem para melhor formar o povo e a nossa gente.”

São 14 itens que enfatizam a importância da credibilidade, seriedade, isenção e apartidarismo no fazer jornalístico. Cada informação deve ser confirmada. Nenhum boato ou rumor pode ser divulgado. Os problemas que afetam a comunidade recebem destaque nas pautas exploradas pelo jornalismo do SBT.

Ainda segundo o repórter, a marca da emissora é própria e foi construída ao longo do tempo.

“Não devemos ter a cara dos concorrentes. Ser popular não significa ser popularesco. Uma notícia deve ser entendida pela patroa e pela empregada.”

4.1.5 RECORD

Segundo a repórter entrevistada, a Record não conta com um manual de redação. Nem mesmo uma carta, a exemplo do SBT, que transmita as diretrizes do fazer jornalístico.

A equipe sai para a rua com o respaldo dos editores de texto. São estes profissionais que ajudam o repórter a conduzir a matéria. Em última instância é a chefia de reportagem que defini como as reportagens devem ser conduzidas. A temática policial prevalece no produto final. As pautas exploram investigações e apreensões de grande porte.

Desde outubro de 2014, a Record conta com um novo gerente de jornalismo. A repórter lembra que quando o profissional assumiu a função repassou em e-mail para toda a equipe questões que precisariam ser trabalhadas para imprimir mais qualidade à prática jornalística. A elaboração de um manual de redação, porém, não é cogitada pelo novo gestor de jornalismo.

4.2 Semelhanças na Rotina dos Repórteres

Para entender melhor a rotina dos repórteres que cobrem política nas emissoras pesquisadas, resolvemos esquematizar as entrevistas. Analisamos o que foi dito por cada um dos jornalistas nas 15 perguntas que compõem o primeiro questionário e separamos as respostas. De um lado, as que se assemelham, do outro, as que se diferenciam e traduzem

modos distintos de proceder à prática de cobrir política. As tabelas que compõem a esquematização farão parte dos apêndices.

Com relação às respostas que se assemelham, pelo menos oito das 15 perguntas revelam ideias que atravessam o discurso dos repórteres. No início do questionário – separado das perguntas que dão conta das rotinas – chama atenção o fato de que quatro dos cinco entrevistados iniciaram a carreira em jornalismo pelo rádio e justamente como setoristas de política – com exceção das repórteres da TVE e TV Record. A jornalista da TVE não trabalhou como setorista e a da Record começou atuando em tevê. Os que trabalharam com rádio foram unânimes em dizer que a experiência no veículo trouxe diferencial à profissão devido ao dinamismo que oferece.

Deixando de lado as formalidades de apresentação vamos adentrar no terreno da prática do jornalismo político. No diálogo que se estabeleceu entre entrevistador e entrevistado, outra resposta nos chama atenção. Quando questionados sobre como o repórter deve se preparar para uma pauta política, os repórteres do SBT e da RBS TV logo responderam que é preciso conhecer os políticos, os partidos a que pertencem e a história política destes homens públicos. Lembra o repórter do SBT:

“Tem que procurar estar ligado no assunto, na pessoa que tu vais entrevistar. Buscar informações sobre o que ela fez, o que ela representa no partido, que representação tem o partido dela. Buscar informações sobre o candidato, se for o caso. Que funções políticas ele já assumiu.”

O repórter da emissora afiliada à Rede Globo complementa:

“Se eu vou falar da relação de um posto de saúde com partidos políticos, tenho que saber que partidos são estes. Quem são as figuras que estão no comando destes partidos? Em que circunstância foi construído o posto de saúde? Estar municiado do máximo de informações e ler bastante. Pesquisar. Pesquisa é fundamental. Muitas pessoas não costumam fazer isso. Só leem algumas matérias políticas.”

Mas não são todos os jornalistas que costumam – e conseguem – pesquisar o tema da reportagem antes de sair a campo. A justificativa para isso, na maioria das vezes, é falta de tempo. Alguns repórteres só ficam sabendo da pauta quando chegam à redação. Amadurecer o assunto, pesquisar, pensar em detalhes que farão a diferença na matéria é o que todo repórter

gostaria. Entretanto, quem consegue com mais frequência atingir este objetivo são os repórteres que se debruçam sobre uma matéria especial ou uma série de reportagens.

O fato é que o jornalista precisa encontrar este tempo para pesquisa, mesmo que seja fora do expediente. Para a repórter da Rede Record ser bem informado é obrigação. Em contrapartida, salienta que nem sempre há tempo de se aprofundar como gostaria nas pautas:

“Nas emissoras maiores, nós contamos com a produção, que tem o papel de apurar. Mas a produção também tem falhas. Nem sempre o material vem da maneira correta ou traz os subsídios necessários para a reportagem. Eu vim do interior. Lá não tem produção, o repórter faz tudo. Parece mais difícil, mas, na realidade, é mais fácil, porque é o repórter quem apura a sua reportagem. Quando tu tens um profissional que é pago para isso, parte-se da premissa que a função dele, naquela estrutura, é te trazer o material.”

Procurando entender o ponto de vista da entrevistada, resolvemos aprofundar a pergunta e questionamos sobre sua responsabilidade, enquanto jornalista, frente à pauta.

“Não estou dizendo com isso que o repórter deve “tirar o corpo fora”. Temos que respeitar o espaço do produtor dentro da emissora. Mas é claro que o repórter tem que buscar mais. O que eu quero dizer com não ter tempo é que, muitas vezes, o repórter precisa de uma apuração de fontes e nós não temos espaço para isso, porque não dá para contornar o deadline³⁰. O repórter não tem autonomia, na maioria das vezes. Eu digo no meu caso, como uma repórter que não tem anos de estrada. E isto faz diferença. Faço cobertura política com frequência há pouco tempo. O repórter que tem mais espaço na hierarquia da redação coloca na mesa sua decisão e diz: ‘eu preciso de tempo, esta matéria me exige isto.’ Na emissora em que trabalho não tenho esta autonomia, apesar de muitas vezes reivindicar.”

Insistimos na importância do repórter dominar o assunto, em pesquisar sobre o que vai levar ao ar. A resposta da entrevistada soou como um desabafo.

“Me falta tempo, me faltam subsídios e me falta possibilidade, às vezes, de fazer mais. Inclusive não só de pesquisar anteriormente a pauta, mas na hora da pauta. Tem vezes que é preciso entrevistar mais, saber mais, apurar mais e a gente trabalha sobre pressão, com um radinho tocando a toda hora, com o WhatsApp³¹ te chamando a toda hora. Não tem muito o que fazer. Esta pressão acaba nos prejudicando, se a gente não responde a ela. Se eu fosse uma repórter só de

³⁰ Prazo final para entrega do material jornalístico.

³¹ Aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens por celular sem pagar SMS.

editoria de política, talvez tivesse mais espaço pra isso, mais respeito a esta necessidade. Como não estou em uma emissora que prioriza esta editoria, não encontro muito espaço para fazer um trabalho mais digno.”

O cotidiano da repórter da TV Record reflete a cobertura de matérias *hardnews*³², e com número considerável de participações ao vivo nos telejornais. O que pesa no fato da repórter só saber detalhes da pauta no dia da execução, situação que dificulta pesquisar o assunto. Às vezes, é decidido o que será notícia poucas horas antes do telejornal entrar no ar.

“Receber a pauta com antecedência não é uma constante. É raridade, inclusive. Quando é uma pauta produzida, que necessita de um cuidado especial, somos avisados. Mas também depende do profissional que está produzindo ter a preocupação de ligar para o repórter ou mandar um recado. Geralmente é no momento em que estás saindo da emissora que tu ficas sabendo o que tem que fazer e já tem que começar a arquitetar, pensar como construir a pauta, que informações apurar... Apurar com antecedência pra mim é um sonho.”

Mesmo com as limitações que a empresa onde trabalha impõe à jornalista, ela não deixa de pesquisar, estudar a pauta. Fica claro que o tempo dedicado para pesquisa na redação é escasso, mas ressalta que o repórter não pode usar isto como pretexto para não dominar o assunto.

Para o repórter da RBS TV falta de tempo não pode ser justificativa para não apurar bem.

“Todo mundo gostaria de ter mais tempo para fazer uma investigação, um tempo maior para fazer apuração. Mas isto não significa que a apuração deixa de ser bem feita. Antes tu tinhas dois, três, quatro dias sem se preocupar que tu irias levar um “furo”³³. Hoje se vive uma realidade diferente. Tu tens uma informação e dar ela num primeiro momento não significa que ela está mal apurada ou não é verdadeira. Se eu fico sabendo, por exemplo, que um secretário de governo vai renunciar ao cargo, se eu tenho a confirmação de que ele vai mesmo renunciar, eu dou a informação. A partir daí começa uma repercussão daquilo e uma investigação maior. O que está por trás daquilo, quais as repercussões políticas daquela decisão, de que forma isto vai influenciar na nova composição do governo, são coisas que vem na esteira da informação que tu deste. Eu não deixo um assunto para trás simplesmente porque eu não tenho tempo para investigar.

³² Notícia importante. O termo está associado ao relato de fatos e acontecimentos relevantes para a vida política, por exemplo.

³³ Informação importante e correta que apenas um veículo de comunicação divulga.

Para o entrevistado, repórter precisa ser proativo, isto é, tomar a iniciativa de buscar informações para elaborar a matéria da forma mais completa possível.

“O editor tem que estar sempre monitorando, mas cabe ao repórter, também, a iniciativa de tomar as rédeas da pauta. O bom repórter é aquele que toma conta do assunto, que não desiste.”

As mudanças no cenário político são repentinas e exigem que o repórter saiba o nome de secretários de pastas, sua função e o papel no governo. O profissional da comunicação que trabalha com jornalismo político

[...] precisa ter prazer em cobrir a área, ler sobre o assunto e se interessar pelo estilo e pela personalidade dos principais políticos. É claro que só um tarado ficará preocupado em conhecer detalhes sobre a carreira e o estilo das centenas de integrantes do ‘baixo clero’, mas é indispensável entender a trajetória e os padrões de comportamento dos jogadores mais importantes em campo. (MARTINS, 2005, p. 66).

O número de políticos é significativo. Só no Rio Grande do Sul são 52 deputados estaduais. Na capital gaúcha, o número de vereadores chega a 36. Por isso, é preciso conhecer de perto este cenário. Assim, as chances do repórter errar ou ser enganado diminuem. Para quem não é setorista de política, caso dos nossos entrevistados, o cuidado deve ser ainda maior.

Neste certame é comum, por exemplo, os políticos trocarem de siglas partidárias, mudar de pasta³⁴ ou serem exonerados de cargos. Se não estiver atento a estas mudanças, o repórter corre o risco de passar informações equivocadas ou deixar de passar informações importantes no material jornalístico.

Preparar-se para a pauta política é outro ponto fundamental. As repórteres da TVE e da Rede Record comungam da ideia de que nesta hora é preciso buscar o máximo de informações, e a internet é um dos meios mais acessíveis. A justificativa é que a rede mundial de computadores representa um dos instrumentos com o maior número de informações na hora em que é preciso apurar a pauta. Mas elas alertam sobre a necessidade de filtrar estas informações. A repórter da TVE destaca, ainda, que é interessante aprofundar a pesquisa

³⁴ Secretaria ou ministério que o político representa.

sobre o entrevistado junto a colegas de trabalho, integrantes do partido e por meio de notícias publicadas em diferentes veículos de comunicação.

Contudo, as dificuldades se interpõem a todo o momento. Para dois dos cinco entrevistados (os repórteres do SBT e Rede Record), a situação mais complexa é elaborar a reportagem da forma mais imparcial possível.

“Na hora de fazer a matéria, mesmo que tu sejas totalmente contra o que o político disse, tu tens que passar o que ele disse. São os telespectadores que tem de avaliar se o que ele falou é bom ou ruim, e não o repórter que, às vezes, faz uma matéria prejudicando o político, por que não gosta dele.” (repórter SBT).

Para a repórter da Rede Record é preciso

“Passar da maneira mais clara possível a informação. Desatar os nós da informação. Decodificar a informação política, para que o receptor possa tomar uma posição.”

Não há uma fórmula específica. A começar porque sabemos que sempre deixamos nossa impressão em reportagens e entrevistas, por mais que tentemos refutar esta ideia. É inerente. Levamos para a rotina jornalística nossas vivências, percepções e preconceitos sobre temas, inclusive, políticos.

A tentativa de “ser imparcial” é válida quando temos claro que isso é o mesmo que dizer que precisamos, sempre, ouvir todos os lados envolvidos, dar o mesmo tempo para os entrevistados.

Repórteres precisam de referências e repertório para explorar as reportagens. Isto significa bagagem proveniente de leituras importantes, da decisão de estudar a história do país ou de estudar nomes que foram e são importantes. Regra que não vale apenas para política, mas para o jornalismo como um todo, independente da editoria.

Questionamos quais são as leituras indispensáveis para o jornalista que cobre política. Três dos cinco profissionais citaram, além de jornais, que é preciso estar atento aos noticiários de rádio e tevê.

O repórter do SBT acredita ser

“importante acompanhar os colunistas políticos, para, através deles, explorar os bastidores. Algumas informações podem, inclusive, ser usadas em entrevistas”.

Para o jornalista da TV Bandeirantes

“não adianta pegar a pauta e querer se informar de tudo antes. O processo deve ser contínuo, tu precisas acompanhar assiduamente jornais, rádio e tevê”.

Na avaliação da repórter da Record

“diariamente os jornalistas tem que ler jornais e ouvir rádio. Leitura de jornal é a base pro seu dia, ajuda você a explorar mais o assunto, porque na tevê é outra maneira de abordagem. O jornal geralmente tem uma raiz política muito grande. Traz um espaço maior”.

As pessoas estão mais informadas. Isto também deve ser levado em consideração. Além de receber diariamente uma gama de informações, os canais pelos quais chegam as notícias também foram ampliados, especialmente depois que o acesso à internet se tornou mais fácil. A convergência de mídia alavancou este processo, com rádio, tevê e jornais disponíveis na rede, em um mesmo site. Se a população decide por conta voltar os olhos para estes canais, para os jornalistas é obrigação.

Com tamanha oferta de informações, o senso crítico se torna mais apurado, o que aumenta a responsabilidade de quem produz a pauta. Tudo indica que a população está aprendendo a usar melhores ferramentas da internet para confrontar posicionamentos e versões das notícias. Uma notícia distorcida tende a se sustentar em um espaço de tempo cada vez menor. Por isso, saber o que está sendo apresentado pelos meios de comunicação é imperativo para o repórter.

Isto significa que as pessoas estão entendendo mais sobre política? Na avaliação dos cinco entrevistados sim, mas não como considerariam ideal. É um processo ainda em fase inicial. E as manifestações de junho ajudam a fundamentar o argumento dos repórteres. Todos se lembraram dos protestos quando perguntados sobre a importância da população entender política.

O repórter do SBT, por exemplo, mostrou-se indignado e chegou a elevar o tom de voz ao mencionar a visão que tem sobre as manifestações.

“Chegou um momento em que a indignação com a política foi tamanha que o povo respondeu quebrando coisas que não era pra quebrar. Este é um momento de rever tudo que a gente tá passando no país. Passar o Brasil a limpo. As pessoas estão se dando conta disso. É preciso ser radical, mesmo. A gente já foi tolerante demais.”

Na visão do repórter da RBS TV, os temas políticos estão se tornando mais claros através do jornalismo.

“Depois que o governo lançou a possibilidade de um plebiscito e de reforma política, a imprensa, em geral, começou a discutir mais intensamente que reforma a gente precisa. Quais são as mudanças necessárias, o que vem por aí, o que pode acontecer. De certa forma, a mídia deu a volta por cima pra começar a discutir isto. E isto é reflexo do que aconteceu em junho de 2013, onde as pessoas foram às ruas, protestaram.”

Para o repórter da TV Bandeirantes, a população demonstrou querer ir às ruas. Porém, mais por pressão das massas, mobilização organizada nas redes sociais, do que por um objetivo.

“As pessoas sabem que algo está errado e por isso, mobilizadas, resolveram ir pra rua. Estão entendendo melhor o processo, mas precisam saber mais.”

Questionamos o repórter sobre este “saber mais”. Taxativo, ele começou dizendo que “os jornalistas mais jovens têm a mania de receber tudo pronto.”, o que o preocupa.

“É preciso pesquisar, desconfiar e saber fazer conexões. A política é o que está na vida das pessoas. O repórter pode torná-la mais atraente mostrando as relações da política com o cotidiano”.

Sobre a falta de tempo para justificar a inexistência de uma pesquisa aprofundada na hora de elaborar a reportagem, o repórter faz uma crítica.

“Os repórteres recém-formados, que estão chegando às redações agora, estão perdendo a cultura de conquistar e preservar as fontes. Fazem parte do que se costuma chamar de nativos digitais. Antes se ligava e criava vínculos com as fontes. Hoje, se espera que as informações cheguem prontas da internet. Nós, repórteres, somos generalistas e, por isso mesmo, falta de tempo não pode ser desculpa. O jornal, o rádio e a própria internet estão ao nosso alcance, mas é preciso saber usar”.

A falta de bagagem é outro ponto mencionado pelo repórter:

“Falta repertório e pesquisa para contextualizar, criar analogias. É preciso saber do quê e de quem se está falando. Sem isso a reportagem fica rasa.”

Na concepção dele, as pessoas vão se interessar mais por política à medida que conseguirem perceber as conexões com seu cotidiano.

Quando entendemos que se fazia necessário reencontrar o repórter, ele havia sido designado pelo editor-chefe da Bandeirantes para ser responsável por uma série de reportagens que retrataria a situação das cidades sem asfalto, na região metropolitana de Porto Alegre. Entrevistou moradores que vivem à beira de estradas, caminhoneiros e outros motoristas, sempre pensando em estratégias para impactar as autoridades com suas reportagens.

“Eu mostrei como é, para aquelas pessoas, viver sem asfalto. O que acontece, por exemplo, com a senhora que precisa ir à capital fazer hemodiálise e precisa do dobro de tempo para chegar ao hospital, porque a estrada está esburacada. Isto é política e esta linha narrativa faz a reportagem. Este tipo de situação precisa chegar ao conhecimento do setor de comunicação do governo do Estado, precisa chegar ao DAER³⁵. Só assim penso que alcançamos nosso objetivo. A população que vive de perto esta realidade não está interessada em quem fazia parte do governo que prometeu asfaltar as estradas e não cumpriu. As pessoas não se ligam nisso. Elas querem o resultado, a prática.

Voltando a questão da cobertura das manifestações, a repórter da TVE lembrou o quanto as notícias dos telejornais foram criticadas nas redes sociais e refletiu sobre o episódio.

“Quem acompanhou as coberturas das manifestações de rua com olhos críticos, percebeu que as versões sobre o mesmo fato eram distintas de um veículo para o outro. A luta é legítima e justa, sem dúvida, mas perdeu força com a infiltração de elementos dispostos apenas a deprender.”

A repórter se referia a manifestação de grupos como os *blackblocs*³⁶

“Alguns veículos deixaram de cobrir com ênfase as manifestações, porque as bandeiras políticas passaram a prevalecer sobre as de luta. Certos integrantes

³⁵ Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem.

³⁶ Grupo de pessoas mascaradas e vestidas de preto, com afinidade anarquista. O grupo esteve presente nas manifestações de junho de 2013 e protagonizou cenas de vandalismo.

perderam credibilidade e a simpatia da população. Apesar de vivermos em um país democrático, sempre há interesses envolvidos.”

Para a repórter da TV Record, o processo de conscientização sobre a importância da política se dá de forma gradativa.

“Alguém colocou a boca no trombone e a população começou a acordar. Com as manifestações populares, isto ficou mais visível ainda. A indignação, a vontade de mudar tudo. Mas eu acho que a população tem que ter mais discernimento, porque o povo brasileiro é muito do “trio elétrico.” A cultura do carnaval, onde um vai o outro vai também. Às vezes, a maioria das pessoas que está numa manifestação, não está decepcionada com tal político. As pessoas estão no bonde, querem reclamar, mas não sabem do quê.”

Os protestos que começaram em junho de 2013 tinham como finalidade inicial contestar o aumento na tarifa do transporte público em pelo menos dez capitais brasileiras e ganharam apoio popular depois dos casos de denúncias de repressão militar. Tarifa de ônibus e, depois, outras pautas que se somaram a esta, como educação e saúde, estão intimamente ligadas à política. Representantes dos mais variados partidos se pronunciaram sobre o tema. As manifestações ganharam prioridade nas agendas do Senado, Congresso Nacional, nas assembleias e prefeituras.

Até aqui, o relato dos entrevistados já nos permitiu perceber alguns entraves que dificultam a elaboração da pauta política. Os que mais chamam atenção estão associados à linha editorial. A repórter da TVE, por exemplo, lembrou que cada veículo tem uma linha editorial, o que representa, inevitavelmente, posicionamentos políticos e interesses envolvidos. Em se tratando de tevê pública, como é o caso da TVE, a flexibilidade é maior. Na TVE já houve casos em que o editor-chefe tentou modificar algumas coisas e, depois do jornalista argumentar, predominou o argumento do jornalista.

O fator tempo, na visão dela, também se interpõe como uma dificuldade. A repórter lembra que já chegou a elaborar três reportagens em um mesmo turno e reclama da dificuldade de se aprofundar perante este cenário.

“Às vezes, o tempo que tu tens para conversar com um entrevistado é de dez minutos.”

Questionada se o argumento do tempo não seria uma desculpa para o repórter não explorar mais a fundo o tema da matéria, a repórter respondeu que não. O argumento está baseado no tempo de apuração. A repórter faz um comparativo:

“O repórter de impresso sai ganhando. O tempo de pesquisa e de texto é maior.”

Esta é a mesma concepção do repórter do SBT. Na avaliação do profissional, em termos de apuração, o telejornalismo sai perdendo. Há menos tempo disponível para pesquisa e confronto de informação se comparado a jornais impressos ou revistas, por exemplo.

“O tempo disponível é menor, mas isto não significa que o jornalista de tevê deva se eximir do processo de pesquisa. Ele precisa se organizar para que o trabalho não deixe a desejar.”

Mesmo com todos estes desafios, quatro dos cinco jornalistas se mostraram otimistas ao responder que seria possível reverter estes entraves. Para eles, a saída estaria em tornar as reportagens políticas mais equilibradas. Mas, para isso, é preciso repensar o modo de elaborar as matérias, ao que os entrevistados responderam:

“Precisamos repensar o modo de fazer jornalismo político na tevê, principalmente agora, com o crescimento da mídia alternativa, que questiona muito o jornalismo tradicional. Esse tipo de jornalismo tradicional costuma só mostrar o que o político fez e para por aí. Vamos ter que rever o jornalismo político, para que ele traga mais resultados.” (repórter do SBT).

“O jornalismo político na televisão precisa mudar o seu foco. Eu acho que ele ainda tá muito no gabinete e pouco na rua. Muito no tapete e pouco no barro. Muito com o que é decidido entre quatro paredes e pouco com reflexo lá na ponta. Uma decisão política é importante, sim. Mas por que ela é importante?” (repórter da RBS TV).

“O telejornalismo político precisa se reinventar, primeiro, por uma questão de tecnologia. Vivemos uma fase nebulosa em termos de mudanças tecnológicas, de plataformas. É preciso buscar novas formas de levar a notícia política, pensando não só com relação às novas tecnologias, mas, também, com relação ao conteúdo.” (repórter da TV Band).

“É preciso repensar o jornalismo político. O excesso de siglas e de candidatos no Brasil e a falta de fidelidade partidária prejudicam o discernimento do cidadão. Ele está desacreditado e, por isso, constrói uma visão muito generalista sobre o tema. E com o surgimento de mídias alternativas e da maior liberdade de expressão nas redes sociais é fácil implantar fatos, criar boatos, manipular a

opinião pública. Neste campo, o jornalista precisa sempre desconfiar das respostas prontas e insistir na obtenção da verdade, a fim de esclarecer o discurso ao telespectador. Mesmo assim, na hora de ir ao ar, nem todo conteúdo é exposto.” (repórter da TVE).

“Os políticos podem fazer com que o povo volte a acreditar num projeto ou em outro. Mas na política, de uma maneira geral, como é que o povo tem acesso a esses projetos? É pela mídia, pelo jornalista. Então, nós temos um papel fundamental, que é renovar o discurso, saber como o público se comporta. Não adianta eu entender muito de política e não saber como o meu público se comporta. Este é o segredo.” (repórter da Record).

O jornalista de política, por trabalhar com temáticas tão complexas, deve ter muito claro que não escreve para si mesmo, mas para informar as pessoas. Esta noção vai ao encontro do que pensam nossos entrevistados. Termos técnicos (e são muitos) e chavões devem ser evitados. Mas o principal é ter em mente que é preciso saber como e por que as decisões políticas afetam a vida das pessoas. Além de um texto objetivo, o repórter que trabalha com televisão precisa saber que elementos devem ser destacados na matéria e que recursos usar para isso com auxílio dos editores de imagem. Estes elementos fazem parte do arsenal que será acessado para compreender o tema da reportagem.

[...] o repórter está obrigado a capturar o essencial, e a destacá-lo claramente do restante. Não pode errar e tampouco apostar em várias alternativas, transformando a matéria em uma salada. O que é apenas importante tem de estar a serviço do que é muito mais importante, e jamais disputar o pódio com ele. Lembre-se de que o telespectador não tem como voltar sobre a sua matéria para tirar dúvidas e fazer comparações. (MARTINS, 2005, p. 116).

Colocar isso em prática, no entanto, exige habilidade. A intenção do jornalista que cobre política pode ser a melhor. Esmiuçar o assunto e traduzir o que está sendo dito é o principal objetivo. Mas, para a repórter da TV Record, isto nem sempre acontece. Segundo ela é preciso reavaliar o tempo distribuído às reportagens de cada editoria. A repórter lembrou das transformações ocorridas com as reportagens de esporte:

“Poucas pessoas “curtem” ver política. O esporte [as reportagens] antigamente era um jornalismo mais quadrado, como é de outras áreas, hoje. Em outras emissoras, que não a minha, tem um espaço gigantesco, tem vários programas de esportes. O esporte conquistou um espaço de destaque. Tem emissoras que tem entre seus principais apresentadores profissionais do esporte. E o jornalismo só conquistou isso porque se renovou. Eles criaram uma outra abordagem. Mesclou entretenimento com esporte.

Com base nesta colocação, decidimos questionar a repórter se o fato de utilizar o jornalismo esportivo como um comparativo para tornar o jornalismo político mais interessante não seria temerário, haja vista as discrepâncias entre uma e outra editoria. A de esporte se presta a uma linguagem mais informal e lúdica, o que não se encaixaria às matérias de política. A repórter salientou:

“Não que eu queira transformar pauta política em entretenimento. Mas fazer uma abordagem diferente pode tornar a reportagem mais interessante. O jornalismo esportivo foi usado como mera comparação para justificar o rompimento de uma linguagem. Uma linguagem que deu certo.”

Parece-nos que os repórteres que fazem matérias políticas têm uma visão muito clara e até admitem uma parcela de culpa com relação ao distanciamento das pessoas para com as reportagens desta editoria. Mesmo que pretendam mudar o panorama, alterar os mecanismos que colocam a engrenagem do jornalismo para funcionar é complexo. É precipitado arriscar um prazo para percebermos transformações no modo de fazer jornalismo político na tevê. Mas, ao mesmo tempo, é importante salientar a inquietude de quem produz este tipo de reportagem. Os depoimentos apontam que é preciso repensar a elaboração das reportagens. Há outros pontos, entretanto, em que os repórteres entrevistados divergem. E o que nos mostram as diferenças no discurso? É o que veremos no capítulo a seguir.

4.3 Diferenças na Rotina dos Repórteres

As diferenças que marcam o discurso de nossos entrevistados começam pela escolha da profissão. A maioria não pensava em cursar jornalismo quando concluiu o ensino médio. O repórter do SBT pretendia ser educador físico; o da RBS TV pensou em fazer história; a da TV Record, psicologia. Apenas os repórteres da TV Bandeirantes e TVE pensavam no jornalismo como primeira escolha de curso superior, mas por diferentes motivos. O da Band porque gostava muito de ler; a da TVE porque criava e contava histórias em cima das figuras visualizadas nos gibis durante a infância.

Como denominador comum, a escolha final: levar informação para as pessoas. Foi a partir desta decisão, ou mais precisamente quando se depararam com as reportagens políticas, que eles perceberam as dificuldades da profissão.

Para o repórter da afiliada da Rede Globo, a principal delas “é apurar a informação com precisão.” Para o da Bandeirantes, a principal dificuldade reside em “entender e traduzir segundas intenções das fontes, para não ser induzido.” A repórter da TVE acredita que “a notícia não pode criar força apenas por pressão de uma parte da opinião pública, mas porque ela é de interesse geral.”

Para o repórter da RBS informação com precisão é sinônimo de informação livre de interesses, objetivos ou influências de um ou outro partido político. Mas por tudo já discorrido até aqui sobre os interesses que existem por trás das matérias, seria isto possível ou estaria no terreno da utopia? O jornalista é convicto em sua posição e acredita que a empresa de comunicação em que trabalha consegue alcançar este objetivo mesmo enfrentando dificuldades.

“A dificuldade maior é separar o joio do trigo. É saber que aquela informação realmente tem interesse público. Não está sendo veiculada só por interesse de alguém.”

O repórter da TV Bandeirantes entende que os políticos, em geral, por terem facilidade de expressão podem manipular, inclusive, repórteres. Acredita também que por serem bem assessorados normalmente procuram induzir ou despistar o real interesse da matéria. De acordo com Charaudeau (2006) esta prática é da natureza da persuasão do discurso político, uma vez que ele tem por hábito construir mais de uma identidade. Uma está atrelada ao conceito da política, a outra à prática política.

o político encontra-se em uma dupla posição, pois, por um lado, deve convencer todos da pertinência do seu projeto político e, por outro, deve fazer o maior número de cidadãos aderirem a estes valores [...] o político deve, portanto, construir para si uma dupla identidade discursiva; uma que corresponda ao conceito político, enquanto lugar de constituição de um pensamento sobre a vida dos homens em sociedade; outra que corresponda à prática política, lugar das estratégias da gestão e do poder. (CHARAUDEAU, 2006, p. 79).

Para elucidar esta ideia, o repórter lembrou uma entrevista coletiva convocada pela prefeitura de Porto Alegre para anunciar o corte de R\$ 314 milhões de reais no orçamento de 2014. O relato a seguir mostra que se não fosse o questionamento do profissional, talvez os colegas sássem da coletiva sem saber as consequências do corte no orçamento.

“Fui obrigado a fazer uma pergunta e percebi até certo comodismo por parte de alguns colegas. Talvez tenham se intimidado, talvez seja por falta de experiência. Mas eu preciso saber: este dinheiro vai ser cortado no quê? Uma imagem de coletiva não é interessante pro meu público. Fiz uma pergunta que, talvez, o prefeito não esperava. Eu quero exemplos de obras que serão suspensas. A partir do momento em que ele me disse que nas três obras de mobilidade urbana, que são esperadas há décadas nos bairros da zona sul de Porto Alegre, eu pensei: aqui eu tenho a minha matéria.”

Já a repórter da TVE acredita que é chegada a hora de não generalizar os políticos.

“A corrupção está intrínseca em todos setores da sociedade, não apenas na política. Não é porque determinado candidato, partido ou governante não honra o cargo que exerce que todos sejam assim. Antes de rotular é preciso analisar os discursos com critérios. O jornalista deve aprofundar os questionamentos para identificar os diferentes interesses.”

Os políticos, em contrapartida, também conhecem as práticas usadas pelos repórteres para alcançar seus objetivos.

Os políticos sabem também que os jornalistas se apossam com voracidade das pequenas frases pronunciadas por eles, espontâneas ou calculadas, para, descontextualizando-as, fazê-los dizer frequentemente uma coisa diferente daquela que elas significam em seu contexto de origem. (CHARAUDEAU, 2006, p.290).

A profissional da TV Pública do Rio Grande do Sul reconhece que esta prática existe e faz mea-culpa. A expressão “separar o joio do trigo”, usada pelo repórter da RBS, também apareceu na fala da jornalista.

“O jornalista que cobre política tem o compromisso de ouvir sempre a opinião pública. Muitas vezes é ela que pauta o trabalho de investigação. O repórter deve apurar os fatos para revelar a verdade, mas precisa ter cuidado para não ser manipulado por um determinado grupo que visa apenas obter benefícios pessoais.”

Às vezes, o repórter precisa lançar mão de táticas para minimizar o erro ou identificar que o político pretende passar determinada imagem através da imprensa. Como lidar diante destas situações? Os cinco entrevistados usam artifícios diferentes.

O repórter do SBT não esconde que, às vezes, é preciso omitir informações da reportagem se sabe que irá se prejudicar ou prejudicar algum político. O repórter da RBS aposta na apuração. Segundo ele, quanto mais se apura, pesquisa e verifica com as fontes a

informação, menor a chance de errar ou ser enganado. O repórter da TV Bandeirantes pensa que estar bem informado é premissa para evitar que se caia em uma armadilha de um político ou candidato. Descontrair é a opção da repórter da TVE. Se for um programa de entrevistas, a estratégia é começar com perguntas mais amenas para adquirir a confiança do entrevistado.

“As primeiras respostas de um político geralmente são planejadas, prontas para convencer e repletas de propósitos. À medida que a conversa vai acontecendo, o político vai se sentindo mais à vontade. É aí que parto para as perguntas mais polêmicas, as que exigem respostas claras, diretas, imediatas. Diante do inesperado, o entrevistado pode revelar o jogo. Mas se for para abordar o político em uma entrevista coletiva, preciso ser direta e objetiva.”

Não comprar o discurso de um político como verdade é pressuposto básico para a repórter da Record.

“A maior parte dos políticos tenta passar uma imagem que não condiz com o que ele é. E, dependendo do assunto, eles cortam [o repórter] de uma maneira ou de outra. Se o jornalista faz perguntas incomodativas, digamos assim, eles mostram um pouco mais quem são, porque aquilo irrita. Eles querem mostrar que fazem muito e fazem certo. Quando tu acabas tocando num ponto não muito agradável, eles perdem a linha.”

O saber que circula nas redações, por meio das práticas, permite aos repórteres mais experientes, com indicação e aval da chefia, repassar técnicas que visam obter revelações importantes para a emissora, aos colegas que começam a trabalhar nesta editoria. Por isso que

[...] nas entrevistas nos vemos às voltas com encenações diversas, seja porque os jornalistas ‘paparicam’ os convidados fazendo perguntas preparadas e convenientes, seja porque procuram obter revelações, perseguindo o que se encontraria escondido sob o que é dito: o segredo. (CHARAUDEAU, 2006, p. 290-291).

Porém, não é sempre que repórteres e emissoras têm êxito nestas tentativas. Atualmente, a maioria dos políticos conta com uma assessoria de marketing que os instruem a preservar segredo ou, pelo menos, a não revelar tudo o que sabem. Nesta hora vale o poder de persuasão do repórter ou aquela informação que pode lhe ajudar a reverter determinada situação. Técnicas deste tipo, porém, são adquiridas com experiência.

A inspiração também deve nortear a prática do jornalismo. E os profissionais buscam esta inspiração em diferentes lugares. O repórter do SBT ampara-se nas reclamações que chegam da comunidade. O da TV Bandeirantes, no perfil do telespectador para quem

determinada reportagem está sendo elaborada. Enquanto a repórter da TV Record procura explorar as notícias nas emissoras de canal fechado, que costumam ter o editorial dos telejornais mais voltados para a política.

Inspiração. Uma palavra que abriga muitas definições na profissão de jornalista. Aqui está o cerne do fazer jornalismo, porque é o que motiva o repórter a ir pra rua movido por suas convicções, pelo que acredita que fará a diferença na hora de elaborar a reportagem ou fazer a entrevista. Difere de tudo que é imposto por uma linha editorial ou determinado pela chefia. Este ponto, o que trata da inspiração nas práticas do jornalismo político, é aquele em que o repórter é impulsionado pela paixão, sem o qual qualquer profissão não tem o mesmo resultado.

A leitura também é fonte de inspiração; as de política representam fontes básicas para o repórter que cobre a área. Na visão do jornalista da RBS, livros que mesclam a história do jornalismo gaúcho com a do Brasil são essenciais. A repórter da TVE, por sua vez, aposta em clássicos da teoria do jornalismo e em livros escritos por repórteres. A profissional também se inspira em obras de colegas como Caco Barcellos, repórter da Rede Globo, que começou a carreira no jornal *Folha da Manhã* de Porto Alegre e captou os saberes que circulam na redação com os mais experientes. Mais do que isso: aprendeu que é preciso ser incansável na busca pela notícia.

Caco Barcellos reconheceu ter aprendido com Carlos Alberto Kolecza, na redação da *Folha da Manhã* de Porto Alegre, quando uma apuração pode ter sucesso, ainda que tome rumo diferente da pauta, ou se o repórter é impedido de chegar ao fim do processo, como ocorria frequentemente com pautas que envolviam o paradeiro de presos políticos nos anos 1970 [...] Caco Barcellos, ao longo da carreira, tem se dedicado a descrever o seu próprio modo de apuração em outras bases, com seus ‘livros de repórter’ e aparições na TV. (MAROCCO, 2012, p. 150-151, grifo do autor).

Ainda com relação ao jornalista Caco Barcellos, vale destacar um trecho de uma entrevista que ele concedeu para uma pesquisa da Unisinos, e que nos ajuda a compreender que, embora a apuração de uma pauta tome rumo diferente, as situações mais improváveis podem revelar elementos para montar uma reportagem. Com relação ao paradeiro de presos políticos, Barcellos lembrou que

Havia uma suspeita que esses militares que usavam trajes civis haviam sequestrado um jovem estudante daquela época. O Carlos Alberto Kolecza me deu essa missão: descubra quem é o jovem e as circunstâncias deste sequestro. Ele deve estar sendo

torturado nesse momento, se não foi morto ainda. Qual é a penúria que ele está passando? Lembro que saí da redação de tarde, bati em não sei quantas portas e fracassei absolutamente na minha procura. Então falei para o Kolecza: ‘Infelizmente não deu. Você não sabe a canseira que foi esta procura.’ E falei das minhas tentativas todas e ele ouviu. ‘Muito bem. Quer dizer que você bateu em todas as portas do primeiro andar do prédio da Secretaria de Segurança Pública?’ E eu respondi que sim. Ele disse: ‘Olha, Caco, pelo que me consta, este prédio tem quatro andares e você procurou apenas em um andar. Pode voltar e tente os quatro andares.’ Eu voltei e foi um processo extremamente longo, complicadíssimo, com ameaça de prisão; enfim, bati em todas as portas possíveis, não lembro mais os detalhes, sei que fiquei lá muito tempo, voltei muito tarde. Acho até que fiz no dia seguinte uma segunda tentativa. Depois relatei pra ele, muito aborrecido pelo fracasso. Falei mais de uma hora e ele perguntando quem eram as pessoas que haviam me maltratado, me empurrado e contei em detalhes. E ele disse: ‘Agora acho que você tem uma grande reportagem.’ E eu disse: ‘Como assim? Eu não sei nada do sequestro.’ Mas se você contar em detalhes toda essa sua aventura para chegar na história vai ficar muito claro para o leitor que esta história é tão secreta que deve ser uma história muito importante. Escreva e amanhã a gente continua atrás dela. (Entrevista com Caco Barcellos, aberta à Graduação, março de 2011, na Unisinos – Auditório Central, *apud* MAROCCO, 2012, p. 150).

Mesmo sendo um incansável na missão de buscar a reportagem, o repórter ainda precisa enfrentar o descrédito das pessoas com relação ao tema. O representante do SBT tem em mente que isto se deve ao fato da população estar cansada de esperar resultados das promessas de campanha. Para o repórter da RBS, as pessoas se iludem com base em uma combinação de causas que passam por promessas de campanha e por marketing político, que “é muito forte e está cada vez mais profissional”. Se a reforma política saísse do papel poderia atenuar este cenário, acredita o profissional. O repórter da TV Bandeirantes aposta que o problema está no grande número de siglas partidárias. De acordo com o TSE³⁷, o Brasil tem 32 partidos registrados. O repórter apresenta o seguinte posicionamento:

“Não se tem mais, como antigamente, MDB e Arena. Quem é o trabalhador, que acorda às seis da manhã, que quer saber qual é o partido vinte e tantos do Brasil? E os partidos também não conseguem usar a própria imprensa e o espaço que tem para apresentar propostas que convençam as pessoas.”

Para a repórter da TVE a questão “se deve ao fato da mídia só noticiar casos de corrupção”, o que leva as pessoas “a se depararem apenas com o lado negativo da política.” Na esteira das denúncias de corrupção estão também denúncias de escândalos que envolvem a vida íntima dos políticos, o que acaba sendo vantajoso para mídia quando a emissora tem

³⁷

Tribunal Superior Eleitoral.

interesse em desestabilizar um político. Se vir à tona uma polêmica ou escândalo envolvendo a vida pessoal de um político isto será explorado ao máximo.

Essas acusações por meio das mídias são ainda mais contestáveis eticamente quando são revelados escândalos relativos à vida privada dos políticos de ambos os sexos [...] No plano político e social, elas satisfazem àqueles que querem desacreditar não uma política, mas pessoas; elas satisfazem às mídias, que assim mantêm a polêmica, o que é de seu interesse. (CHARAUDEAU, 2006, p.292).

Para a repórter da TV Record, o ponto central é outro. O distanciamento das pessoas com relação à política está associado ao próprio jornalismo. Tem a ver também com o pouco espaço dado nos telejornais para estas matérias. Ela acredita que os jornalistas devem começar a refletir mais sobre suas práticas.

“Acho que nós, enquanto profissionais de mídia, temos que pensar: “aquilo é curioso? Vai chamar atenção? As pessoas vão ligar a TV pra ver? Vão. Mas o que elas precisam ver, para que alguma coisa mude a vida delas? Isso está faltando. Com matérias políticas bem feitas conseguiremos mudar isso.”

E os demais repórteres compartilham da ideia que a mídia contribui para este distanciamento? Com exceção do repórter da RBS TV, a resposta dos outros entrevistados é afirmativa. Vamos ao que disse cada um deles:

“Sim [a mídia contribui para este distanciamento], porque segue reproduzindo o jornalismo político do modelo antigo, sem contextualizar, explicar para população os temas abordados.” (repórter do SBT).

“Sim, porque não traduz [a mídia] a linguagem política para população.” (repórter da TV Bandeirantes).

“Sim, porque é difícil tu encontrares um veículo que não seja tendencioso. O ideal seria o telespectador questionar tudo que vê. Pensar: quais são os interesses que estão em jogo? Que outras pessoas estão envolvidas? Que ligações o político fez para chegar até aqui? A vida das pessoas é muito corrida e quem não é jornalista se informa muito rápido e não consegue, muitas vezes, se informar em mais de um veículo.” (repórter da TVE).

Destoando da resposta dos colegas, temos o posicionamento do repórter da RBS, que está fundamentado nas manifestações políticas de junho de 2013.

“Antes das manifestações de junho eu acreditava que a mídia colaborava para este distanciamento, mas a partir da cobertura percebi que nunca as tevês, rádios e jornais falaram tanto de política.”

Quanto aos entraves que dificultam o processo de produção e edição, os entrevistados apontaram os mais diversos fatores. Três deles, mesmo que difiram em suas especificidades, são de natureza institucional e têm a ver com interesses comerciais. E são estas respostas que elencaremos primeiro. Elas correspondem aos repórteres da TV Bandeirantes, TVE e TV Record, respectivamente.

“Os interesses comerciais predominam em todas as mídias, até mesmo na Mídia Ninja³⁸. Ao contrário do que se pensa ela não é independente. Por mais que sejam interesses voltados aos menos favorecidos, há interesses. Além disso, há dificuldades técnicas para se cobrir política. Do ponto de vista da imagem é desinteressante. O que se vê nos principais telejornais? Um plenário cheio, umas pessoas reunidas, um monte de microfone empilhado e uma pessoa dando uma declaração. Do ponto de vista de imagem isso é nada.”

“Fora do período eleitoral, quando a argumentação de um político é mais forte que seu oponente, ele ganha mais visibilidade, automaticamente. Por isso, para quem conduz uma entrevista é importante ter o cuidado de dar o mesmo tempo aos dois, sem privilégios a nenhuma das partes. Nem sempre o político com maior fluência verbal é o mais bem intencionado.”

“Um dos entraves é seguir sempre a mesma abordagem. É preciso mudar isso. Não fazer uma passagem na frente da assembleia, parado. Fazer algo diferente. Envolver o povo na reportagem, mostrar que aquilo tem tudo a ver com o povo. Essa é uma abordagem que pode dar certo.”

Este cenário é resultado de pressões e normas ditadas numa cadeia hierárquica em que o comando está com o editor-chefe e o diretor do programa. É bem verdade que o jornalismo está se reinventando, mas quem vive os bastidores da redação observa que isso ainda ocorre de forma gradativa. Para começar é importante refletir sobre as necessidades de mudança e o quanto o jornalismo político pode se aperfeiçoar e se tornar mais interessante.

Para concluir a questão referente aos entraves na produção da pauta política, destacamos as respostas dos repórteres do SBT e RBS TV.

³⁸ Rede descentralizada de mídia independente com atuação em mais de 150 cidades no Brasil. Apresenta-se como uma alternativa à imprensa tradicional. Ficou conhecida mundialmente nas manifestações de junho de 2013.

“Deixar-se influenciar pelo discurso de candidatos ou daqueles que já ocupam um cargo político, aceitar repercutir uma denúncia que pode ter “segundas” intenções e acreditar em informações exclusivas representam pra mim, hoje, os principais entraves na produção do jornalismo político.” (repórter do SBT).

“Não saber identificar com precisão a informação, não saber diferenciar o que é informação verdadeira do que é boato. Isso eu vejo como principal entrave.” (repórter da RBS).

Mas há algo que o repórter que cobre política possa fazer para ajudar as pessoas a perceber que este tema faz parte da realidade delas, sem que para isso seja necessário passar pelo crivo da chefia? Sim. E cada um tem a sua receita. O representante do SBT pensa que a saída é estar mais perto da comunidade, mostrando os problemas de bairro, por exemplo. O repórter da afiliada da Rede Globo acredita que é preciso perceber o jornalismo político pela ótica do cidadão. “As pessoas só vão se interessar por política quando perceberem a repercussão que os temas abordados têm em suas vidas.” Tornar coloquial a linguagem do jornalismo político, traduzindo o que é falado nas reportagens e entrevistas” é a aposta do repórter da TV Bandeirantes. A repórter da TVE pensa que é preciso mostrar ao cidadão, todos os dias, que ele está fazendo política, “seja quando frequenta a padaria, conversa com o vizinho ou quando vai trabalhar. A partir daí, o interesse tende a aumentar.” A repórter da TV Record, por sua vez, acredita que o caminho “é envolver o povo na reportagem, mostrando que aquilo tem tudo a ver com a vida das pessoas.”

Por fim perguntamos aos nossos entrevistados que dicas eles deixariam para os repórteres que estão começando a cobrir política na tevê. Abaixo, a resposta do repórter do SBT.

“Não ir para a cobertura política indignado, achando que todos os políticos são corruptos. Não ficar “preso” às pautas nacionais. Procurar sempre saber o que está acontecendo no seu bairro, na sua cidade.”

O perigo de ser corrompido pelo poder foi ressaltado pelo repórter da RBS.

“Não se deixar seduzir pelo poder. Ser sempre leal com o teu público.”

Para o repórter da TV Bandeirantes, a primeira atitude é priorizar as pessoas.

“Preocupar-se com as pessoa. Elas são influenciadas pelas decisões políticas. Não violar seus princípios éticos de jornalista. Interessar-se por política.”

Para a repórter da TVE, a primeira lição é saber a importância de fazer uma reportagem equilibrada.

“Nunca se basear em apenas uma fonte. Quando for argumentar, procurar ter equilíbrio, ouvir ambos os lados, estar bem informado, não se deixar levar por promessas e discursos construídos.”

A dica da repórter da TV Record é estar sempre próximo dos repórteres mais experientes.

“Ler bastante sobre jornalismo político, absorver referência de outros profissionais. Se tiver contato com profissionais mais experientes, que trabalham com política, melhor para pegar dicas, macetes.”

Sempre que se deparam com a necessidade de produzir reportagens políticas, os entrevistados procuram colocar em prática as orientações aqui descritas. Às vezes conseguem. Às vezes não. Os pormenores que explicam esta questão vieram à tona depois de fazermos uma pergunta que estava fora do *script*: “Quando o repórter recebe uma pauta política, a orientação é diferente das demais? Há um acompanhamento especial por parte da chefia, pelo fato de ser uma pauta política?”

A repórter que representa a emissora do bispo Edir Macedo, proprietário da TV Record, admite que pelo fato da emissora estar há somente seis anos no Rio Grande do Sul, a linha editorial “ainda é bastante confusa.” Porém, quando se trata de pauta política, a chefia de reportagem costuma atentar para algumas questões.

“A gente sabe que a entrevista tem que ser feita com determinado deputado, porque ele vai falar o que a Record quer ouvir. Todas as emissoras têm essa linha, que é uma linha política que joga para um lado ou outro. Mas aí vai do repórter, vai muito do jornalista fazer com que isso não seja uma lavagem cerebral para o telespectador. Por mais que eu entreviste tal deputado que apoia o projeto ou não apoia o projeto da Record, eu vou entrevistar o outro. Talvez na hora da edição, o editor vá dar mais tempo pra um do que pra outro. Eu não sei qual a orientação pro outro profissional, que é o editor, mas eu, como repórter, faço minha parte.”

No SBT, em época de eleição, o monitoramento aumenta sobre as reportagens de política, segundo o repórter entrevistado.

“Além da supervisão da chefia tem a censura dos assessores, dos políticos, dos partidos, a chamada ‘patrulha’, as pessoas que ficam cuidando o que é divulgado nos telejornais. O PT, por exemplo, tem essas patrulhas nas redes sociais, rebatendo comentários contra o governo e mostrando argumentos para convencer os eleitores. A pauta política é diferente das demais por trazer consequências mais fortes para empresa e para os jornalistas.”

O jornalista confidenciou ainda que se o veículo tem o patrocínio de empresas ligadas ao governo, a emissora evita pautas polêmicas que possam manchar a imagem de algum governante. Por outro lado

“Se a chefia tem ética, publica mesmo assim e ouve o outro lado.”

Complemento que nos deu liberdade para perguntar: “Publica de fato?” Aparentando constrangimento, o repórter respondeu: “tem vezes que sim. Outras que não.”

Ainda de acordo com o repórter, muitos jornalistas “dão um jeito de colocar sua ideologia nas reportagens”, mas dependendo da chefia acabam forçados a mudar o rumo. E é enfático: “pauta de política e economia podem ocasionar demissão. Por isso, são diferentes.”

A posição partidária ou simpatia dos repórteres que cobrem a área por determinados partidos também mudou, na visão do repórter.

“Enquanto nas décadas de 1960 e 1970 a redação era mais identificada com a esquerda, revolucionária, contra o regime vigente, hoje é o contrário. A maioria dos repórteres é a favor das elites. Vieram de famílias mais abastadas.”

Com relação à TV Bandeirantes, segundo o repórter, desde que está na empresa (ingressou em agosto de 2013) não observou orientações específicas para pautas políticas, tampouco cuidados relacionados à edição.

“O que se observa, no entanto, é a valorização de eventos com a presença de políticos, autoridades, como governador, prefeito, presidentes de casas legislativas, chefes do poder judiciário, por exemplo.”

Em contrapartida

“No dia a dia da redação acompanho a atenção de editores e gestores da área de jornalismo com denúncias envolvendo autoridades, em que a apuração é feita com cautela ainda maior, antes de a informação, denúncia e, principalmente, nomes a serem divulgados.”

Levando em consideração o conhecimento que tem sobre a estratégia editorial adotada pela maioria das emissoras de televisão de canal aberto do país, o repórter considera que a TV Bandeirantes é uma das emissoras que mais abordam assuntos relacionados à política.

Na TVE, segundo a repórter entrevistada, também não há uma orientação prévia ou especial quando se trata de pauta política.

“A orientação geral é ouvir todos os lados, transmitir sempre a verdade e não aceitar a primeira resposta como definitiva. Muitas vezes, o entrevistado não responde exatamente à pergunta no primeiro questionamento. Determinados políticos, intencionalmente ou não, "enrolam" o entrevistador. Por isso, a recomendação é redobrar a atenção.”

O repórter da RBS TV garantiu que não há tratamento especial quando a pauta é política.

“É tratada com o mesmo cuidado que temos com relação a outras pautas.”

De acordo com ele, antes de sair da redação, a chefia procura conversar com os repórteres para decidir qual deve ser o melhor encaminhamento para o assunto, procurando oferecer a melhor forma de esclarecer o tema abordado.

4.4 A Cobertura das Manifestações de junho de 2013

Para nos auxiliar no processo de compreensão do cotidiano dos repórteres entrevistados, nosso foco estará voltado, a partir de agora, para um acontecimento jornalístico selecionado para esta pesquisa: as manifestações de junho de 2013, em Porto Alegre, e a cobertura feita por estes profissionais.

Nosso objetivo é compreender como os entrevistados conduziram as reportagens durante as manifestações e ouvir deles se percebem que o conteúdo das matérias contribui com a compreensão do episódio, com o fazer jornalismo político. Elementos que nos ajudarão

a entender melhor o cotidiano do jornalismo. Na sequência, o relato dos repórteres sobre a realização da cobertura obedece a ordem com que as entrevistas foram gravadas.

4.1.1 Pela Ótica da Repórter da TVE

A repórter da TV Pública do Rio Grande do Sul participou da cobertura das manifestações de junho de 2013 em três momentos. O primeiro foi logo em que os manifestantes, a maioria jovens, saiu às ruas de Porto Alegre mostrando insatisfação com a situação do Brasil e pedindo mudanças urgentes nas políticas públicas que envolviam, entre outras demandas, transporte e saúde. O tom era pacífico.

O segundo momento, com manifestações mais fervorosas e bandeiras políticas envolvidas, trazia entre os integrantes pessoas infiltradas³⁹. Neste particular, a repórter lembra que a TVE foi a única emissora no Estado que os repórteres não precisaram tirar a canopla⁴⁰ do microfone, nem o cinegrafista o colete para trabalhar. Repórteres de outras emissoras, de acordo com ela, chegaram a usar boné como disfarce na hora da entrevista. Em contrapartida, ela sofreu represálias de representantes que eram contra a presença da mídia na cobertura do movimento.

Em uma das noites de manifestação, a repórter entrevistava um senhor de aproximadamente 40 anos quando dois jovens, aparentando cerca de 15 anos, um deles mascarado, cuspiram em seu rosto e a impediram de concluir a entrevista. O cinegrafista foi agredido e obrigado a abaixar-se para evitar que a câmera fosse danificada. A repórter lembra que foi obrigada a sair com o colega do meio da manifestação e continuar a cobertura do lado de fora. A emissora decidiu não relatar a agressão em reportagem.

Segundo a repórter, mostrar que houve uma agressão poderia dar a entender que a TVE seria contrária à manifestação.

O terceiro momento trouxe à tona denúncias de agressão por parte dos manifestantes, e a presença de bandeiras políticas já era percebida. Ao identificar que os manifestantes não

³⁹ Era desta maneira que alguns manifestantes referiam-se àquelas pessoas que escondiam o rosto e deprecavam o patrimônio público.

⁴⁰ Nome que se dá à peça que contém o logotipo da emissora e envolve o microfone.

queriam a presença da imprensa, a repórter se perguntou: “quem tornaria público estas agressões e a própria manifestação?”

A presença de bandeiras políticas, na avaliação da entrevistada, prejudicou o movimento, porque tirou o foco do que, em princípio, se descortinava como um movimento apartidário, que incentivaria a fomentação de políticas públicas e que daria voz aos brasileiros.

“Eu tenho a impressão que os manifestantes estavam confusos e dividiram o seu voto. Mostraram-se totalmente contrários à situação atual do país, mas não aprofundaram seu conhecimento na história e não avaliaram a situação. O pensamento foi de votar contra quem está no poder. Se no poder estivesse um partido de direita, eles seriam contra.”

Ainda sobre a presença de bandeiras partidárias, a repórter ressalta:

“Alguns deles[manifestantes] saíram para as ruas em prol de interesses individuais, não coletivos.”

Considera a cobertura das manifestantes de junho como singular em sua carreira e admite que se sentiu identificada com o movimento, especialmente no início.

“Por vezes tive vontade de soltar o microfone e participar. Algumas reivindicações que estavam na pauta eu defendi também. Mas a partir do momento em que ocorreram atos de violência, passei a me questionar.”

A resistência de alguns manifestantes com relação a presença da mídia desperta reflexão na repórter.

“Alguns veículos foram tão contrários a presença deles [manifestantes], que apareceram criticados e marginalizados. Perderam a paciência e o respeito pelos veículos de comunicação. Mas também acho que exageraram na manifestação. Uma coisa é querer ter direito, vez e voz, outra é protagonizar atos como aqueles na frente de veículos de comunicação, em que em uma das manifestações foi colocado estrume na entrada de alguns prédios Não precisavam fazer isso para serem ouvidos.”

Sobre os manifestantes que participaram do movimento mascarados, a opinião da repórter é de que eles não representam o movimento e quando agem assim não mostram com que objetivo se fazem presentes.

“Se fosse preciso eu entrevistar pessoas que estivessem mascaradas, não entrevistaria nenhuma. Pra mim elas não têm nada a dizer.”

A repórter da TVE não minimiza a importância das manifestações. Acredita que o movimento ganhou fôlego quando determinada passeata, ocorrida em Porto Alegre, motivou todo um país a seguir o exemplo e se traduz em um movimento que deixará marcas históricas no Brasil

“E não parou por aí. Outras manifestações virão, talvez com mais força, com uma pauta de reivindicações mais definida. Após a definição das eleições⁴¹, as manifestações devem vir com tudo.”

Segundo a entrevistada, um dos critérios usados pela TVE na cobertura das manifestações foi manter um esquema de rodízio. O objetivo era mostrar que a “TVE é aberta, plural e pública.” Se algum repórter estivesse predisposto a criticar a manifestação, então, providenciava-se a escalção de outro.

Durante todo o período de manifestações, os profissionais trabalharam mais do que o comum, já que um novo protesto poderia surgir sem aviso prévio. Muitas vezes a pauta exigia quatro, cinco horas. Porém, a repórter não recorda de nenhuma reunião de pauta em que se discutisse o teor do que estava sendo transmitido, ou seja, se o material jornalístico levado ao ar pela TVE, de fato, aprofundava questões sociais ou mencionava problemas que envolvem transporte, saúde e educação e impactam diretamente na vida das pessoas. Nada de diferente nas costumeiras reuniões de pauta. A TVE não deu tratamento especial para as reportagens ou participações ao vivo durante os protestos de junho de 2013, com exceção dos cuidados que envolviam proteção e integridade física dos repórteres.

A jornalista admite ter sentido medo e lembrou a agressão sofrida durante uma das reportagens.

“Foi a primeira vez na minha carreira que sofri uma agressão. Aí tu te assustas e te perguntas: quem são estas pessoas? São aquelas que só depredam o patrimônio público e quebram por acreditarem que a segurança pública não age imediatamente, no momento em que precisa, e elas se sentem protegidas por outros manifestantes? Estavam lá de peito aberto. Acho que algumas delas ainda

⁴¹ A segunda etapa de entrevistas com os repórteres ocorreu às vésperas das eleições de 2014. Algumas entrevistas foram gravadas enquanto transcorria o segundo turno.

não foram identificadas, mas quando se agride uma pessoa que está fazendo o seu trabalho, me pergunto: que sociedade é esta? O que estas pessoas são capazes de fazer? Em alguns momentos cheguei a pensar que os órgãos de segurança foram inoperantes.”

A repórter se mostrou indignada com a atuação policial. Na sua concepção, os policiais poderiam ter agido de forma diferente.

“Se a manifestação fosse totalmente pacífica, os órgãos da segurança pública não teriam que interferir. Teriam apenas que fazer a segurança do patrimônio público, por exemplo, e deixar que as pessoas entoassem seus gritos de protesto, colocassem faixas. Agora, quando se percebe que tem pessoas quebrando bancos, pichando museus, invadindo a sede do governo do Estado, neste caso a polícia tinha que ter agido mais fortemente. Isto não significa pensar que o policial tivesse que ir lá e bater no manifestante com o cassetete mas, sim, impedir que ele continuasse depredando. Isto eu não vi.”

Para a repórter ficam duas imagens antagônicas da cobertura das manifestações de junho de 2013. Uma delas é que reflete sua escalação para cobertura das manifestações e traz a imagem do primeiro encontro, com pessoas de diferentes idades, profissões e classes sociais, definindo pautas de mudanças para o país.

“Vi naquele ato a oportunidade que muitas pessoas tiveram de mostrar que queriam só um país melhor, que outras pessoas tinham a oportunidade de se engajar e ir para as ruas também. Esta foi uma imagem muito marcante.”

A segunda é a imagem da depredação, de pessoas que destruíram o patrimônio público.

“São as mesmas pessoas que vão ter que ajudar a pagar a conta do que foi destruído. Nós vamos ter que pagar a conta disso, e não só com dinheiro, moralmente também. Pagar a conta na história do país. O Brasil passou uma imagem de país desordenado para outras nações. Enquanto a imagem poderia ser outra, de um país que consegue se mobilizar para defender avanços.”

4.4.2 Pela Ótica do Repórter do SBT

O repórter do SBT lembra que os protestos de junho foram anunciados em reportagens do Sistema Brasileiro de Televisão como uma grande manifestação, que passou a se caracterizar por atos de violência e, pouco a pouco, perder o foco. Ele admite que a emissora

passou a ter um papel crítico sobre a atuação do grupo que depredava o patrimônio público e destoava da maioria dos participantes.

Já no começo da entrevista, o repórter faz uma crítica àquelas emissoras que só deram destaque aos atos de violência. Ficou surpreso com a mobilização que se espalhou pelo Brasil. Acreditava que depois do Movimento dos Caras Pintadas não ocorreria nada parecido. Mas a semelhança entre os movimentos fica restrita ao pedido de mudanças.

“A partir do momento em que começaram as agressões e depredações perdeu o sentido. Os caras pintadas se mostraram mais politizados.”

O repórter do SBT não foi escalado para a linha de frente da cobertura das manifestações. Ficou no estúdio, apresentando o SBT Rio Grande, que vai ao ar a partir das 11h40. Acompanhava o que estava acontecendo nas ruas através do material que chegava pelos colegas e pelo noticiário. O repórter relata que gostaria de ter ido às ruas e diz se arrepender de não ter sugerido isto ao editor-chefe:

“Acho que teria sido uma ótima oportunidade para ter tido a real percepção do movimento.”

Assim como ocorreu com a TVE, a equipe do SBT também sofreu agressão durante as manifestações:

“Eu lembro de alguns colegas da emissora que passaram momentos de pânico. Teve muita pressão de alguns integrantes. Tentaram quebrar nossas câmeras e agredir repórteres. Corremos o risco de ter os carros apedrejados. Precisamos tirar as canoplas dos microfones. No Rio de Janeiro, eu lembro que destruíram carros do SBT. Eu acho que alguns manifestantes confundiram emissoras que têm um histórico de defender o governo com outras que se propunham a fazer uma cobertura imparcial.”

Entretanto, o repórter acredita que a resistência de alguns manifestantes à presença da mídia esteja associada à ideia de manipulação das notícias.

“É uma falha do repórter posicionar-se com relação a protestos como este, e isto, às vezes, acontece.”

Do mesmo modo que a TV Pública dos gaúchos, o SBT não fez uma avaliação da cobertura das manifestações de junho de 2013. Ou seja, chefia e reportagem não discutiram

eventuais falhas ou propuseram caminhos alternativos para uma cobertura mais aprofundada, elucidativa e com ideais pedagógicos, como vimos que também é papel do jornalismo.

Uma preocupação, porém, permeou todo o período de cobertura na emissora: evitar o confronto com os manifestantes. Houve momentos, inclusive, em que o SBT decidiu contratar profissionais terceirizados para evitar agressões. Mas, na visão do repórter, a cobertura poderia ter sido melhor explorada e mais aprofundada.

“Faltou ouvir cientistas políticos, profissionais com propriedade para explicar aquela multidão nas ruas. Nos restringimos a noticiar os atos de violência e não aprofundamos a questão política.”

Logo no início, os protestos ganharam um Movimento Passe Livre⁴² (MPL), a frase “não é só pelos 20 centavos”, uma alusão ao fato de que a mobilização não se restringia apenas ao aumento do valor da passagem de ônibus na capital paulista. Na visão do repórter, isto não sustentou os objetivos do protesto e descambou para a violência:

“Começou a se destacar mais a violência do que a manifestação cívica.”

Para o repórter não houve impacto das manifestações nas eleições de 2014. Ele chegou a pensar que haveria reflexos nas urnas.

“O que eu estou percebendo com o segundo turno é que se mantém a discussão da velha política. O pessoal parece que esqueceu os protestos ou arrefeceu. Eu acreditava que agora, em 2014, teria uma limpa de velhos políticos. Acho que foi um esforço em vão.”

Mesmo que tenha acompanhado o movimento de dentro do estúdio, o profissional considera singular em sua carreira a cobertura das manifestações. Por meio das reportagens, percebeu o poder de mobilização da população, mas acredita que faltou dar continuidade ao processo.

A visão que o repórter tem dos *blackblocs* e daqueles manifestantes que esconderam o rosto nos protestos é a de que eles perderam a razão.

⁴² O MPL define-se comum movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada.

“Com a atitude de esconder o rosto, eles se tornam marginais. Tu tens todo o direito de te manifestar, mas para quê esconder o rosto?”

A rotina jornalística exigiu do repórter mais tempo de redação. Além de organizar as equipes para cobrir as manifestações, editores, produtores e o próprio apresentador/entrevistado monitoravam sites e blogs que noticiavam os protestos. Em determinado período das manifestações, a rotina exigiu mais de oito horas de trabalho.

Com os casos de agressão à equipes de reportagem do SBT/Rio e SBT/SP, a orientação da chefia da emissora no Rio Grande do Sul era de que os repórteres cobrissem as manifestações na retaguarda, isto é, mantendo distância segura e próximo dos policiais. Aliás, o repórter preferiu se eximir de qualquer crítica à conduta da polícia, levando em conta o fato de não ter acompanhado na condição de repórter e não ter ouvido observação neste viés por parte dos colegas.

Para o repórter, as manifestações de junho deixam a imagem de um movimento que se mostrou mais violento do que com a intenção de apontar mudanças.

4.4.3 Pela Ótica do Repórter da TV Bandeirantes

Durante junho de 2013, o repórter da TV Bandeirantes trabalhava no turno da manhã. Sua função era repercutir, no dia seguinte, as passeatas que geralmente ocorriam à noite. No jargão jornalístico este trabalho recebe o nome de “suíte”.

Questionado sobre como ocorreu o chamado da emissora para cobrir as manifestações, ele lembra que, em um primeiro momento, foi às ruas para ouvir pessoas que se apresentavam como lideranças do movimento e outras que diziam ter sido agredidas.

Antes de partirmos para o próximo questionamento, o repórter antecipou uma análise.

“Para mim era muito claro que quanto mais aumentava a violência, maior era a rejeição das pessoas com relação às manifestações. Alguns, quando olhavam uma vidraça de banco quebrado, diziam: ‘banco tem que quebrar mesmo.’ Mas eles quebravam bancos e banquinhas de revista. Isso gerou muita indignação, e nós trabalhamos muito com isso. A sensação que eu tenho é que isso acabou gerando um esvaziamento nos protestos.”

Com relação à presença do policiamento nas manifestações, sobretudo quando a Brigada Militar, em Porto Alegre, precisou enfrentar os *blackblocs*, o repórter não recorda de casos de abuso de poder.

“Se houve foi algo muito pontual. Pelas reportagens que fiz e pelo que acompanhei, a polícia sempre agiu de forma técnica, evitando avançar. Houve uma orientação da cúpula da segurança pública para que aquelas pessoas que apanharam de cacete durante a manifestação fossem identificadas e responsabilizadas em um inquérito policial por dano ao patrimônio. Houve uma tentativa de moralizar, porque a sociedade apresentava uma aversão aos atos de violência. Foi nestes momentos de violência que houve uma intervenção um pouco maior da polícia.”

Ainda sobre o fator segurança durante as manifestações, o repórter da Bandeirantes recorda de ter entrevistado, no município de Cachoeirinha, um sargento da Brigada Militar, que perdeu parte da visão por ter tomado uma pedrada em um dos protestos. Ele também ouviu lideranças partidárias, que em 2014 acabaram voltando à cena midiática na condição de candidatos. Os mesmo que quando tinham a oportunidade de se falar ao microfone denunciavam que havia manifestantes machucados.

O jornalista externou seu ponto de vista sobre a participação dos *blackblocs* e outros manifestantes que optaram por não mostrar o rosto.

“Havia questionamento de alguns manifestantes quando viam policiais usando equipamentos de segurança com o rosto coberto. Eu cheguei a fazer reportagem sobre isto. Mas estas mesmas pessoas que questionavam eram as que quebravam as instituições. Quebraram carros de pessoas que provavelmente estavam apoiando aquele movimento e, por isso, deixaram de apoiar. Os blackblocs, pelo menos os que eu entrevistei, não estavam quebrando multinacionais ou grandes impérios financeiros. Estavam quebrando bancas pequenas.”

Os manifestantes sempre se mostraram muito hostis à imprensa, segundo o jornalista, o que obrigava os repórteres a buscar proteção junto à polícia. Ficar mais próximo dos policiais que estavam com escudos era uma das alternativas. Mas não houve casos de agressão a profissionais da emissora da qual ele faz parte.

Na avaliação do repórter esta hostilização está atrelada à ideia de coberturas midiáticas que se utilizam de manipulação.

“Mas é preciso lembrar que se não fosse a imprensa estas manifestações não teriam ganhado a dimensão que ganharam. No início, as pessoas demonstravam, nas rodas de conversa, orgulho pelo movimento.”

O repórter complementa:

“O que eu notei de alguns manifestantes era a tentativa de desconstituir tudo que está constituído. Desconstituir as instituições políticas, de governo, de mídia. Tudo aquilo com que a população não estaria satisfeita.”

Assim como os demais, o profissional considera a cobertura das manifestações de junho ímpar em sua carreira.

“No início, a questão do meu horário, de trabalhar pela manhã, me incomodou um pouco. Mesmo ciente de que estava indo para cobertura a par de muita coisa. Foi um momento ímpar não só do ponto de vista histórico como também da possibilidade de ter participado desta cobertura.”

Durante os protestos, o repórter da Bandeirantes e outros colegas não precisaram retirar a canopla para trabalhar, ainda que tenha havido o cuidado de diminuir a identificação dos jornalistas durante os atos de manifestação. Havia, de uma forma geral, uma preocupação da imprensa com a integridade dos repórteres.

“Enquanto o repórter percebia que não estava sendo hostilizado ou ameaçado, ele se mantinha perto dos manifestantes, porque televisão é imagem, então, tu precisas estar acompanhando a grande massa. Tu não podes ficar posicionado atrás de um escudo de um brigadiano⁴³ o tempo inteiro.”

O repórter não recorda que a emissora tenha feito avaliação específica sobre a cobertura das manifestações, ou seja, se o encaminhamento dado às reportagens estaria correspondendo ao esperado pela editoria, para ele prática que deveria ter permeado todo o tempo de cobertura. Comungamos da opinião do repórter, afinal, as manifestações se traduziram em um acontecimento que monopolizou a agenda midiática. Se pensarmos em termos de cobertura política, as manifestações foram responsáveis por ramificar um leque de questões que não vem recebendo a devida atenção do poder público. Em contrapartida, o que se percebeu foi que a cobertura ficou mais focada nas passeatas do que nas questões sociais.

⁴³ No Rio Grande do Sul, o policial militar também é conhecido como brigadiano.

Nos atreveríamos a classificá-la, inclusive, com base no que estão dizendo os repórteres, que se constituiu em uma cobertura pueril, quando tinha tudo para aprofundar, sob a ótica da política, cada uma das reivindicações.

O repórter lembra que a rotina jornalística passou por alterações durante as manifestações. Houve momentos em que os repórteres precisaram dobrar o turno em função de uma demanda maior de trabalho.

Aproximando-se do contexto social em que as entrevistas foram gravadas, o repórter acredita que o pedido de mudanças, mote das manifestações, não se concretizou se olharmos do ponto de vista do resultado das urnas.

“Uma pesquisa recente mostra que nós temos o Congresso mais conservador desde 1964. E, depois das eleições, percebemos algumas pessoas pedindo a volta da Ditadura Militar, nas ruas. Então, fica confuso entender o que é realmente esta mudança que a população esperava.”

No que tange a um comparativo entre o movimento dos Caras Pintadas e as manifestações de junho de 2013, o entrevistado explica:

“Hoje nós temos uma sociedade conectada em rede. A mídia foi atrás para entender e mostrar o movimento. Nos Caras Pintadas foi diferente. Os manifestantes dependiam da mídia para mostrar a força do movimento. A mídia teve muito mais influência nos Caras Pintadas.”

A imagem que fica para o repórter sobre as manifestações está relacionada com a entrevista que ele realizou com um sargento da Brigada Militar, que acabou ficando cego depois de entrar em confronto com os manifestantes. O repórter conhecia o policial. Já o havia entrevistado em outras operações alheias ao movimento de junho. Um profissional experiente e bastante respeitado na corporação, segundo o jornalista.

“Nós, repórteres, acompanhamos o esvaziamento dos protestos pela violência. Talvez as manifestações tivessem durado mais se não fosse esta onda de violência. Até quem faz parte das classes sociais mais altas saiu às ruas em junho de 2013. Ficou evidente quando víamos aqueles protestos com milhares de pessoas pelas ruas de Porto Alegre que não era um movimento popular no sentido de contemplar categorias como sem-terra ou pequenos agricultores, que são movimentos sociais constituídos. Eram pessoas que se juntaram, aleatoriamente, e percebíamos que havia pessoas que não eram acostumadas a sair pra rua ou se manifestar por nada, e estavam vibrando com aquele momento

que para elas era único. Ao mesmo tempo não tivemos reforma política ou tributária, que se chegou a cogitar, mas não ocorreu.

O grande número de demandas prejudicou o movimento, na avaliação do repórter.

“As demandas foram se somando. Dar conta disso tudo na mídia é difícil por mais que tu tentes esmiuçar. A cobertura acaba ficando mais macro. O que ganhou força foi a questão do transporte, que se sustentou na cobertura por mais tempo. Pelo menos serviu para dar encaminhamento a algumas licitações [em Porto Alegre]. Foi uma questão discutida. Talvez este tenha sido o único avanço. A mídia, enquanto teve, teve dificuldade de explicar. Já a internet se prestou para esclarecer mais a partir de diferentes postagens. E aí coube a cada veículo fazer o discernimento.”

Ao pensar no resultado da cobertura jornalística, o repórter faz uma mea-culpa à imprensa, que para ele acabou pecando em alguns aspectos e deixou a desejar na transmissão das notícias.

“Isto também é resultado de estarmos nos adaptando a uma nova forma de organização social. Uma sociedade conectada em rede, que não depende só da grande mídia. Para a mídia como um todo foi algo surpreendente. Nós sabíamos que teria uma manifestação organizado pela internet. Mas a mídia de massa não foi protagonista em nada do ponto de vista de organização.”

4.4.4 Pela Ótica da Repórter da RECORD

O chamado que a repórter da Record recebeu para a cobertura das manifestações não foi diferente das pautas factuais⁴⁴ que costuma elaborar. Na prática não é sempre que o pensamento da equipe de jornalismo está afinado. Em algumas situações, o repórter sai a campo com uma concepção, já o produtor tem em mente outra ideia. A entrevistada comenta o clima de animosidade que surgiu durante uma das reportagens.

“Muitas vezes o produtor não é conduzido pela emissora e acaba colocando na pauta a visão dele e, nem sempre, é a visão que o repórter tem. Aconteceu de o produtor ‘puxar a brasa’ para manifestações que já não eram populares. Eram manifestações bem pontuais, com reivindicações específicas, e o produtor não ponderava o outro lado, das pessoas que estavam sendo prejudicadas com

⁴⁴ Reportagens que necessitam ser veiculadas no mesmo dia em que são produzidas para não perder o valor-notícia.

aquelas manifestações, por exemplo. Ou o contrário, o produtor criminalizava na pauta os manifestantes. O que também não é certo.”

A depredação do Ginásio Tesourinha, um dos mais tradicionais da capital gaúcha e reformado com verba pública, foi o episódio de mais impacto na cobertura feita pela repórter. Ela entrevistou o delegado que investigava o suposto grupo que havia feito a depredação. Do outro lado, os manifestantes acreditavam que estavam no direito de depredar. Neste episódio foi preciso conversar com o editor para dar a tônica da pauta.

“Se o repórter é um ser pensante, ele não vai fazer a pauta tal qual está no papel. Ele vai conversar com o editor e produtor, vai trocar informações e eles vão te orientar: ‘Olha, eu acho que tu deves conduzir pra cá.’ O editor assina a pauta contigo. Quando as manifestações deixaram de ser popular, a Record puxou muito mais para a criminalização dos atos.”

Durante a elaboração desta matéria, a repórter disse ter sentido medo.

“Os manifestantes estavam armados com pedaços de pau, prontos para começar uma guerra. Eles exigiam que fôssemos embora. Fizemos a volta no quarteirão e ficamos entre a polícia e os manifestantes. Até que encontramos uma entrada segura. No momento em que pisamos no ginásio começou a quebradeira. Voaram muitos objetos. Eu senti bastante medo, porque não foi só arremessos. Eles queriam ir para o quebra pau, mesmo. Quebraram telas. Foi um momento muito tenso.”

Com relação às eleições de 2014, a repórter pensa que o resultado do pleito não confirmou nada do que os manifestantes reivindicavam.

“As pessoas queriam mudar e não sabiam que, na verdade, o poder estava com elas e não com os outros. Achei muito legal as manifestações de junho, as pessoas terem ido para as ruas falar coisas que não falavam, colocar as reivindicações. As pessoas tinham o poder de mudar o que elas desejavam, mas criaram o Congresso mais tradicional e conservador de todos os tempos. Então, na verdade, acho que não influenciou em nada.”

Uma cobertura jornalística singular na recente carreira da repórter. É assim que ela caracteriza o período que fez reportagens sobre os protestos.

“A entrevista que eu fiz com o delegado e alguns integrantes dos blackblocs foi, na verdade, uma suíte, que eu fiz de uma outra matéria. A ideia era ouvir a população sobre licitação do transporte público e os blackblocs foram lá para acabar com a reunião, sendo que as pessoas que participavam da reunião eram

populares, líderes de comunidade, pessoas que usam ônibus. Outras pessoas foram machucadas. Foi surreal na minha curta carreira de repórter. Eu nunca tinha visto nada igual.”

Como já foi explicitado no texto, alguns manifestantes foram resistentes à presença da mídia durante os protestos. A repórter acredita que este comportamento está associado à ideia de manipulação da notícia.

“Percebo que muito mais que o governo é a mídia que traz para as pessoas a sensação de que elas estão sendo enganadas a todo o momento. Pelo menos por parte dos grandes veículos.”

A entrevistada lembra que não foi preciso retirar canopla dos microfones, nem mesmo se deslocar em carros que não estivessem identificados com o logotipo da empresa. Realidade que não valeu para a maioria das emissoras. Alguns manifestantes reagiam com agressão quando percebiam que a emissora presente na manifestação poderia distorcer aquilo que estava sendo reportado.

A posição da repórter sobre manifestantes que optaram por não se identificar é de repúdio.

“Estimular as pessoas a ir para a rua e tu mesmo esconder teu rosto, eu acho injusto e desnecessário, se o teu único objetivo é manifestar-se. Teve muita gente que foi estimulada nas redes sociais por estes grupos, por estes ativistas, e foi para a rua de cara limpa, acreditando se tratar de manifestações com causas comuns, mas se deparavam com integrantes que escondiam o rosto.”

Com relação a atuação da polícia, a opinião dela é de que a corporação foi pautada pela opinião popular.

“Isto foi muito interessante. A mídia nacional mudou conforme a opinião popular. Em junho, quando estourou a manifestação, a mídia identificava as pessoas como vândalos, em coberturas ao vivo. No momento em que as pessoas foram para as ruas, o poder não estava mais nas mãos dos veículos, estava nas mãos das pessoas. E os veículos tiveram que transformar sua linguagem. ‘Os manifestantes com suas reivindicações... com seus cartazes... olha que coisa bonita...uma manifestação popular...’. Quer dizer, mudou tudo. Se a mídia, que tem o poder que tem, precisou mudar o seu discurso, o que dirá a polícia. Então, a polícia começou truculenta, logo, foi alvo de críticas ferrenhas. Ela também se assustou. Eu realmente acho que foi violenta demais no início. Mais por não saber como agir. Atingiu pessoas que não deveriam ser atingidas, de bem, que

não haviam feito absolutamente nada, atingiu repórteres. Tanto se bateu na polícia, que ela recuou e aí não fez mais nada, e quem abusou foram os manifestantes. Eles se sentiram livres para fazer uma manifestação mais violenta. A atuação da polícia foi totalmente desnivelada. A polícia do Sul, talvez, tenha sido a mais linear durante todo o tempo. Eu aplaudo a polícia gaúcha”.

De acordo com a repórter, não houve um esquema especial para a cobertura. A rotina da entrevistada não sofreu alterações que exigissem mais tempo na emissora, com cumprimento de hora extra. Até mesmo as conversas da gerência de jornalismo com a equipe, sobre os fatos noticiados, foram informais. O que despertou na repórter certa frustração.

Mas houve um momento em que o medo de ir para as ruas cobrir os protestos se instaurou na redação. Com o medo, também a comoção dos jornalistas. Foi depois do episódio em que um cinegrafista da Rede Bandeirantes/Rio foi atingido por um rojão, durante uma manifestação, e acabou morrendo. A partir daí cresceu o anseio dos repórteres para saber como proceder na cobertura. Em alguns casos, eles recebiam orientações específicas, mas não houve reuniões periódicas.

“A sensação que eu tinha era de que a chefia também estava perdida. Para se ter uma ideia, depois de um ano, em junho de 2014, quando já estávamos na Copa do Mundo, nós tínhamos medo, todos os dias, de toparmos com uma manifestação por causa do Mundial. Uma das questões levantadas em junho de 2013 foi a Copa, de que não deveria ser realizada. Mas acho que se isso tivesse ocorrido teria um avanço, principalmente na forma de lidarmos na rua, por já conhecermos alguns integrantes, pelo menos aqui em Porto Alegre. Teve uma compreensão mútua. Num primeiro momento, os manifestantes tinham um olhar diabólico sobre a nossa cobertura. Mais tarde perceberam que estávamos cumprindo nosso trabalho e se acostumaram com a ideia, tanto que nos deram várias entrevistas.”

Durante a cobertura das manifestações uma fala, em particular ficou na memória da repórter da Rede Record/RS.

“A fala de uma entrevista que eu fiz com um integrante do Movimento Marighella⁴⁵, que também fazia parte dos blackblocs. Não tenho nada contra o grupo, nem contra o rapaz que entrevistei. Acho que eles têm reivindicações muito sólidas. Mas ele falou algo que me marcou de maneira negativa e trouxe reflexão. Qual sentido destas manifestações, afinal? Foi quando eu perguntei a ele porque reagiram daquela forma na reunião sobre licitação do transporte

⁴⁵ O nome do Movimento é uma alusão ao brasileiro Carlos Marighella – político, guerrilheiro e poeta. Marighella foi um dos principais organizadores da resistência contra o regime militar a partir de 1964.

público, no Tesourinha, em que estavam presentes pessoas humildes, que lutavam por um transporte digno. Afinal, não é por estas pessoas que eles estavam lutando? Afinal, foram às ruas, lá no início, por quê? Pra chegar aqui com pedaços de pau? A resposta dele foi que os participantes não sabiam o que estavam fazendo, que estavam sendo enganados, que se pensassem perceberiam que aquela reunião não era legítima. Aí eu pergunto: cada um não pensa por si? Cada um não sabe o que quer? As primeiras manifestações, em que todos foram para as ruas, eu achei legítimas, lindas. Estavam nas ruas porque queriam. Se elas descobriam o poder que tinham nas mãos, de estar nas ruas, porque depois estavam em uma reunião? É porque elas já tinham passado por uma fase de construção e queriam mudança. Não cabe a ti ou a mim definir o que o povo, a coletividade quer. Isto se configura como uma ditadura. Para mim, a lição que fica é esta.”

4.4.5 Pela Ótica do Repórter da RBS TV

Na RBS TV, a cobertura dos protestos começou, como de praxe, sem alteração no número de repórteres que vai às ruas cobrir matérias. Mais tarde, quando as manifestações ganharam fôlego, o número de repórteres deslocado para os protestos aumentou. De acordo com o entrevistado, a orientação da chefia era de que os profissionais se concentrassem em pontos estratégicos da capital e de grande movimento, como a prefeitura e a Avenida Borges de Medeiros, no centro. Uma semana depois do começo das manifestações chegou a o oitavo número de repórteres espalhados por diferentes pontos de Porto Alegre.

Esta concentração de repórteres e alteração na dinâmica da redação, por conta das manifestações, foi pontual na avaliação do repórter, se pensarmos do ponto de vista de reflexos nas eleições de 2014.

“Reflexos para as eleições acho que trouxe muito pouco. O que se pedia nas manifestações? Mudança, uma nova política, mais projetos contra a corrupção. Mas o que se viu foi um Congresso que se manteve praticamente o mesmo.”

Entretanto, o repórter acredita que, em certa medida, o movimento alterou o contexto social brasileiro.

“Vou repetir um clichê aqui: acordou o Brasil. Foi a partir daí que começamos a discutir com mais detalhismo e profundidade a política brasileira. Embora, a maioria não tenha conseguido mudar o Congresso brasileiro. Mas também acho que não é só mudando o Congresso que a gente vai mudar o Brasil. Nós precisamos mudar uma questão cultural que existe no Brasil, que são nossas práticas. As pessoas sentam numa mesa de bar e começam a discutir política.”

Todo mundo é ladrão, a presidente não presta o deputado é isso...Mas, em casa, como eu estou me comportando? Na fila do banco, no meu trabalho, nas minhas práticas? O que estou fazendo para contribuir com isso ou acabar com isso?"

Uma cobertura para ficar marcada durante toda a vida de um repórter. É assim que o profissional do Grupo RBS percebe a oportunidade que teve de noticiar as manifestações.

"Foi uma cobertura exaustiva e tensionada. Uma cobertura tensa, embora a maior parte dos protestos tenha sido pacífico, e também fica marcada por isso. Foi um momento marcante para o Brasil. Se viu isso em todas as capitais, e começou no Sul. Vai ficar marcado para todos que participaram direta ou indiretamente daquela cobertura."

Levando-se em consideração as bandeiras de reivindicações dos protestos, o repórter acha natural que parte dos manifestantes tenha se voltado também contra a mídia. É por meio desta concepção que ele justifica a resistência de alguns integrantes do movimento com relação a presença dos meios de comunicação.

"Eu acho absolutamente natural e salutar as pessoas questionarem os meios de comunicação. Tem que estar em permanente avaliação. E eu acho que este tipo de avaliação é interessante e provoca uma discussão interna. Estamos acertando? Estamos errando? Onde podemos melhorar? O que podemos fazer para ser mais eficiente? Havia protesto contra tudo, então, naturalmente, a mídia iria aparecer."

Durante a entrevista, o repórter lembrou de um familiar seu que participou das manifestações. Descontente com a tarifa do transporte público foi para as ruas. Mas houve uma ressalva: quando começaram os registros de depredação, ele discordou. Pensamento compartilhado pelo repórter.

"Em qualquer situação, eu serei contra depredação de patrimônio público, pessoas mascaradas tentando agredir outras pessoas, e eu vou ser contra a reação da polícia que bate em manifestantes. A gente trabalha dentro de um limite de bom-senso e racionalidade. Eu já fui em manifestação como estudante e não precisei ir mascarado para manifestar a minha contrariedade. Por que uma pessoa vai em um protesto mascarada? Por que esconde o rosto?"

Diferente das demais emissoras, a cobertura dos protestos foi avaliada pela chefia de reportagem constantemente, de acordo com o repórter.

“Nós víamos novamente a cobertura, para saber o que tinha de melhorar, nos questionávamos; fazíamos reunião de pauta; recebíamos orientações. Isto foi amplamente discutido.”

Mesmo revisitando periodicamente a cobertura, o repórter teve a sensação de que, no início, a mídia passava a impressão de não compreender que movimento, afinal, era aquele com capacidade de reunir milhares de pessoas.

“De certa forma, acho que todas os veículos começaram incertos do rumo que as manifestações estavam tomando. O foco, a bandeira, quem era o líder, para onde ia ou não ia.”

Sobre a atuação da polícia nas manifestações, o repórter considera que houve acertos e erros.

“Em termos de acerto, pelo que acompanhei, foi pensar sempre na preservação da vida. Houve erro pontual e circunstancial quando foram lançadas bombas de gás lacrimogêneo, quando a manifestação ainda era pacífica. De uma maneira geral, acredito que a polícia do Rio Grande do Sul agiu bem, e não prejudicou o trabalho da mídia.”

Para o repórter da RBS ficam duas posições distintas das manifestações: a imagem de famílias saindo de casa para fazer protesto de forma pacífica, exigindo direitos e querendo mudar a política brasileira. Outra imagem é a de manifestantes depredando agências bancárias, destruindo caixas eletrônicos, pichando e quebrando.

“Para mim, a mais emblemática é a de pessoas que formaram um protesto pacífico e ordeiro nas ruas para expor indignação. A conscientização social e política das pessoas que decidiram sair às ruas.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rotina dos repórteres que cobrem política nas emissoras analisadas de canal aberto do Rio Grande do Sul, mais especificamente em Porto Alegre, nos traz algumas percepções, confirmadas em obras que fazem parte de nossas referências bibliográficas, como *Jornalismo Político*, do jornalista Franklin Martins. Entre elas, a de que os profissionais que se debruçam sobre esta editoria precisam conhecer os políticos, os partidos a que pertencem e o histórico de homens e mulheres que estão na vida pública. Regra que vale para todos os repórteres, já que pela estrutura as emissoras não costumam contar com setoristas, como revelou a pesquisa.

O alcance à informação/notícia está cada vez mais facilitado. O acesso à internet e às redes sociais ampliou o terreno da informação e estabeleceu uma arena de confronto de versões nunca antes vista na Comunicação. Sustentar factoides está cada vez mais difícil. Estar mais informado, porém, não significa dominar os meandros do universo político.

O trabalho nos ajudou a compreender melhor o cotidiano dos repórteres que trabalham com pautas políticas e investigar a relação entre o pensar jornalismo político e as notícias de política veiculadas pela tevê. A realização das entrevistas nos permitiu, ainda, identificar algumas dificuldades, que denominamos de tensionadores na produção das notícias. Chegar a estes resultados, que serão melhor esmiuçados na sequência, significa ter alcançado os objetivos principais deste trabalho.

Com relação às manifestações de junho de 2013, na avaliação dos entrevistados, revelam que o engajamento se deu mais por motivação das massas do que pelo propósito de mudanças com a decisão de sair às ruas

O trabalho também aponta que o descrédito na política ainda é considerável. Um dos motivos é o grande número de siglas partidárias. Só no Brasil são mais de 30, segundo o Tribunal Superior Eleitoral. Outro, está associado a tendência que a mídia tem de dar destaque por notícias políticas que envolvam escândalos de corrupção – muitas vezes ainda em fase de investigação e apuração, tanto por parte da polícia como da justiça.

Nas redações, as dificuldades relacionadas à linha editorial representam a principal dificuldade, na avaliação dos repórteres. De acordo com eles, por mais esmiuçada que seja a pauta, a versão que prevalecerá será aquela escolhida pelo editor-chefe. Concordamos com o

posicionamento dos repórteres. Quem vive ou viveu a dinâmica de uma redação sabe que no conflito de ideias, para prevalecer a posição do repórter, é preciso que ele traga embasamento.

Alguns repórteres chegaram a admitir que omitem informações para preservar seus empregos. Com base nesta revelação acreditam que é preciso repensar o modo de elaborar a reportagem. Não apontaram caminhos, mas refletem sobre esta necessidade. A revelação é delicada, mas isto não nos dá o direito de fazer pré-julgamento sobre o teor do que foi dito. Os ensinamentos acadêmicos nos dão as diretrizes do fazer jornalístico, mas é a consciência de cada repórter que indica como, na prática, o trabalho deve ser conduzido.

Nem mesmo os repórteres mais experientes estão livres das investidas de manipulação. A tentativa de conduzir o repórter por outro caminho que coloque o foco da matéria em segundo plano é comum, de acordo com os entrevistados. Principalmente se a pauta for de denúncia. Segundo Charaudeau (2006) esta é uma prática da natureza do discurso político. Para minimizar o impacto, os repórteres costumam se amparar nos colegas mais experientes, que lançam mão do saber que circula nas redações. Regras de conduta com o entrevistado e precauções são repassadas para que se chegue até a emissora cumprindo o objetivo da reportagem.

A segunda e última etapa de entrevista com os repórteres nos mostrou que driblar as condições de produção e adversidades históricas nas redações não é uma tarefa fácil. Mesmo experientes no cotidiano jornalístico, os cinco repórteres revelaram que ainda não haviam recebido uma missão tão importante em termos de reportagem quanto a de junho de 2013: cobrir as manifestações que monopolizavam o noticiário brasileiro. Foram unânimes em afirmar que foi uma cobertura ímpar em suas carreiras, concordaram mais do que discordaram sobre a prática da cobertura e refletiram sobre o próprio exercício da profissão.

Do ponto de vista dos repórteres, as manifestações que encorajaram uma massa a ir para as ruas do Brasil não trouxeram reflexos para as eleições de 2014. E se torna fácil entender o que os repórteres querem dizer com isto. Basta pensarmos no retrato do Congresso Nacional. Abordado por todos os repórteres, revela a formação de um parlamento de perfil conservador; um cenário talvez mais desfavorável do que favorável para discutir temas delicados como legalização das drogas, descriminalização do aborto e combate à homofobia. A renovação da Câmara dos Deputados é de 46%, de acordo com dados do Departamento

Intersindical da Assessoria Parlamentar (Diap). Fica a pergunta: O “Gigante Acordou”, mesmo, como bradavam os manifestantes, ou foi uma tentativa frustrada?

Em contrapartida, os entrevistados comungam da ideia de que as manifestações serviram, ao menos, para repensar temas como corrupção, saúde, segurança e transporte. Mas poderiam ter sido discutidos com mais profundidade. Aqui vale uma ressalva: acompanhamos de perto os noticiários sobre as manifestações e, de fato, não percebemos que estes temas tenham sido explorados pela imprensa. Prevaleram nos discursos a mobilização das massas e o vandalismo.

No início da década de 90, o Brasil também reuniu milhares de pessoas nas ruas. Era um movimento liderado por estudantes contra a corrupção no país e que pedia o *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello. Ficou conhecido como “Caras Pintadas.” Mas o contexto social era outro e, para os repórteres, só há semelhança com as manifestações de junho quando se pensa em uma grande massa mobilizada.

Em 1992, a internet ainda era incipiente no Brasil. Só em 1995 é que deixou o meio científico para se tornar de acesso público. Na época dos “Caras Pintadas”, o movimento estudantil dependia dos holofotes da mídia para ser notado. Nas manifestações de junho de 2013, foram as redes sociais que pautaram os veículos de comunicação e os obrigaram a compreender o movimento. Ou seja, o processo de apropriação do que estava ocorrendo foi inverso.

A violência marcou a cobertura dos protestos de junho de 2013. Alguns repórteres chegaram a ser agredidos, a exemplo do que ocorreu com a jornalista da TVE. Com o objetivo de preservar a integridade de seus profissionais, chefias de reportagem orientaram os jornalistas a permanecer próximo dos policiais. A estratégia nem sempre funcionou. Atitudes de violência, não raro, partiam de manifestantes que preferiram não se identificar, como os *blackblocs*.

A atuação da Brigada Militar, aliás, foi elogiada pelos entrevistados. Apenas a repórter da TV Pública do Estado (TVE) fez ressalvas. Para ela houve momentos em que a polícia precisaria ter agido com mais veemência.

A missão dos repórteres era mostrar, através de passeatas que reuniam centenas e até milhares de pessoas, que o país queria mudanças estruturantes. Mas os repórteres não podiam

se furtar de dar destaque, também, às depredações ao patrimônio público, que ocorriam de forma paralela, lideradas significativamente pelos *blackblocs*. Estes integrantes do movimento optaram por não mostrar o rosto e não conversar com a imprensa. Resistiam à aproximação de repórteres. Todos entrevistados foram taxativos a este tipo de comportamento, que ameaçava e dificultava o trabalho jornalístico. Como dar credibilidade a manifestantes que não se identificavam e vão na contramão do movimento? É o que pensam.

Para o repórter do Grupo RBS, a resistência à presença da imprensa não se configurava como uma imposição excepcional dos *blackblocs*. Apenas se somava a um pacote de contrariedades. A opinião dos repórteres da TVE, TV Bandeirantes, SBT e Record é diferente. Para estes, a negativa à aproximação da imprensa está associada a ideia de reportagens que manipulam. Ainda que não se justifiquem agressões. Compartilhamos da opinião da maioria dos entrevistados. A repulsa à presença dos repórteres parecia indicar temor por parte dos manifestantes sobre o que seria veiculado, com a possibilidade de distorções.

Esta mesma mídia, e no caso particular desta pesquisa à televisão, que desperta uma reflexão sobre manipulação do fazer jornalístico a partir de seus próprios atores, os repórteres, mostrou dificuldade em apreender as manifestações logo no início. Quando começaram os protestos, o Jornal Nacional (Rede Globo), por exemplo, um dos telejornais de maior prestígio da tevê brasileira, identificava os primeiros manifestantes como “baderneiros”. Mais tarde, quando os cartazes se impuseram e com eles uma multidão que marchava por ruas de grandes centros disse a que veio, a mídia precisou se apressar em readequar o discurso.

Este talvez seja o ponto central desta análise; o cerne das considerações acerca das manifestações. Porque é nesta seara que os repórteres entrevistados elaboram uma espécie de exame de consciência sobre a atuação que tiveram frente a este episódio, e, em sua maioria, fazem uma crítica pontual à forma como as pautas foram conduzidas. Com exceção do Grupo RBS, cuja chefia realizava avaliações periódicas, a pesquisa revela que nenhuma outra emissora preocupou-se em revisitar as reportagens sobre as manifestações, de forma a identificar se o caminho pelo qual as reportagens estavam sendo conduzidas era o correto, ou se seria necessário uma análise mais aprofundada, com opinião ou explicação de um especialista.

As reuniões de pauta, no geral, eram administradas sem alteração, segundo os repórteres. Chama a atenção o fato dos entrevistados admitirem que as dúvidas que traziam sobre como conduzir as reportagens eram compartilhadas por seus chefes. Produtores, editores e repórteres queriam saber qual a melhor forma de abordar, com quem falar, quais eram as demandas, o que se pretendia com as manifestações e onde se queria chegar. Isto é, não eram orientados, como de costume. Desta vez trocavam ideias entre si. O aprendizado se dava de forma mútua e isto gerava insegurança nos repórteres.

É curioso perceber, também, que as manifestações, que se configuraram em pautas tão importantes para os repórteres entrevistados, não tenham provocado alterações substanciais na dinâmica das redações.

A partir do momento em que temos esta percepção surgem alguns questionamentos, que se traduzem também em caminhos apontados pelos repórteres para tornar o jornalismo político mais compreensível. Se a condução das reportagens fosse melhor pensada, que resultados teria trazido para as pessoas em termos de entendimento daquele episódio? Qual o limite do profissional que reportava aquele momento histórico, visando preservar sua integridade? Ficar próximo do policiamento seria suficiente?

Há outros questionamentos essenciais a este trabalho e que fundamentam a pesquisa: a forma como os entrevistados deram destaque às manifestações através de suas reportagens, atingiu as pessoas da maneira que se desejava? Trouxe a devida contribuição para o entender o acontecimento do ponto de vista do jornalismo político? Ou, ao contrário, todos os tensionamentos revelados durante as entrevistas mais prejudicaram do que contribuíram para a compreensão das manifestações?

Os repórteres têm ciência de que fizeram o seu melhor. Foi, também, o que percebemos em cada declaração das entrevistas. Em contrapartida, não deixam de levantar os questionamentos mencionados acima. Percebemos que fica a sensação de uma lacuna; de que faltou subsídios para uma cobertura mais analítica e mais profunda, que desse conta de explicar melhor o fenômeno das manifestações e seus desdobramentos enquanto acontecimento.

Por tudo que foi discorrido até aqui, talvez isso ocorra porque o jornalismo político esteja atravessando uma fase de transformação de linguagem e de aprendizado, inclusive para

os próprios repórteres que cobrem esta editoria. Com os relatos dos repórteres entrevistados esperamos ter contribuído para a compreensão do fazer jornalístico e do cotidiano que permeia o universo da política nas redações.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA. Disponível em: <www.comunicacaoepolitica.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2015.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. Disponível em: <sbpjour.kamotini.ghost.net/sbpjour/>. Acesso em: 10 jan. 2015.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. Disponível em: <www.compos.org.br>. Acesso em: 10 jan. 2015.
- BARRETO, Lima. **Recordações do escrivão Isaías caminha**. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão bibliográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- BRAGA, R. et al. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013.
- BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Relação partidos políticos no Brasil**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos>. Acesso em: 09 jan. 2014.
- CAPPARELLI, Sérgio; LIMA, Venício A. de. **Comunicação e televisão: desafios da pós-globalização**. São Paulo: Hacker, 2004.
- CARREIRÃO, Yan de Souza; ROSSO, Aline Louize Deliberali. O campo político e o campo jornalístico: influências políticas na produção da notícia na editoria de política do Diário Catarinense. In: ENCONTRO DA COMPOLÍTICA, 4., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política, 2011.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CONCESSÕES de rádio e TV: onde a democracia ainda não chegou. **Informativo Intervozes**, [S.l.], nov. 2007. Disponível em: <<http://www.intervozes.org.br/arquivos/interrev001crtodnc>>. Acesso em: 26 nov. 2014.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). Brasília, DF, 2015. Disponível em: <www.capes.gov.br>. Acesso em: 10 jan. 2015.
- COSTA, Márcia Rodrigues da. Por um estudo do cotidiano do jornalista: em busca da desmistificação. **Revista Líbero**, São Paulo/SP, v. 16, n. 31. Jan./jun. 2013.
- GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.
- GIDDENS, Anthony. **Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GOUVEIA, Hialley. **Aos 33 anos SBT promete manter linha editorial escrita por Silvio Santos em 1988**. 14 ago. 2014. Blog. Bastidores da TV. notícias sobre TV, rádio, celebridades, audiências e séries para os internautas. Disponível em: <www.bastidoresdatv.com.br/televisao/aos-33-anos-sbt-promete-manter-linha-editorial-escrita-por-silvio-santos-em-1988>. Acesso em: 10 jan. 2015.

GRUPO RBS. **Quem somos**. Guia de ética e autorregulamentação jornalística. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <www.gruporbs.com.br/politica>. Acesso em: 15 nov. 2014.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: teoria e política**. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2001.

MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática: entrevistas**. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2012.

_____. (Org.). **Entrevista: na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo político**. São Paulo: Contexto, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOREIRA, Carlos André. O que ganha força e o que se enfraquece com a formação de um Congresso mais conservador. **ZH Caderno PrOA**, Porto Alegre, 11 out. 2014. Disponível em: <zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2014/10/o-que-ganha-forca-e-o-que-se-enfraquece-com-a-formacao-de-um-congresso-mais-conservador-4618496.html>. Acesso em: 16 jan. 2015.

PORCELLO, Flávio A. C. Mídia e poder: o que esconde o brilho luminoso da tela da TV? **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 31, dez. 2006.

RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa. **Relação deputados estaduais Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <www.al.rs.gov.br/deputados/ListadeDeputados.aspx>. Acesso em: 06 fev. 2014.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Comunicação e política**. São Paulo: Hacker, 2000.

THOMPSON, John B. **O escândalo político**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, SP: Atlas, 2007.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 40, dez. 2009. Disponível em: <<http://132.248.9.34/hevila/RevistaFAMECOS/2009/no40/10.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

_____; PORCELLO, Flávio; COUUTINHO, Iluska (Org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis, SC: Insular, 2010.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. Petrópolis: Vozes, 2004.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação: Mass Media – contextos e paradigmas**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

APÊNDICE A - AS SEMELHANÇAS NA ROTINA DO REPÓRTERES

	SBT	RBS TV	BAND	TVE	TV RECORD
1)Dados pessoais: nome, formação, ano de graduação e experiência	Começou atuando em rádio; foi setorista de política;	Começou atuando em rádio; foi setorista de política;	Começou atuando em rádio; foi setorista de política;	Começou atuando em rádio;	Começou atuando em televisão.
2)Em que momento e por que pensou em fazer jornalismo?					
3) No jornalismo político, qual a maior dificuldade para o repórter?	“Elaborar a reportagem da forma mais imparcial possível.”				“Tentar ser o mais imparcial possível”. No jornalismo político, a informação tem que ser a mais isenta possível.”
4) Existem táticas para o repórter tentar minimizar o erro ou o engano do repórter, mentira do entrevistado, imagem que ele queira passar através da imprensa?					
5) Como um repórter de política deve se preparar para uma pauta política? (o que lê?) Quem entrevista antes? Faz anotações?	“Conhecer os políticos, partido e história política.”	“Conhecer os políticos, que sigla representam e a história daquele candidato.”		“O repórter precisa buscar informações sobre o assunto na internet, ler livros que tratem sobre o tema e ouvir fontes que entendam da pauta”.	O ideal sempre é pesquisar, ir pra internet, saber o máximo possível sobre o assunto.”
6) Onde você busca inspiração para as reportagens					

políticas?		“Em livros que tratam sobre a política no país.”		“Em livros que falam sobre a política brasileira.”	
7) Que leituras são fundamentais para um jornalista que cobre política?	“Ler jornais, assistir a telejornais e ouvir rádio.”		“Ler jornais, ver o que os telejornais estão noticiando e escutar rádio.”		“Diariamente os jornalistas têm que ler jornais e ouvir rádio.. leitura de jornal é a base pro teu dia. Ajudam a você explorar mais o assunto.”
8) Entender de política é importante para as pessoas?	“Sim, para que as pessoas saibam o que cobrar dos políticos.”	Sim, para que a população possa cobrar aquilo que foi promessa de campanha.”	Sim, para que os políticos possam cumprir o que foi prometido durante os programas políticos.”	Sim, para que o povo cobre seus direitos e as promessas de campanha.”	“Sim, para que as pessoas tomem direcionamento para que as reclamações tenham um fim., tenham resultado. Saber por que tá lutando.”
9) Na sua avaliação, por que a população está tão desacreditada na política?					
10) A mídia, em sua cobertura, contribui para este distanciamento?					
11) Que entraves podem prejudicar (ou costumam prejudicar) a produção de uma pauta de política, a entrevista ou edição?					
12) É possível reverter este cenário, como?	“Sim, tentando tornar o jornalismo político mais equilibrado, valorizando o espectador/eleitor”	“Sim, com mais equilíbrio no jornalismo e dando mais voz às pessoas.”	“Sim, mas para isso as matérias deveriam ser mais equilibradas.”	Sim, mas o jornalismo político exige que se equilibre os lados abordados na matéria.”	
13) É preciso repensar o modo de fazer jornalismo político?	“Sim, é preciso repensar a cobertura do jornalismo	Sim, temos que repensar o jeito de fazer	Sim, é preciso repensar a cobertura para	Sim, é urgente pensar em outra forma de	“Sim, é preciso renovar o discurso, saber como o público se comporta. Não adianta eu entender muito de política e

	político.”	jornalismo em tevê.”	televisão.”	mostrar política.” a	não saber como o meu público se comporta.”
14) Como o jornalista pode agir para mostrar que a política faz parte da realidade das pessoas?					
15) Que dicas você deixaria para quem está começando a cobrir jornalismo político?					

APÊNDICE B - AS DIFERENÇAS NA ROTINA DOS REPÓRTERES

	SBT	RBS TV	BAND	TVE	TV RECORD
1) Dados pessoais: nome, formação, ano de graduação e experiência					
2) Em que momento e por que pensou em fazer jornalismo?	Interessava-se por outras áreas; pensou em fazer educação física;	Interessava-se por outras áreas; pensou em fazer história.;	Desde criança; sempre gostou de ler; queria trabalhar com jornalismo impresso;	Sempre gostou de ouvir e contar histórias; recriava histórias através daquelas que estavam nos gibis	O primeiro curso pelo qual se interessou foi psicologia.
3) No jornalismo político, qual a maior dificuldade para o repórter?		“Apurar a informação com precisão.”	“Entender e traduzir “segundas” intenções das fontes, para não ser induzido.”	“Não “reverenciar” a opinião pública, para não reproduzir somente aquilo que é noticiado na maioria dos veículos.”	
4) Existem táticas para o repórter tentar minimizar o erro ou o engano do repórter, mentira do entrevistado, imagem que ele queira passar através da imprensa?	“Omitir informações na reportagem, se sabe que vai se prejudicar ou prejudicar um partido ou político.”	“Apurar as informações da pauta à exaustão.”	“Pressionar o político para que ele diga em que o anúncio de uma obra ou projeto vai impactar na vida das pessoas.”	“Nunca ir direto ao ponto (assunto principal da entrevista ou reportagem) para que o político se sinta seguro para falar.”	“Não comprar o discurso de um político como uma verdade”
5) Como um repórter de política deve preparar para uma pauta política? (o que lê? Quem entrevista antes? Faz			“Deve conversar muito com o cinegrafista e sair da redação em sintonia com o colega. Dizer, antes, que imagens serão necessárias para		

anotações?			reportagem/entrevista.”		
6) Onde você busca inspiração para as reportagens políticas?	“Nas reclamações que chegam da comunidade.”		“No perfil do telespectador para quem determinada reportagem está sendo feita.”		“Nas emissoras de canal fechado, cujos jornais tem o editorial mais voltado pra política.”
7) Que leituras são fundamentais para um jornalista que cobre política?		“Livros que mesclam história e jornalismo no Rio Grande do Sul e no Brasil.”		“Clássicos da teoria do jornalismo e livros escritos por repórteres.”	
8) Entender de política é importante para as pessoas?					
9) Na sua avaliação, por que a população está tão desacreditada na política?	“Porque as pessoas estão cansadas de esperar resultados das promessas de campanha.”	“Porque se iludem com as promessas e porque o marketing político acaba criando expectativas frustradas.”	“Porque a população acaba se confundindo com o grande número de siglas e porque saber de cada uma delas não interessa para as pessoas.”	“Porque a mídia acaba mostrando, na maioria das vezes, os casos de corrupção. As pessoas só se deparam com o lado negativo da política.”	“Porque o espaço pra tratar de política, de temas tão importantes, ainda é muito curto.”
10) A mídia, em sua cobertura, contribui para este distanciamento?	“Sim, porque segue reproduzindo o jornalismo político do modelo antigo, sem contextualizar, explicar para população os temas abordados.”	“Pelo contrário. Depois dos protestos de junho de 2013 pôde-se ouvir, ver e ler mais sobre questões políticas.”	“Sim, porque não se traduz a linguagem política para população.”	“Sim, porque os veículos são tendenciosos, omitem o outro lado e as pessoas percebem esta prática.”	“Sim, porque tu precisas fazer uma matéria rápida. Falta tempo para produzir e espaço para veicular.”
11) Que entraves podem prejudicar (ou costumam prejudicar) a produção de uma pauta política, a entrevista ou edição?	“Deixar-se influenciar pelo discurso de candidatos ou daqueles que já ocupam um cargo político, aceitar repercutir uma denúncia que	“Não saber identificar com precisão a informação, não saber diferenciar o que é informação verdadeira do que é	“Interesses comerciais, não conseguir captar a imagem que pretendia mostrar, para que as pessoas pudessem entender a relação do que está sendo mostrado com suas vidas.”	“Dar espaço desigual aos candidatos ou políticos na reportagem/entrevista, por orientação da chefia.”	“As matérias ainda são muito quadradas. É preciso fazer uma abordagem diferente.”

	pode ter “segundas” intenções e acreditar em “informações exclusivas”.	boato.”			
12) É possível reverter este cenário, como?					“O jornalismo político precisa se renovar, para que a mensagem chegue para um público que está a fim de recebê-la.”
13) É preciso repensar o modo de fazer jornalismo político?					
14) Como o jornalista pode agir para mostrar que a política faz parte da realidade das pessoas?	“Mostrando mais perto os problemas do bairro e da comunidade. Instruindo as pessoas a cobrar dos políticos.”	“Percebendo o jornalismo político pela ótica do cidadão. As pessoas só vão se interessar por política quando perceberem a repercussão que os temas abordados terão em suas vidas.”	“Tornando a linguagem do jornalismo político mais coloquial, traduzindo o que é falado nas reportagens e entrevistas.”	“O repórter deve mostrar para o cidadão que todos os dias ele tá fazendo política, seja quando frequenta a padaria, conversa com o vizinho ou quando vai trabalhar. A partir daí, o interesse pelo jornalismo político vai aumentar.”	1) “Fazendo matérias que envolvam o povo na reportagem, mostrando que aquilo tem tudo a ver com o povo. Essa é uma abordagem que pode dar certo.”
15) Que dicas você deixaria para quem está começando a cobrir jornalismo político?	“Não ir para a cobertura política indignado achando que todos os políticos são corruptos. Não ficar “preso” às pautas nacionais. Procurar sempre saber o que está acontecendo no seu bairro, na sua cidade.”	“Não se deixar seduzir pelo poder. Ser sempre leal com o teu público.”	“Preocupar-se com as pessoas que são influenciadas pelas decisões políticas. Não violar de forma obscura seus princípios éticos de jornalista. Interessar-se por política.”	“Nunca basear-se em apenas uma fonte. Quando for argumentar, procurar ter equilíbrio, para não pender mais para um lado que para outro.”	“Ler bastante sobre jornalismo político, absorver referência de outros profissionais. Se tiver contato com profissionais mais experientes, que trabalham com política, melhor; pegar dicas, macetes.”

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO 1: ENTREVISTA COM OS REPÓRTERES

- 1) Dados pessoais: nome, formação, ano de graduação, tempo de experiência profissional...
- 2) Em que momento e por que pensou em fazer jornalismo?
- 3) No jornalismo político, qual o maior desafio para o repórter?
- 4) Existem táticas para tentar minimizar o erro ou o engano?
- 5) Como um repórter de política deve se preparar para proceder a uma boa reportagem?
- 6) Onde você busca inspiração?
- 7) Que tipo de leituras são fundamentais para um jornalista que cobre política?
- 8) Por que entender de política é importante para a formação das pessoas?
- 9) Na sua avaliação, por que a população está tão desacreditada na política?
- 10) A mídia, em sua cobertura, contribui para este distanciamento?

- 11) Que entraves podem prejudicar (ou costumam prejudicar) a produção de uma pauta política?

- 12) É possível reverter este cenário, como?

- 13) O modo de se fazer jornalismo político precisa ser reinventado?

- 14) Que mecanismos o repórter de política poderia lançar mão para tornar mais próximo da realidade do receptor os temas que permeiam esta área?

- 15) Que dicas você deixaria para quem está começando a cobrir este setor no jornalismo?

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO 2: ENTREVISTA COM OS REPÓRTERES/ MANIFESTAÇÕES JUNHO 2013

- 1) Como se deu a escalação do repórter para a cobertura das manifestações de junho de 2013? Houve um esquema de rodízio?
- 2) Na tua avaliação, houve reflexos das manifestações nas eleições de 2014?
- 3) Tu caracterizarias a cobertura das manifestações como singular na tua carreira?
- 4) Qual a tua avaliação sobre a repulsa dos manifestantes com relação à presença da mídia?
- 5) Tu acreditas que esta reação possa estar associada à concepção de manipulação das notícias?
- 6) Qual a tua avaliação sobre a presença dos *blackblocks* e outros manifestantes que preferiram não se identificar?
- 7) As manifestações foram em vão ou deixaram marcas no contexto social?
- 8) A emissora fez um monitoramento/avaliação da cobertura?
- 9) A rotina de trabalho na redação sofreu alterações? Era comum fazer hora-extra?
- 10) Os repórteres receberam instruções específicas para cobertura das manifestações?

- 11) Durante as reuniões de pauta, era comum fazer uma avaliação das reportagens exibidas sobre as manifestações?
- 12) Tu chegaste a te sentir ameaçado(a) ou sentir medo durante a cobertura?
- 13) Alguns manifestantes acusaram a polícia de abuso de poder. Qual a tua percepção, enquanto repórter, da atuação da polícia nas manifestações?
- 14) Que imagem ou depoimento fica das manifestações de junho de 2013?